



**FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO**

**DIRETORIA DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL E INOVAÇÃO**

**MESTRADO PROFISSIONAL DE SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL**

**FABIANE MARIA BARACHO GAMA DE AMORIM**

**AUTOMUTILAÇÃO EM CONTEXTOS ESCOLARES: PROPOSTA  
FORMATIVA PARA DOCENTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

**RECIFE**

**2024**

**FABIANE MARIA BARACHO GAMA DE AMORIM**

**AUTOMUTILAÇÃO EM CONTEXTOS ESCOLARES: PROPOSTA  
FORMATIVA PARA DOCENTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional da Fundação Joaquim Nabuco, na modalidade intervenção pedagógica, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Linha de Pesquisa: Prática de ensino e conteúdos curriculares.

Orientador: Prof. Dr Alexandre Zarias

RECIFE

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Fundação Joaquim Nabuco - Biblioteca)

A524a Amorim, Fabiane Maria Baracho Gama de

Automutilação em contextos escolares: proposta formativa para docentes da educação básica. / Fabiane Maria Baracho Gama de Amorim. - Recife: O Autor, 2024.

139 p.: il.

Orientadora: Dr. Alexandre Zarias

Trabalho de conclusão de curso (Mestrado) – Programa de Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional – ProfSocio, Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 2024

Inclui bibliografia

1. Educação. 2. Ensino, Material Didático. 3. Automutilação. I. Zarias, Alexandre, orient. II. Título

CDU: 371.67:616.89-008.441.45

## FOLHA DE APROVAÇÃO

Fabiane Maria Baracho Gama de Amorim

AUTOMUTILAÇÃO EM CONTEXTOS ESCOLARES: PROPOSTA FORMATIVA  
PARA DOCENTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Trabalho Aprovado em 30 de setembro de 2024 em banca online

BANCA EXAMINADORA COM PARTICIPAÇÃO REMOTA

Prof. Dr. Alexandre Zarias

Orientador/ examinador Titular Interno- ProfSocio/ Fundaj

Profa. Dra. Viviane Toraci Alonso de Andrade

Examinadora Titular Interna- ProfSocio/ Fundaj

Prof. Dr. Irapuan Peixoto Lima Filho

Examinador Titular Externo- UFC

A meus estudantes.  
À minha família.  
À minha amada mãe (*in memoriam*).  
A meu esposo e filhos.  
Com afeto.

## AGRADECIMENTOS

São muitos os que me impulsionaram até aqui, e seria injusto esquecer alguém. Vamos começar agradecendo aos responsáveis pelo despertar dessa vontade de estudar a automutilação e me dedicar a pensar em como passar isso aos docentes: os estudantes. Eles me mostraram que havia algo errado, que eu precisava pesquisar para entender um pouco mais sobre esse fenômeno crescente que é a automutilação. Aos meus amados estudantes, minha gratidão. Ouvir vocês e procurar entendê-los é tudo o que tenho feito desde que decidi dedicar minha vida profissional à educação.

A Deus, essa força suprema, causa primeira de todas as coisas, minha gratidão por não me deixar desistir nos momentos difíceis, nas horas em que doía pesquisar, nas leituras que me mostravam o quanto sou impotente diante da dor daqueles que se automutilam, me mantendo diante de tudo sã, na medida do possível.

Aos meus companheiros de trabalho, que me incentivaram muito e se disponibilizaram a me ajudar sempre que precisei de apoio para ler ou pesquisar; àqueles que me cobravam para escrever e me mandavam ir embora para casa, preocupados comigo; e aos meus professores, que são os melhores do mundo, atendem nossos estudantes dessa forma humana e sabem que fazendo por eles estão fazendo por mim, minha gratidão.

Aos amigos que o mestrado me deu, Rosana, Roderick e Monia, nosso quarteto fantástico, meus amigos, sem vocês eu nem sei como seria. Tenho sorte na vida, e isso se traduz em amigos leais que nos motivam e amparam nos momentos de dificuldade. Obrigada pelas horas de estudo, pelos trabalhos apresentados nas disciplinas juntos, pelas divergências e convergências. Tudo o que compartilhamos fez a diferença.

Ao meu pai, que me ensina todos os dias com seu exemplo que tudo é possível. Homem negro, periférico, trabalhador da construção civil, que formou suas filhas dizendo que ele não era doutor, mas as filhas dele seriam. Ele não sabe que o maior aprendizado que tive na vida foi dado por ele: fazer o que me compete com decência e otimismo. Obrigada, pai, por tudo.

À minha mãe, em memória, pois não houve neste mundo alguém que acreditasse tanto em mim quanto ela. Celebrava todas as minhas conquistas, e sei que, onde quer que esteja

neste universo, está olhando por mim e torcendo sempre, pois sua presença é sentida em tudo o que faço e vivo.

Aos meus filhos Alex, Samuel e João Guilherme Baracho, que, desde que chegaram na minha vida ao mesmo tempo, e se tornaram os meus trigêmeos de idades diferentes, me transformaram em outra pessoa. Me preocupo com um mundo justo para todos com muito mais força, porque eles existem, e meus doces anjos merecem esse mundo que idealizo.

Meus profundos agradecimentos ao meu companheiro de vida, João Leonardo, que ficava as noites acordado lendo parágrafos para me ajudar. Ele é a melhor pessoa que conheço, e olhe que conheço muita gente. Obrigada, meu amor, por tudo. Você é uma pessoa que encoraja e faz a diferença na minha vida.

Aos meus irmãos, de sangue e de alma, que estavam sempre na torcida, Erica Baracho e Oscar Neto, em especial a Oscar, que me apresentou ao ProfSocio, que me falou da possibilidade de cursar uma disciplina e aí me apaixonei pelas ciências sociais e vi que era possível construir em mim uma geógrafa convicta, capaz de pensar sociologicamente. Gratidão por tudo.

Ao meu orientador, o professor doutor Alexandre Zarias, que pacientemente entendeu minhas limitações humanas e fragilidades que surgiram ao longo do caminho, e conduziu tudo com paciência. Obrigada, professor, sou eternamente grata.

Aos professores do Profsocio Fundaj que se dedicaram em suas aulas, contribuindo para a minha formação, me rerepresentando coisas e temas que eu já conhecia, mas lapidando o meu olhar, meu muito obrigada. Carrego cada um de vocês na minha bagagem de boas memórias e conhecimento. Sou muito grata por tudo.

Por fim, e não menos importante, aos cursistas do curso Automutilação, Cutting: Orientação para Docentes. Muito obrigada pelas noites de trocas de conhecimento, pela disponibilidade de viabilizar essa troca. Gratidão por tudo.

*“O corpo torna-se um refúgio, um lugar sem lugar para o indivíduo se dissolver, para não fazer mais sua parte, um meio de enclausurar-se nas profundezas da própria carne fechando a consciência por dentro e por fora.”*

**(David Le Breton)**

## RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como objetivo descrever a experiência de ensino que combinou uma intervenção pedagógica com a produção de material didático no âmbito do Mestrado Profissional de Sociologia e Rede (ProfSocio). A intervenção consistiu na oferta de um curso de curta duração, que visou orientar e apoiar os docentes que lidam com situações contemporâneas de automutilação entre jovens estudantes. A intervenção pedagógica buscou compreender como a automutilação ocorre entre os jovens e ouvir os professores para entender como o diálogo sobre essa temática está sendo conduzido atualmente nas escolas. O curso foi realizado todas as terças e quintas-feiras, de 09 de abril a 02 de maio de 2024, das 19h às 21h, na plataforma Google Meet, de forma síncrona, contamos com doze participantes. A carga horária total do curso foi de 16h. O Curso foi oferecido a docentes da educação básica de todas as áreas de conhecimento. A intervenção abordou o conceito e os impactos da automutilação, com foco especial na autolesão deliberada e nos fatores sociais que contribuem para esse fenômeno. Destaca-se que, na ausência de orientação adequada, a automutilação representa um desafio significativo para as escolas e a comunidade educacional como um todo. Nesse sentido, o principal objetivo foi capacitar os docentes, fornecendo informações e formação baseadas na sociologia, para que pudessem compreender melhor esse fenômeno complexo. Ao oferecer esse suporte educacional, o curso buscou apresentar aos professores ferramentas para identificar sinais de automutilação, promover um ambiente de apoio e intervenção adequada, e ajudar a comunidade escolar a lidar com essa questão delicada e cada vez mais prevalente entre os jovens. Portanto, o material desenvolvido visa não apenas a informar, mas também capacitar os professores a lidar com a automutilação, contribuindo para um ambiente escolar mais seguro, de escuta e consolidação do conhecimento com um olhar sociológico.

**Palavras-chave:** automutilação; professores; formação; intervenção.

## **ABSTRACT**

This Final Project aims to describe the teaching experience that combined a pedagogical intervention with the development of educational material within the framework of the Professional Master's in Sociology and Network (ProfSocio). The intervention involved offering a short-term course designed to guide and support educators dealing with contemporary issues of self-harm among young students. The pedagogical intervention sought to understand how self-harm occurs among young people and to listen to teachers to comprehend how the dialogue about this topic is currently being conducted in schools. The course was held every Tuesday and Thursday from April 9 to May 2, 2024, from 7 PM to 9 PM, on the Google Meet platform in a synchronous format, with twelve participants. The total course load was 16 hours. The course was offered to basic education teachers across all subject areas. The intervention covered the concept and impacts of self-harm, with a special focus on deliberate self-injury and the social factors contributing to this phenomenon. It is emphasized that, in the absence of adequate guidance, self-harm presents a significant challenge for schools and the educational community as a whole. In this sense, the primary goal was to empower teachers by providing information and training based on sociology to help them better understand this complex phenomenon. By offering this educational support, the course aimed to present teachers with tools to identify signs of self-harm, promote a supportive environment and appropriate intervention, and assist the school community in dealing with this delicate and increasingly prevalent issue among young people. Thus, the developed material aims not only to inform but also to empower teachers to address self-harm, contributing to a safer school environment with a focus on listening and consolidating knowledge from a sociological perspective.

**Keywords:** Self-harm; teachers; training; intervention

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> : Tempo de docência .....	61
<b>Gráfico 2</b> : Quem Conhecia o Manual .....	66
<b>Gráfico 3</b> : Quem conseguiu ter contato com o texto .....	68
<b>Gráfico 4</b> : Análise sobre a relevância da informação .....	68
<b>Gráfico 5</b> : A contribuição do Material .....	70

## LISTA DE IMAGENS

<b>Imagem 1</b> - Espaço de Sala de Aula Virtual .....	54
<b>Imagem 2</b> - Capa do Guia Prático para Docentes .....	65
<b>Imagem 3</b> - Fórum 1 .....	69
<b>Imagem 4</b> - O que achou do manual .....	70
<b>Imagem 5</b> - Nota do Instituto Federal do Maranhão .....	71
<b>Imagem 6</b> - Apresentação da live .....	71
<b>Imagem 7</b> - Boletim de saúde mental .....	76
<b>Imagem 8</b> - Segundo Fórum do espaço virtual de sala de aula .....	77
<b>Imagem 9</b> - Conceituando automutilação .....	78
<b>Imagem 10</b> - Vídeos da aula 2.....	79
<b>Imagem 11</b> - Texto da aula .....	83
<b>Imagem 12</b> - Automutilação na escola .....	84
<b>Imagem 13</b> - Informação sobre a escola .....	86
<b>Imagem 14</b> - Contribuição das ciências sociais .....	90
<b>Imagem 15</b> - Espaço virtual de sala de aula .....	91
<b>Imagem 16</b> - Texto de Le Breton .....	93
<b>Imagem 17</b> - Canal do youtube Fundaj .....	94
<b>Imagem 18</b> - palestra de Henrique Landim Canal do youtube Fundaj .....	96
<b>Imagem 19</b> - Canal do youtube Fundaj .....	97

<b>Imagem 20</b> - Canal do youtube Fundaj .....	98
<b>Imagem 21</b> - Estado emocional de quem se automutila .....	98
<b>Imagem 22</b> - Apresentação de Henrique Landim -Caps .....	100
<b>Imagem 23</b> - Canal do youtube Fundaj .....	101
<b>Imagem 24</b> - Canal do youtube Fundaj .....	101
<b>Imagem 25</b> - Rede de acolhimento .....	102
<b>Imagem 26</b> - Espaço virtual de sala de aula .....	103
<b>Imagem 27</b> - Saúde mental e educação .....	104
<b>Imagem 28</b> - Espaço virtual de sala de aula .....	106
<b>Imagem 29</b> - Aula 7 texto principal, Espaço virtual de sala de aula .....	110
<b>Imagem 30</b> - Aula 7, Espaço virtual de sala de aula .....	111
<b>Imagem 31</b> - Aula 8, Espaço virtual de sala de aula .....	113
<b>Imagem 32</b> - Aula 8, Vídeo suporte- Espaço virtual de sala de aula .....	114

## LISTA DE QUADROS E TABELAS

<b>Quadro 1</b> - O que Prevê a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio .....	46
<b>Quadro 2</b> - Cronograma das atividades .....	56
<b>Quadro 3</b> - Questões e comentários do chat da Live .....	64

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>17</b>
<b>2 AUTOMUTILAÇÃO E FORMAÇÃO.....</b>	<b>23</b>
2.1 Automutilação e Autoimagem: Aproximações Sociológicas .....	29
2.2 Estado da Arte .....	35
2.3 Formação dos Professores .....	44
<b>3 AUTOMUTILAÇÃO, ORIENTAÇÃO PARA DOCENTES .....</b>	<b>51</b>
3.1 Ambiente Virtual .....	52
3.2 Descrição dos Encontros .....	56
3.3 Sobre a intervenção e o objeto de estudo.....	58
3.4 Perfil dos Professores que realizaram o curso .....	59
<b>4 AULAS DO CURSO .....</b>	<b>62</b>
4.1 Aula 1 - Guia Prático Como Lidar Com a Automutilação .....	63
4.2 Aula 2 - Conceituando Automutilação .....	72
4.3 Aula 3 - Automutilação na Escola Uma Demanda a Mais para o Docente .....	81
4.4 Aula 4 - Qual a Contribuição das Ciências Sociais nos Estudos Sobre a Automutilação .....	88
4.5 Aula 5 - Centro de Acolhimento Psicossocial (CAPS) .....	94
4.6 Aula 6 - Saúde Mental e Educação .....	104
4.7 Aula 7 - A Automutilação em Uma Narrativa Escolar .....	107
4.8 Aula 8 - Avaliando o Curso .....	112
<b>5 RESULTADOS .....</b>	<b>116</b>

5.1 Avaliação Geral do curso Sobre a Ótica do Autor e do Cursista .....	117
<b>6 CONCLUSÃO .....</b>	<b>119</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>122</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>125</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso (TCC) é o resultado do curso de formação para professores que ocorreu na plataforma digital Google Sala de Aula<sup>1</sup>. Ele descreve a experiência de ensino que combina o curso de formação para professores em automutilação com a produção e o material didático disponível no Google Sala de Aula, obedecendo aos parâmetros do curso de Mestrado Profissional da Fundação Joaquim Nabuco (ProfSocio). O curso foi ofertado nos meses de abril e maio de 2024, durante o qual foram realizados também seminários sobre automutilação, um deles sobre a cartilha de automutilação e o outro sobre a rede de assistência às pessoas que praticam a autolesão. O curso de formação continuada contou com doze inscritos, que faziam parte de unidades de ensino de educação básica de municípios e estados variados do Brasil, atendemos dois cursistas de Penedo em Alagoas, um do município de Abreu e Lima, uma cursista de Camaragibe região metropolitana do Recife, e os demais todos da cidade do Recife. As aulas foram vivenciadas de forma síncrona pela plataforma Google Meet<sup>2</sup>, o que possibilitou que profissionais de várias localidades do país pudessem participar. O curso teve duração de 16 horas, divididas em duas horas por encontro.

Há 18 anos, iniciei minha trajetória como funcionária pública, atuando como professora de Geografia por 10 anos na mesma escola onde exerço a função de gestora há 8 anos. Ao ingressar na instituição, deparei-me com uma comunidade escolar acolhedora, mas profundamente marcada por problemas sociais estruturais, refletindo um contexto de pobreza extrema e desafios que iam muito além da falta de infraestrutura. Desde o início, compreendi que meu papel demandaria mais do que as atribuições docentes tradicionais, dada a complexidade das questões que afetavam o aprendizado e a continuidade dos estudos dos estudantes, especialmente no que diz respeito à construção de suas identidades pessoais.

Entre os comportamentos que chamaram minha atenção estavam sinais de isolamento extremo, silêncio constante e atitudes como o uso de casacos que cobriam todo o corpo, mesmo em dias de intenso calor. Aos poucos, à medida que estabelecia vínculos de confiança com alguns estudantes, comecei a compreender que tais comportamentos estavam associados

---

<sup>1</sup> Google Sala de Aula - Trata-se de um espaço virtual onde ocorre o processo de ensino e aprendizagem de forma digital. Disponível na plataforma: [https://edu.google.com/intl/ALL\\_br/get-products](https://edu.google.com/intl/ALL_br/get-products). Acesso em: 21 mar. 2024.

<sup>2</sup> Google Meet - Espaço digital que possibilita a interação entre pessoas em espaços territoriais diferentes de forma síncrona. Disponível através da plataforma: <https://workspace.google.com/intl/pt-BR/products/meet/>. Acesso em: 02 abr. 2024.

à prática da automutilação. A primeira vez que levei um caso à gestão escolar, a resposta foi de desamparo: recomendou-se que não interviesse, sob a alegação de que o envolvimento da família seria ineficaz, com insinuações de que o comportamento poderia estar relacionado ao uso de drogas, um problema persistente na comunidade.

Insatisfeita com essa resposta, busquei alternativas dentro de minhas possibilidades. Ofereci escuta atenta, orientei os jovens a buscar ajuda psicológica e tentei motivá-los com perspectivas de futuro, embora nem sempre tivesse sucesso. Com o passar dos anos, percebi que o fenômeno da automutilação tornou-se ainda mais visível. Os cortes, antes ocultados, passaram a estar mais expostos, não como forma de exibição, mas por uma aparente normalização do ato, o que considero preocupante, dado o risco de reforço por imitação entre os pares.

Essa experiência reforça a necessidade de aprofundar o debate sobre o impacto de contextos sociais adversos na saúde mental dos estudantes, bem como de implementar políticas educativas que articulem suporte emocional, acolhimento e estratégias de prevenção de comportamentos autolesivos no ambiente escolar.

Ao definirmos automutilação e pontuarmos que não se trata de um fenômeno recente, mas que sua discussão e compreensão ainda são limitadas, destacamos a necessidade de um amplo debate sobre o tema. O fenômeno tem se tornado mais visível entre os jovens, o que ressalta a urgência de expandir as pesquisas e a conscientização sobre o tema, por meio da formação continuada de docentes e profissionais ligados à educação. Diante do aumento dos casos de automutilação e da necessidade de uma resposta educacional adequada, o curso de formação continuada para professores é de fundamental importância. O curso teve o intuito de fornecer informações detalhadas, numa perspectiva sociológica, sobre o comportamento de jovens, suas possíveis causas, sinais de alerta e estratégias de intervenção para casos de automutilação. Isso ajuda os professores a reconhecerem e compreenderem melhor os sinais e a oferecer apoio adequado.

O curso orientou os docentes a abordar o tema da automutilação com sensibilidade, evitando estigmatizar ou rotular os estudantes. Enfatizou-se a importância de empatia e ausência de julgamentos para criar um ambiente seguro de discussão, promovendo políticas e práticas escolares voltadas à prevenção e conscientização sobre o tema.

Também foi apresentada a Lei 13.819, de 26 de abril de 2019, que trata da prevenção à automutilação e ao suicídio. O objetivo foi destacar a relevância do apoio à saúde mental e a orientação às famílias e gestores públicos, conforme preconizado pela legislação. Essa abordagem reforça que a temática é uma preocupação pública essencial diante do aumento desses casos no país.

O curso teve ainda como um dos principais objetivos, incentivar a escuta das demandas dos cursistas em relação ao conhecimento sobre práticas autolesivas, uma vez que o aumento dos casos de automutilação nas escolas apresenta um grande desafio para os educadores. Vemos na formação continuada para docentes uma medida que pode ajudar a mitigar esse problema. Dar suporte aos docentes com o conhecimento e as habilidades necessárias para enfrentar essa questão com eficácia foi um dos objetivos do curso. Acreditamos que, ao proporcionar uma compreensão mais profunda e recursos adequados, podemos fortalecer o papel dos professores e contribuir para um ambiente escolar em que a discussão ocorra de maneira assertiva, por meio das informações e trocas.

No artigo publicado em dezembro de 2019 por Francielly Cardoso Vieira<sup>3</sup>, na Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento, aborda-se como os processos autolesivos são uma questão de saúde pública, atingindo diversas pessoas de faixas etárias distintas e camadas sociais diversas, tirando do rastreo uma ação de um único perfil de praticantes.

O corpo, cada vez mais, está sendo utilizado como forma de expressar a sua própria subjetividade e a subjetividade do meio que está inserido. O corpo é uma forma de comunicação com o meio, utilizada muitas vezes como válvula de escape para sofrimentos e angústias que o indivíduo se depara no decorrer de sua vida (Vieira, 2019, p. 4).

As pesquisas sobre autolesão estão ligadas às ciências da saúde, principalmente nas áreas de psicologia e psiquiatria, e às ciências sociais, que, por sua vez, contribuem avaliando os efeitos das relações sociais nas práticas autolesivas, visualizando como o jovem reage às modificações promovidas por seus grupos sociais a todo momento. Nossa intervenção pedagógica visa entender os conflitos sociais presentes na vida dos estudantes, apresentando informações que servem como material de apoio e consulta para docentes que precisam lidar com a autolesão. A forma como o jovem se vê e como reage às pressões sociais é um

---

<sup>3</sup> VIEIRA, Francielly Cardoso. **Automutilação e saúde pública: desafios da contemporaneidade**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 04, Ed. 12, v. 02, pp. 81-101. Dezembro de 2019.

elemento importante de estudo em nossa intervenção. Entendemos que os processos autolesivos não são apenas provocados por distúrbios psiquiátricos ou psicológicos, como apontam as ciências da saúde, mas que o contexto social e os grupos sociais existentes também são fatores importantes no desencadeamento da prática da automutilação. A relevância do tema é evidenciada pelos altos índices de jovens que se autolesionam nas escolas e pela falta de um número suficiente de trabalhos e pesquisas que abordem o assunto em sua totalidade. Entende-se que a prática da automutilação está relacionada a questões do convívio doméstico, à forma como o jovem se percebe no meio social, às pressões emocionais, ao *bullying*<sup>4</sup>, à reprodução ou repetição de comportamentos, ao comportamento de grupo, além de outros fatores que colaboram para a prática da automutilação.

O mundo moderno impõe uma série de desafios únicos para a juventude de hoje. A velocidade das mudanças tecnológicas e sociais, juntamente com a globalização e a conectividade instantânea, criam uma pressão social intensa que pode afetar profundamente os jovens. Primeiramente, a tecnologia e a mídia social desempenham um papel central. Os jovens estão constantemente expostos a uma imagem idealizada de sucesso, felicidade e realização, muitas vezes distante da realidade. Isso pode criar expectativas irreais e uma sensação de inadequação quando se comparam aos outros. Além disso, as oportunidades e os desafios do mercado de trabalho estão em constante evolução, o que pode gerar ansiedade sobre o futuro profissional, especialmente quando se espera que os jovens façam escolhas educacionais e de carreira cada vez mais cedo.

As relações sociais também são influenciadas pela modernidade, que nos é imposta de maneira latente. A comunicação digital substituiu, em parte, a interação pessoal, o que pode impactar o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais dos estudantes. Além disso, a pressão para estar sempre conectado e disponível pode levar a um aumento do estresse e da falta de privacidade, muitas vezes considerada natural como parte dos novos tempos. Os jovens modernos enfrentam um desafio único ao equilibrar sua identidade virtual com a real. Isso pode resultar em uma pressão para cultivar uma imagem pública que nem sempre reflete quem a pessoa realmente é. A automutilação vem comprometendo a vida de muitos jovens, sobretudo daqueles que estão inseridos em espaços sociais onde o poder público não está

---

<sup>4</sup> *Bullying*: é o ato sistemático de importunação, ameaça e de uso de violência, física ou emocional, sobre um indivíduo por uma ou mais pessoas. *Bullying na Escola - Sociologia - InfoEscola*. Disponível em: <https://www.infoescola.com/sociologia/bullying-na-escola>. Acesso em: 30 abr. 2024.

presente e onde as relações sociais não acontecem de forma harmoniosa. Além disso, a grande maioria dos docentes que enfrentam dificuldades na abordagem do tema ou até mesmo no conhecimento está inserida nas escolas que fazem parte desse nicho social. A forma como o jovem expressa suas dores sociais pode variar, mas percebemos que os processos autolesivos são uma maneira de comunicar que algo não está como deveria. Os agentes sociais, de maneira geral, não estão preparados para lidar com essa nova demanda, nem a percebem como resultado de algum acontecimento social. Nesse sentido, este trabalho de conclusão de curso se propõe a fazer essa análise para ajudar os docentes em suas práticas em sala de aula.

O tema do curso foi a automutilação e sua relação com a juventude que está na escola, bem como a preparação dos docentes para lidar com essa demanda. Trata-se de jovens que não conseguem conduzir suas emoções e tão pouco acolher suas peculiaridades relacionadas à imagem corporal, interação com o meio e, principalmente, sua relação com a família. Percebe-se que, apesar de o tema ser muito atual, ainda é pouco discutido, o que justifica esta iniciativa. Nosso intuito é promover o debate, ouvir e entender de que maneira os professores estão atuando em suas salas de aula para informar e ouvir seus estudantes sobre a temática, os desafios que encontram e a importância da informação para sua formação.

Entendemos que, quando a escuta e o diálogo são estimulados, conseguimos construir e compreender como o processo ocorre na organização social do jovem, como a escola está inserida nesse contexto, e como isso contribui para as pesquisas sobre a automutilação, além de entender, principalmente, como isso interfere na rotina dos estudantes e dos professores. É de suma importância para os estudos em ciências sociais que se amplie o debate sobre este tema e que se reconheça como ele vem sendo um dos grandes agentes de desconstrução no espaço escolar.

A escola é um espaço em potencial que contribui em processos de intervenção precoce que garantam qualidade de vida aos adolescentes sem chegarem ao extremo da automutilação. É comum ouvirmos que “tudo estoura e acontece na escola”, nesse sentido, é possível visualizar o anseio dos educadores para estarem mais preparados para lidar com essas situações, sem deixar de cumprir sua função pedagógica (Lara; Saraiva; Cossul, 2023, p. 10).

A escola é um ambiente central na resolução de muitos conflitos sociais por se tratar de um espaço inclusivo, onde os estudantes participam da discussão de múltiplos conhecimentos. É o local onde muitas questões emocionais e comportamentais são diariamente compartilhadas e vivenciadas. Trata-se de um complexo de emoções e relações

estabelecidas no ambiente escolar. A segurança e a estrutura oferecidas pela escola permitem que os alunos compartilhem informações e experiências que, muitas vezes, vão além dos conteúdos curriculares; é aí que entra a automutilação. A formação contínua dos docentes representa um passo ousado e essencial para a ampliação do debate sobre temas sensíveis, como a automutilação. Embora a discussão sobre esse fenômeno ainda seja limitada, sua prevalência crescente entre os jovens demanda uma abordagem mais informada e sistemática. A automutilação é um tema que envolve complexidades emocionais e sociais, e a escola, como um espaço de aprendizado e apoio, deve estar preparada para lidar com essas questões de maneira eficaz. Assim, construímos nossa proposta e executamos nossas ações no tocante ao TCC, visando ao entendimento entre o conhecimento e a informação.

Para a elaboração do TCC, inicialmente, consideramos a relevância do tema, sua importância social e como a discussão sobre automutilação nas escolas pode contribuir para a promoção dos jovens e a redução dos casos de violência autoinfligida. Começamos levantando dados sobre os tipos de pesquisa que têm a automutilação como tema central e como isso impacta a vida em sociedade. Reconhecendo a dificuldade que as escolas enfrentam para abordar esse tema, desenvolvemos nossa intervenção pedagógica, que incluiu os seguintes pontos: levantamento de trabalhos que discutem a problemática da automutilação nas escolas, estratégias para a formação dos professores, a contribuição da sociologia para o esclarecimento do tema e maneiras de promover a disseminação de informações por meio da formação continuada. O objetivo era permitir que os docentes se apropriassem dos conceitos e participassem da ampliação do debate sobre a automutilação.

O interesse pelo tema surgiu da vivência escolar, que me revelava constantemente a quantidade de casos de automutilação entre estudantes e a dificuldade que os professores enfrentavam para abordar o assunto em sala de aula. O que me inquietava profundamente era perceber a fragilidade dos docentes diante desses casos. Eles claramente precisavam de mais informações sobre automutilação e suas implicações no contexto escolar para poder intervir de forma adequada.

## 2 AUTOMUTILAÇÃO E FORMAÇÃO

A automutilação, um fenômeno presente em vários contextos sociais é responsável por muitas mudanças negativas na vida de seus praticantes, ela deixa suas marcas não só na pele, mas na vivência dos que se automutilam e também de quem convive com eles. Diante disso, e pensando numa contribuição de caráter formativo, a intervenção teve o intuito de compartilhar com os professores, por meio de um curso ministrado em uma plataforma online, informações que possam auxiliar na abordagem da problemática da automutilação entre os jovens.

Com o objetivo de promover a formação dos docentes, trazendo para eles um tema complexo e pouco abordado em sala de aula, o curso foi planejado com base em práticas que possam apoiar os docentes na abordagem do tema. Visamos à compreensão de pontos que consideramos importantes, como entender a rede de apoio e como ela funciona, tendo em vista o atendimento à saúde, através dos Centros de Atendimento Psicossocial (CAPS), o material disponível para orientação dos professores sobre o tema da automutilação, como cartilhas e textos que podem servir como norteadores das atividades com os estudantes. Queremos ampliar as possibilidades para que os docentes abordem o tema, apresentando formas de identificar casos, realizar uma abordagem pacífica e assertiva, evitar entrar em viés terapêutico e, principalmente, consolidar a valorização da vida.

As orientações visam não apenas informar, mas também capacitar os professores para que possam ser agentes na prevenção e no suporte aos estudantes que enfrentam a difícil realidade da automutilação. A intervenção também teve como objetivo avaliar o nível de conhecimento dos docentes sobre o tema da automutilação e verificar se há diálogo sobre o assunto em sala de aula, pois, muitas vezes, esse conhecimento é inexistente ou fragmentado. Alguns professores evitam discutir a automutilação com os estudantes devido à complexidade do assunto, e qualquer abordagem pode desencadear reações adversas. No entanto, se o diálogo for informativo, claro e não emotivo, ele pode ser promovido de maneira eficaz. As discussões sobre automutilação ocorrem frequentemente na sala dos professores, onde compartilham diversas situações e experiências. No entanto, essas conversas não são levadas para as salas de aula para serem discutidas abertamente com os alunos, o que poderia promover esclarecimento e diálogo sobre o tema. A informalidade e a falta de clareza no

diálogo sobre a automutilação fazem com que o tema, mesmo sendo necessário, se torne cada vez mais distante do debate nas escolas.

A intervenção pedagógica foca na necessidade de capacitação dos docentes em relação à automutilação, para que se sintam mais preparados e confiantes na abordagem do tema com os estudantes. Além disso, é fundamental que as escolas promovam um ambiente de apoio e orientação, garantindo que os estudantes se sintam compreendidos e apoiados em suas dificuldades emocionais. É importante ressaltar que não se trata de uma formação socioemocional, mas de orientação sobre a automutilação, um fenômeno social presente nas escolas.

A forma como os docentes lidam com o problema da automutilação nas escolas é importante para que haja entendimento e orientação. A automutilação tem um impacto muito significativo nos ambientes escolares na atualidade, causando baixo desempenho escolar dos praticantes e interferindo nas relações sociais. Além disso, percebemos que o próprio estudante não se vê como alguém que precisa de ajuda, pois relaciona toda a sua prática de automutilação a um alívio de problemas diversos ou até mesmo a uma disfunção psicológica. A formação dos docentes no curso teve como objetivo alinhar esse discurso e, primordialmente, promovê-lo com o intuito de mitigar os casos de estudantes que praticam a automutilação na escola, fazendo isso por meio do acolhimento promovido pela informação

Os docentes desempenham um papel importante como suporte emocional e educacional. Entendemos que, quando os professores recebem uma formação adequada aliada aos seus saberes, conseguem contribuir de maneira muito mais eficaz com os discentes. Assim, acreditamos na formação continuada como um elo entre o conhecimento do professor e suas práticas pedagógicas. Além disso, entendemos que capacitar os docentes para conduzir discussões sobre automutilação em sala de aula pode ajudar a reduzir o estigma em torno do tema e promover um ambiente escolar de escuta e ação. Ao criar um espaço seguro para o diálogo, os professores não apenas ajudam os alunos a entenderem melhor suas próprias emoções e comportamentos, mas também tornam o diálogo possível para todos. Portanto, investir na formação contínua dos docentes é uma estratégia indispensável para enfrentar o problema da automutilação entre os estudantes.

O tratamento que os docentes estão dando à discussão de processos autolesivos na escola é o ponto principal da intervenção pedagógica. O grau de entendimento do problema social é o que norteia os estudos, assim como o investimento em formação e a ampliação do debate, que podem ser benéficos. Os principais fatores que colaboram para as práticas de autolesão estão relacionados à maneira como o estudante se enxerga no meio em que está inserido e a questões relacionadas à saúde e à família. Nesse sentido, desenvolvemos uma reflexão sociológica com base nos escritos de David Le Breton sobre a sociologia do corpo e a forma como as emoções estão diretamente ligadas a fatores sociais que impulsionam as práticas de autolesão.

A automutilação é, de fato, um tema complexo e, dessa maneira, merece uma maior atenção, sendo analisada pelas ciências sociais, nosso principal foco, e pela psicologia. Sendo um problema de saúde pública, é uma prática cada vez mais frequente entre jovens de diversos contextos sociais, revelando assim a necessidade urgente de estudos e informações para que haja a orientação sobre a importância da abertura do diálogo imediato. A análise sociológica poderia explorar como diferentes contextos sociais contribuem para a automutilação. Isso inclui não apenas fatores individuais ou psicológicos, mas também aspectos sociais, como influências familiares, pressões acadêmicas, dinâmicas de grupo, estereótipos sociais, acesso a redes de apoio ou a falta delas, e as próprias estruturas institucionais das escolas.

Estudos sociológicos ajudam a entender melhor os padrões e as causas sociais da automutilação entre os jovens, o que norteia toda intervenção pedagógica. A investigação sociológica aborda como os professores se sentem ao se depararem com casos de automutilação e os temas relacionados, como depressão, autoimagem, estrutura familiar, contextos sociais e outros fatores que impulsionam as práticas. Também examina a forma como o professor precisa atuar, fazendo a ponte entre o fato, a escuta e a informação.

Entendemos, ainda, que, por se tratar de um tema que algumas unidades escolares insistem em deixar velado, a automutilação está, infelizmente, longe de ser amplamente debatida nos ambientes escolares. O suporte psicológico não chega às escolas, e os docentes precisam estar minimamente orientados para intervir. Não de forma clínica, mas como agentes que vão apontar os caminhos e ouvir, acima de tudo, a demanda dos estudantes, sejam esses automutilantes ou apenas pessoas que precisam de informação.

Acreditamos que os jovens que praticam a automutilação enfrentam problemas sociais, a ponto de se tornarem fatores causadores e potencializadores do início das autolesões. São dores sociais de todas as ordens que afetam direta e indiretamente a vida escolar do jovem, trazendo para a escola uma demanda que antes não existia. Sendo a autolesão, automutilação ou *cutting* uma prática crescente entre os jovens na atualidade, as pesquisas na área são mais do que necessárias. Isso não apenas traça um paralelo entre o praticante e o que é praticado, cujas análises giram em torno dos contextos sociais nos quais o jovem está inserido, e a forma como ele se relaciona e vivencia seus grupos sociais, mas, sobretudo, busca compreender como esse grupo, direta ou indiretamente, colabora com a prática. Nesse contexto, o docente está inserido como apontador de caminhos e orientador que possui a informação e a consegue transmitir sem danos.

Os jovens que se automutilam geralmente são mais reclusos, tendendo a não realizarem grandes interações na escola. Isso pode resultar em isolamento social e dificuldades para estabelecer relações interpessoais saudáveis, o que, por sua vez, pode afetar negativamente seu desenvolvimento emocional e bem-estar geral. Esses estudantes frequentemente requerem mais apoio da orientação escolar devido às suas necessidades emocionais específicas. Isso inclui acompanhamento psicológico, que não é uma realidade na maioria das escolas públicas do país. O acolhimento da família faria uma grande diferença na minimização dos casos. A inconstância emocional é uma característica comum entre os praticantes de automutilação. Essa instabilidade pode influenciar diretamente seu desempenho escolar e sua capacidade de se engajar plenamente nas atividades escolares e sociais. Tal preocupação é importante, pois, segundo Silva (2015, p.64): “É necessário modificar não somente a organização escolar, os conteúdos programáticos, os métodos de ensino e estudo, mas, sobretudo, a mentalidade da educação formal.”

Ao traçar esses paralelos, este trabalho de conclusão de curso visa contribuir para a compreensão sociológica da automutilação entre jovens no contexto educacional e para que os docentes possam dar suporte nesse diálogo, que incansavelmente pontuamos ser mais que necessário. Ele busca complementar e expandir as pesquisas existentes, proporcionando uma análise mais profunda dos fatores sociais, emocionais e estruturais que contribuem para a prática da automutilação entre estudantes do ensino médio. Essa abordagem não apenas visa preencher lacunas relacionadas à orientação dos professores para lidar com esse desafio, mas também potencializar o coro que clama por uma orientação dos docentes para que esses

possam intervir em suas salas de aula junto aos estudantes, informando-os sobre a automutilação, suas implicações sociais e como desencorajar a prática.

No contexto escolar, a forma como os estudantes percebem a si mesmos, seus corpos e seu papel na sociedade, desempenha um papel crucial em suas interações sociais e no desenvolvimento de comportamentos, como a automutilação. Este comportamento muitas vezes funciona como um grito de socorro, um meio de lidar com dores emocionais profundas causadas por diversos fatores sociais, familiares, escolares e interpessoais. Estudantes que têm dificuldades em dialogar abertamente em seus lares podem enfrentar maior isolamento emocional. Isso pode levá-los a desenvolver comportamentos introspectivos ou complexos no convívio social, como a automutilação. A falta de um espaço seguro para expressar suas emoções pode aumentar o impacto das pressões familiares e sociais sobre esses jovens.

O ambiente escolar também desempenha um papel significativo na prática da automutilação. Pressões escolares, problemas de relacionamento com colegas e a busca por aceitação podem intensificar o estresse emocional entre os estudantes. Para alguns, a automutilação pode se tornar uma maneira de lidar com essas pressões e expressar suas angústias internas através do corte da pele. É essencial capacitar os professores para entender esses complexos contextos sociais e emocionais dos estudantes, levando em consideração que eles podem ser agentes que desencadeiam a prática. Isso inclui fornecer conhecimento sobre os sinais de automutilação, estratégias de apoio emocional e recursos disponíveis para encaminhamento adequado dos estudantes para assistência especializada, através da notificação do caso e socialização com as famílias sobre os encaminhamentos tomados.

Compreender os motivos que levam os jovens estudantes a se envolver intensamente na prática de automutilação requer uma análise cuidadosa dos diversos contextos sociais que podem influenciar esse comportamento. É crucial reconhecer que não há um único fator responsável pelo aumento dessa prática entre os jovens, mas sim uma interação complexa de múltiplos elementos sociais, emocionais e individuais. Podemos pontuar alguns desses fatores, tais como: pressão escolar e expectativas sociais; essas elevadas de desempenho escolar, competição entre os pares e o desejo de alcançar padrões de sucesso podem criar um ambiente de estresse intenso para os estudantes; problemas familiares e relacionais, estando ligadas a dificuldades familiares, como conflitos domésticos, falta de apoio emocional ou relações disfuncionais, contribuindo para o isolamento e problemas de saúde mental;

distúrbios como depressão, ansiedade, transtornos alimentares e trauma não resolvido podem aumentar o risco de automutilação como uma forma de alívio temporário da dor emocional; e ainda a influência da internet, que, através de suas redes, levam à idealização de padrões de corpo, perfeição e autoimagem, e assim podem levar os jovens a recorrerem à automutilação como uma forma de lidar com a pressão para se enquadrarem nessas normas.

Os jovens têm em comum a exposição deliberada ao risco de se ferir ou de morrer, de alterar seu futuro pessoal, ou de pôr a saúde em perigo: desafios, jogos perigosos, tentativas de suicídio, fugas, errância, alcoolismo, toxicomanias, desordens alimentares, velocidade nas estradas, relações sexuais não protegidas, recusa de continuar um tratamento médico vital, etc. (Le Breton, 2017, p. 126).

Experiências de *bullying*, exclusão social ou discriminação podem intensificar sentimentos de desesperança e desamparo, levando os jovens a buscar formas extremas de controle de suas dores e angústias relacionadas às pressões sociais que se deparam, e nesse extremismo entra a autolesão. Para reforçar essa ideia, “ Uma tentativa de viver livrando-se do esforço de existir, ela traduz uma distância, uma lassidão, mas não um desejo de morrer” (Le Breton, 2018, p.34).

A ausência de suporte emocional na escola ou na comunidade pode deixar os jovens sem recursos para lidar eficazmente com seus problemas emocionais. Assim, a formação dos docentes deve capacitar os professores a oferecer suporte adequado aos jovens, por meio do compartilhamento de informações e da valorização do sujeito e da vida, visando a redução dos casos de automutilação nas instituições de ensino.

É importante mencionar as fichas de notificação<sup>5</sup>, que até então não foram abordadas. Trata-se de um questionário pelo qual a escola notifica o órgão público para que o estudante receba apoio e seja contabilizado como praticante de automutilação ou como alguém com alguma limitação de ordem psicológica que aponte para uma tentativa de suicídio, a ficha ainda é utilizada como ferramenta para identificação de casos de tentativa de suicídio.

---

<sup>5</sup> A ficha de automutilação faz parte das medidas do governo federal, que se expandem para as esferas estadual e municipal, e consiste em um documento onde são notificados casos de autolesão e tentativas de suicídio. Informações sobre o indivíduo, como dados pessoais e o tipo de situação relatada, devem ser incluídas na ficha, que precisa ser encaminhada aos órgãos de saúde para que o caso seja formalmente notificado e a assistência médica possa ser providenciada.

No curso, demos foco a essas informações que contemplam o trabalho do professor, esclarecendo o que é de responsabilidade da escola e o papel do docente nesse contexto. Também destacamos o que é de responsabilidade do Estado, que deve promover assistência à saúde, caso seja necessário.

## **2.1 Automutilação e Autoimagem: Aproximações Sociológicas**

A maneira como nos vemos define nossos atos com relação a nós mesmos; assim, a autoimagem está diretamente relacionada à automutilação. A escarificação ocorre por haver algo em nós com o qual não nos identificamos, o que incomoda e faz com que, por vezes, nos coloquemos em um lugar de autodesprezo. No livro *A Sociologia do Corpo (2010)*, David Le Breton aborda pontos importantes sobre o elemento sociológico que o corpo representa, como forma de expressividade no meio, elemento afetivo, de conflito e local de inclusão e exclusão. O corpo é social, comunica-se com a sociedade, diz muito sobre como o indivíduo se sente e de que forma ele se trata diante de tudo o que a ele é imposto.

Torná-lo [o corpo] não um lugar da exclusão, mas o da inclusão, que não seja mais o que interrompe, distinguindo o indivíduo e separando-o dos outros, mas o conector que o une aos outros. Pelo menos este é um dos imaginários sociais mais férteis da modernidade (Le Breton, 2007, p.11).

A forma como nos percebemos no espaço social e nossa conexão com nosso corpo são temas centrais tanto na antropologia, quanto na sociologia. Le Breton e outros estudiosos exploram como os corpos humanos não são apenas entidades físicas, mas também veículos de comunicação cultural e social.

A autoimagem, ou a maneira como nos vemos e nos sentimos em relação ao nosso corpo, influencia profundamente como interagimos uns com os outros e como nos posicionamos dentro dos grupos sociais aos quais pertencemos. Essa percepção é moldada por uma interação complexa entre fatores biológicos, culturais e sociais. Por exemplo, normas culturais de beleza, modos de vestir, rituais corporais e práticas de cuidado pessoal são todos aspectos que não apenas refletem, mas também moldam a nossa autoimagem e como somos percebidos pelos outros. Essa autoimagem pode afetar nossa autoconfiança, nossa assertividade em relações interpessoais e até mesmo nossa saúde mental.

Portanto, entender como a autoimagem se relaciona com as relações pessoais e interpessoais é crucial para uma compreensão mais profunda da dinâmica social e dos

processos de identidade individual e coletiva. Esses conceitos são fundamentais para explorar como os corpos humanos são tanto construídos quanto construtores de significados sociais. O corpo é uma realidade socialmente produzida segundo Le Breton, não é apenas um objeto físico, mas sim um campo de significados moldado pelas normas, valores e expectativas da sociedade em que está inserido.

Essa produção social do corpo implica que ele é constantemente classificado e significado pelo meio social. Essas classificações podem ser positivas, como quando um corpo se encaixa nos ideais de beleza ou saúde da sociedade, ou negativas, quando não atende a esses padrões. Essa dinâmica pode resultar em experiências dolorosas e traumáticas para indivíduos que são marginalizados, estigmatizados ou excluídos por causa de suas características corporais. Esses processos classificatórios e de significação podem contribuir para dores sociais profundas e até irreparáveis. Eles também podem influenciar diretamente os processos de autoimagem e autoestima das pessoas, levando a formas de sofrimento psicológico, como os comportamentos autolesivos.

A maneira como os corpos são lidos e interpretados pela sociedade não é apenas uma questão de estética ou funcionalidade física, mas também tem repercussões profundas no bem-estar emocional e na saúde mental dos indivíduos. A forma como nos relacionamos com nosso próprio corpo e como somos percebidos pelos outros é um aspecto fundamental para entendermos como os contextos sociais moldam nossa identidade e nossas experiências pessoais. Trazendo a reflexão para o cotidiano, os grupos sociais irão se agrupar por interesses semelhantes, e o corpo e sua estética fazem parte desse meio classificatório.

O corpo é um elemento complexo que se relaciona com questões biológicas, sociais e antropológicas. Repleto de significados, ele manifesta externamente o que carregamos internamente, refletindo estereótipos e percepções. Segundo Le Breton, a finalidade do corpo é socialmente construída, e a forma como nos relacionamos com ele é mais uma construção social do que resultado de fatores biológicos ou individuais. As concepções sobre o corpo são um reflexo das dinâmicas sociais. Suas práticas de cuidado e autocuidado, marcadas por dores sociais e físicas, frequentemente se tornam um retrato das experiências emocionais e do convívio social. Assim, o corpo é um importante elemento social, que comunica a realidade vivida e expressa as dores e anseios construídos socialmente.

O corpo não existe em estado natural, sempre está compreendido na trama social de sentidos, mesmo em suas manifestações aparentes de insurreição, quando provisoriamente uma ruptura se instala na transparência da relação física com o mundo do ator (dor, doença, comportamento não habitual, etc. (Le Breton, 2007, p.32).

O corpo se manifesta e, em resposta ao convívio social, revela suas dores, como apontado por Le Breton. Assim, compreender e relacionar esses aspectos não é uma tarefa simples; ao contrário, isso gera realidades sociais ainda mais complexas. O estudo do corpo, enquanto elemento social, revela seu papel como transformador e criador de novas realidades.

A sociologia do corpo é um campo de estudo que indica como o corpo humano não é apenas uma entidade biológica, mas também um construto social e cultural. Esse campo reconhece que as expressões do corpo são profundamente influenciadas pelo contexto social, pelas normas culturais e pelas estruturas de poder dentro de uma sociedade.

O corpo é um elemento crucial na formação e na transformação das estruturas sociais porque ele não é simplesmente um recipiente passivo, mas sim um meio ativo de expressão e de interação social. Através do corpo, indivíduos comunicam identidade, status, poder, pertencimento e até mesmo resistência às normas dominantes, sendo o corpo esse elemento de tanto poder social as interações deste com o que o circunda, é reflexo de uma construção diária de relações complexas que podem resultar no mecanismo de agressão ao corpo, onde entram os processos de automutilação.

Do ponto de vista antropológico, o corpo é estudado não apenas em termos de suas características físicas, mas também em relação às práticas culturais, rituais e significados simbólicos que são atribuídos a ele. Cada cultura e sociedade tem suas próprias concepções sobre o que é um corpo ideal, como ele deve se comportar e como ele deve ser apresentado publicamente, esse corpo passou por muitas mudanças e isso é incontestavelmente algo que aliado a evolução dos tempos foi potencializado.

A evolução da sociedade industrial propiciou um elevado desenvolvimento técnico-científico. As novas possibilidades tecnológicas propiciaram à elite burguesa moderna, um crescimento de técnicas e práticas sobre o corpo. O aumento da expectativa de vida, os novos meios de transporte e comunicação expandiram as formas de interação e realização de atividades corporais (Barbosa & Costa, 2011, p.28).

Aspectos como forma corporal, idade e gênero desempenham papéis fundamentais na construção da identidade e na maneira como o corpo é percebido e tratado socialmente. Por

exemplo, normas de beleza variam significativamente entre culturas e ao longo do tempo, moldando tanto a autoimagem individual quanto às expectativas sociais sobre o que é considerado esteticamente aceitável, e essas pressões do aceitável e belo moldam a percepção do jovem com relação a si, o que desencadeia muitos problemas inerentes à forma como o jovem se vê e se aceita. Além disso, as relações de poder também se manifestam através do corpo, influenciando quem tem o direito de ocupar espaços físicos e sociais específicos, quem é valorizado e quem é marginalizado com base em características corporais.

Portanto, a teoria social do corpo reconhece que o corpo humano não é apenas um objeto biológico, mas um campo de estudo complexo que revela muito sobre as dinâmicas sociais, culturais e antropológicas de uma sociedade. Estudar o corpo dessa forma nos permite compreender melhor como as sociedades funcionam, como se perpetua e principalmente como está sendo construída essa relação com o corpo.

O corpo toma representações e lugares na sociedade que estão além de sua forma e atua como um corpo complexo, que fala algo sobre a sociedade e como essa infere a esse corpo situações que vão além da estética. Le Breton aponta em “Adeus ao Corpo” (2006) um corpo submetido ao social, às demandas e ajustes sociais, comunicando ao meio social o que o indivíduo pensa sobre si e sobre o outro. O corpo como uma matéria prima que será moldada, formulada para ter a forma que convém, seja ela socialmente aceitável ou não, contudo que esse reflita o que a pessoa deseja comunicar.

O corpo não é mais apenas, em nossas sociedades contemporâneas, a determinação de uma identidade intangível, a encarnação irredutível do sujeito, o ser-no-mundo, mas uma construção (Le Breton, 1990, p.87).

O corpo é muito mais do que uma estrutura física, é constituído de tudo que somos ou que aparentamos ser, com o uso dele expressamos o que nos foi imposto ou construímos ao longo da convivência social, a autoimagem entra nessa leitura do corpo, a forma como nos vemos perante as pessoas e nós mesmos. Le Breton descreve em Antropologia do Corpo (2016) essas descrições do corpo, classificando-o, anatomicamente, como sagrado, que possui suas características singulares e únicas.

As pessoas criam algumas estratégias para se sentir melhor com o corpo. Sentir-se melhor está ligado nesse enredo a procedimentos estéticos voltados a cirurgias que modificam o que incomoda, são intervenções plásticas estéticas que visam a alterar características físicas

para se adequar a padrões de beleza, o que não faz parte da realidade dos jovens em idade escolar em sua grande maioria. As tatuagens e piercings já fazem parte do ideário jovem na tentativa de modificar sua aparência ou pertencer a grupos por ter determinada característica estética e artística do corpo, utilizados como elementos decorativos, comunicando a identidade e a personalidade do jovem.

A modificação do corpo através de diferentes procedimentos cirúrgicos, tatuagens e piercings, combina a busca por uma imagem pessoal desejada com a influência dos valores estéticos e visuais da sociedade. Essas práticas não só refletem a forma com que o jovem é levado a se adequar para pertencer, como reforça a pressão social que constrói e desconstrói a forma como aceitamos o nosso corpo. Le Breton em seu texto “Adeus ao corpo” (2006), apresenta uma relação de desconstrução e ressignificação do corpo, os processos de automutilação se iniciam também a partir da não aceitação do corpo, todos sofrem essa pressão social para atingir padrões sejam esses estéticos ou não, mas o peso dessa pressão social no jovem é danosa, podendo levá-lo a práticas autolesivas. “O ódio do social converte-se em um ódio do corpo, que justamente simboliza a relação forçada com o outro” (Le Breton, 2009, p.34).

Entendemos que a nossa construção pessoal é o resultado de todas as interações sociais que estabelecemos, como aponta Le Breton na citação acima, o corpo estampa, por muitas vezes, a revolta que o sujeito sente em relação ao meio social. É a maneira que se encontra de comunicar diante do que lhe é imposto por muitos. A modificação do corpo faz parte desse senso ideal de mudança, despedindo-se do que incomoda e dando lugar ao que reflete quem se é ou se deseja ser.

A preocupação com o corpo estético retrata a maneira como a sociedade está construindo ao longo dos anos essa relação com sua aparência, pontuando várias dimensões que precisam ser atingidas como, sua forma, força, vitalidade, beleza estética conforme os padrões pré estabelecidos, que de forma velada são incutidos na vida de todos, mas, com um peso bem maior na vida dos jovens, que desejam pertencer e atender os padrões. Assim, “O sofrimento é justamente aquilo ao qual se opõe o ataque ao corpo. Trata-se de jogar a dor contra o sofrimento” (Le Breton, 2007, p.81).

A relação que o adolescente trava com o corpo é complexa e traduz ou revela o que ele sente. É uma briga constante entre o reinventar-se e o não se aceitar, que muitas vezes

culmina em dano físico. A pele, por ser a camada mais visível, comunica ao mundo externo o que o íntimo do indivíduo sente. O corpo é marcado, dilacerado com o intuito de que, de alguma maneira, seja punido: “O jovem exterioriza alguma coisa de seu caos interior a fim de vê-la mais claramente. Ele reproduz em ato uma impossibilidade de dizer as coisas ou de transformá-las” (Id., p.54).

Os cortes são dores provocadas para diminuir outras dores infinitamente maiores para quem pratica a autolesão; não há a intenção de morte, só de castigar o corpo que não representa o que deveria. O corte na pele é, como analisa David Le Breton, a confirmação de estar vivo, a certeza da realidade, mesmo que essa deixe marcas que vão muito além da pele. Sentir uma dor física ainda maior que a social, olhar as marcas provocadas pela escarificação e identificar o alívio da dor social é uma sensação de fim das dores, mesmo que de forma momentânea. O registro do sofrimento impresso na pele, onde fica a lembrança da dor e de como ela foi conduzida no momento dos cortes, ou até mesmo, de maneira inconsciente, representa a satisfação com o fim do que dói. Os jovens que praticam a autolesão não devem ser classificados como os que sempre irão se mutilar; pode ser uma fase transitória, onde o jovem, ao se autoafirmar, utiliza a autolesão, por vezes, como uma maneira de comunicar ao externo sua dor, seja ela de cunho social ou não.

No texto de Le Breton, "Desaparecer de si: uma tentação contemporânea"(2018), onde o pesquisador afirma que, por vezes, viver é muito complexo. Relacionar-se com as pessoas no cotidiano e no trabalho pode se tornar um desafio complicado, dependendo de como conduzimos essas relações sociais, sejam elas na família, no trabalho ou na forma como nos enxergamos nesse contexto.

“Desaparecer de si” (2018) pode estar tanto relacionado à perda das memórias por enfermidade quanto à falta de percepção de si mesmo e à dificuldade em identificar a própria identidade, o que está ligado à perda de sentido, como pontua Le Breton. Entender que a autocobrança, a exposição do sujeito e a dificuldade de conduzir esse complexo elo de relações de maneira adequada, conforme a sociedade nos impõe, é difícil. Isso nos dá um desejo genuíno de tirar férias de nós mesmos, como se fosse possível, mesmo que por um instante, desaparecer. Com as contribuições de Le Breton, pode-se entender que o corpo e suas interações com o meio social são capazes de produzir situações que levam ou podem levar o indivíduo a praticar a autolesão. É importante frisar que, nos processos autolesivos,

não há, contudo, a intenção de cometer suicídio diretamente, mas sim a colocação em uma posição de possibilidades, e isso é o que mais chama a atenção na prática.

A falta de informação dos docentes para lidar com situações que envolvem múltiplos fatores, especialmente aqueles de cunho social, emocional e relacionados à autoimagem dos estudantes, é um desafio significativo enfrentado pelas escolas atualmente. São relações conflituosas que ocorrem em casa, na escola e no meio social, as quais se fortalecem com uma construção pessoal bem mais complexa do que imaginamos. A escola não está preparada para atender a essa demanda, mas ela se apresenta a todo instante, provocando, desconstruindo e, principalmente, encarcerando os estudantes que, cientes de que suas práticas de autolesão não são socialmente aceitáveis por motivos óbvios, se isolam.

A não aceitação de si gera impactos na vida do jovem de muitas formas, privando-o do convívio social e causando o abandono de atividades importantes para o desenvolvimento do ser, como a permanência e participação nas atividades escolares. Sabemos que a autoaceitação é um dos motivos para a prática da autolesão; contudo, também entendemos que o papel da escola e, conseqüentemente, do docente é informativo, norteador e precisa ser feito de forma orquestrada, pautada na informação e na criação de estratégias para que o estudante perceba que o corpo é plural, que as pessoas possuem inúmeras formas e, nessa pluralidade, é necessário entender que o fato de não pertencer a um padrão estabelecido por muitos ramos da sociedade não significa que devemos passar por dores sociais que os levem à automutilação.

## **2.2 Estado da Arte**

Para compor este estado da arte, foram realizadas pesquisas nas seguintes bases de dados: Scielo, Repositório Educapes, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), utilizando materiais publicados entre 2015 e 2023, o estudo mais antigo publicado de Cavalcante e Braga (2015) “Autolesão na era da informação: abordagem sociológica acerca de uma subcultura juvenil contemporânea”. É uma tese de doutorado que já abordava neste ano a influência dos padrões estabelecidos para a prática da automutilação. Foram utilizados os seguintes descritores para procurar nos títulos das obras: "automutilação na escola", "prática da autolesão", "autolesão", "jovens e autolesão", e "papel da escola na autolesão".

Antes de apresentar os trabalhos identificados em nossa pesquisa, é essencial contextualizar os caminhos que nos trouxeram até aqui, fundamentados em nossa vivência cotidiana com jovens em situação de vulnerabilidade, como o caso de uma estudante que chamaremos ficticiamente de Lara. Com 17 anos e cursando o ensino médio, Lara foi encontrada no banheiro da escola após praticar automutilação. A gravidade do incidente exigiu que ela fosse encaminhada à Unidade de Pronto Atendimento (UPA).

Lara é a filha mais velha de uma família em situação de fragilidade, com pais sobrecarregados pela luta diária pela sobrevivência e pouco presentes em sua vida. A jovem enfrenta sérios problemas de autoimagem, distantes dos padrões estéticos impostos pela sociedade, e foi diagnosticada com depressão. Ainda assim, suas dificuldades sempre foram tratadas pela família como meras tentativas de chamar atenção. Naquele dia, Lara poderia ter sofrido consequências ainda mais graves, mas foi encontrada a tempo por um colega, que acionou a gestão escolar. Apesar da gravidade da situação, os pais demonstraram insatisfação em acompanhar a filha à unidade de saúde, reforçando o sentimento de desamparo que a jovem carregava.

Casos como o de Lara não são isolados. As escolas frequentemente acolhem outros jovens que enfrentam problemas semelhantes, muitas vezes sem o suporte necessário das famílias, o que contribui significativamente para o aumento dos casos de automutilação. Essa realidade aponta para a urgência de uma abordagem integrada entre escola, família e rede de apoio para prevenir situações tão delicadas.

A automutilação é um comportamento complexo e multifacetado, frequentemente associado a questões emocionais profundas e dificuldades de enfrentamento. No contexto escolar, casos como o de Lara levantam preocupações sérias sobre o bem-estar emocional dos estudantes e a capacidade das instituições educacionais de fornecer o suporte necessário.

O desinteresse ou a falta de apoio da família pode ser um fator significativo que contribui para a automutilação de um jovem. A falta de comunicação aberta, apoio emocional e compreensão por parte dos familiares pode deixar os jovens se sentindo isolados e incapazes de lidar com suas emoções de maneira saudável.

A escola desempenha um papel importante na vida dos estudantes, não apenas como um local de aprendizagem acadêmica, mas também como um ambiente social e emocional.

Professores e funcionários da escola precisam estar preparados para identificar sinais de alerta de sofrimento emocional entre os alunos e fornecer o suporte necessário.

A construção de um "estado da arte", como mencionado, envolve não apenas entender as causas e os fatores de risco associados à automutilação, mas também desenvolver estratégias eficazes de prevenção e intervenção. Isso pode incluir programas de educação sobre saúde mental, treinamento para funcionários da escola em reconhecimento de sinais de alerta, estabelecimento de protocolos de apoio emocional e parceria com profissionais de saúde mental.

Além das ações individuais de suporte aos alunos, é fundamental advogar por políticas educacionais que priorizem o bem-estar emocional e mental dos estudantes. Isso inclui o financiamento adequado para serviços de saúde mental nas escolas, a inclusão de currículos de educação emocional e a formação contínua de professores em questões relacionadas à saúde mental.

Em última análise, abordar a automutilação e outras questões de saúde mental nas escolas exige uma abordagem holística e colaborativa. É um desafio que não pode ser enfrentado apenas por educadores ou profissionais de saúde, mas sim por toda a comunidade escolar e familiar, trabalhando em conjunto para criar um ambiente de apoio e compreensão para todos.

Selecionamos, dentre as pesquisas encontradas, apenas as que tinham relação com as análises sociológicas a respeito da autolesão, totalizando oito artigos, uma tese, quatro dissertações, uma delas do Profsocio, e uma cartilha feita no Instituto Federal do Maranhão, com mitos e verdades sobre a prática da automutilação, todas com um viés sociológico, analisando o meio social e sua interação com o sujeito, acreditamos assim que partindo dos pontos levantados pelos materiais poderemos contribuir com a formação dos docentes.

Começaremos a discorrer sobre alguns trabalhos, artigos, teses e material pedagógico que trazem a automutilação como eixo, como é o caso da cartilha criada por Tavares (2021), sob o título “Como lidar com a automutilação: guia prático para docentes do ensino médio”, na qual a autora aborda, de maneira didática, a prática da autolesão entre os jovens, e ainda, os mitos e verdades de maneira direta e de fácil entendimento. Acreditamos que a

contribuição da autora é muito grande, no que diz respeito ao material didático sobre a automutilação, sendo este ilustrativo e explicativo.

Cavalcante (2015), em seu trabalho intitulado “Autolesão na era da informação: abordagem sociológica acerca de uma subcultura juvenil contemporânea”, se dedica a analisar o universo diverso e tecnológico no qual os jovens estão inseridos e como esse contribui com os processos autolesivos. O autor faz um apanhado de movimentos progressistas de cultura *punk*, *emo* e outros que fazem parte do universo do jovem e como esses foram também colaboradores para os processos autolesivos, com o estímulo ao suicídio. Os processos de quase morte são debatidos no trabalho de Cavalcante, o que nos ajuda a refletir como nossos jovens de periferia se relacionam com esse tema.

Lara, Saraiva e Cossul (2023), em “Automutilação na adolescência e vivência escolar: uma revisão integrativa da literatura”, se propõem a fazer uma revisão de literatura com 13 artigos que trazem a perspectiva do professor e da família na justificativa de que ambos têm condições de acolher e ajudar o jovem nesse enfrentamento. Quando a família consegue dar suporte ao jovem, acolhendo-o e orientando-o, se consegue reverter de maneira menos traumática a prática da autolesão, assim como o professor na unidade escolar que, se preparado e bem informado, terá condições, segundo as autoras, de apoiar e acolher os estudantes. A informação desempenha um papel crucial na prevenção e no suporte aos jovens que enfrentam automutilação, assim como suas famílias e a comunidade escolar. Quando os professores são capacitados com informações adequadas sobre a automutilação, eles se tornam mais aptos a reconhecer os sinais precoces, oferecer apoio inicial e encaminhar os alunos para ajuda profissional, quando necessário.

Em Mousinho (2021), encontramos o “Guia de Educação em Saúde Mental do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia da Paraíba”. Trata-se de um guia educacional de saúde mental de caráter orientador para servidores e professores, no qual o autor procura orientar estes profissionais em como agir em situações nas quais é demanda das pessoas tomar atitudes perante as ações de desequilíbrio mental entre os estudantes, bem como no socorro dos adolescentes acometidos nesta situação. Este trabalho colabora com o nosso, pois aponta elementos interessantes que foram usados na elaboração deste trabalho de conclusão de curso.

Cidade e Zornig (2022) trazem em seu artigo intitulado “Automutilações: uma problemática dos limites”, uma abordagem sobre a pele como primeira referência de espacialidade, relações em terceira dimensão, apontando fatos históricos sobre as práticas de lesionar o corpo, perpassando pela antropologia, e como diversas culturas travavam a relação com a pele: “Compreender o eu-pele como um envelope é fundamental, na medida em que nos informa que, através dele, o sujeito passa a possuir uma noção de integração que é amparada pela própria pele” (Cidade; Zornig, 2022, p. 652).

Bombonati (2020), em sua pesquisa intitulada “Automutilação entre adolescentes: uma análise sociológica no ambiente escolar e o caso Girassol”, aborda casos de estudantes de uma escola pública, situada na zona rural, praticantes da automutilação, em que são avaliados os agentes causadores da prática que estão, sobretudo, ligados à estrutura social. O estudo tenta dialogar com os motivos que levam os jovens a se mutilarem, utilizando para isso o diálogo, a escuta e a entrevista. Na pesquisa, fica claro que, independentemente do contexto social, o jovem poderá praticar a autolesão devido a fatores ligados justamente ao meio no qual ele está inserido.

Os espaços virtuais, as comunidades em rede e as mídias digitais influenciam na prática da violência autoinfligida. No artigo intitulado “As giletes sempre falam mais alto: o tema da automutilação em comunidades online”, Gonçalves, Avanci e Njaine (2023) tratam de como as mídias sociais e redes estimulam o jovem à prática da automutilação e da exibição dos cortes nos espaços onde vivem, de modo que se vitimizem e usem seus ferimentos auto causados como troféus. O artigo relaciona os motivos desencadeadores dos processos de automutilação, ordenando-os em: psicológico, social e emocional, tendo no ambiente tecnológico o espaço onde a automutilação pode ser divulgada, assistida e incentivada.

Silva (2021), em seu estudo “Autolesão (*cutting*): uma problemática (não tão) oculta nas escolas públicas de Mossoró/RN”, realizado com estudantes do Ensino Fundamental em três escolas de Mossoró, no intuito de entender qual o perfil do adolescente que pratica a autolesão, que fatores sociais os levam à prática, como as famílias estão inseridas no processo e, principalmente, como a escola está lidando com os casos sucessivos no ambiente escolar, conclui que em suas casas o fato de os adolescentes se mutilarem passa despercebido, mas na escola esse fato vem à tona, e não se pode negar o total despreparo para lidar com tal demanda. O estudo conclui que a maior parte dos praticantes da automutilação é composta

por meninas do sétimo ano, cujas causas não são únicas, havendo um perfil específico de praticantes de automutilação no estudo.

Dettmer (2018), em “*Cutting*: uma caracterização do fenômeno em escolas de Dourados (MS)”, aponta a automutilação como o resultado de um desequilíbrio social, elementos da sociedade que levam os jovens a praticarem autolesões. O autor diz que:

O cutting é um fenômeno social que cresce, e, devido a sua complexidade, é considerado um problema de saúde pública. Trata-se de uma forma de violência autodirigida que se caracteriza pelo ato de cortar a pele de forma superficial, moderada ou profunda, sem a intenção suicida consciente (Dettmer, 2018, p.7).

Os estudos de Dettmer avaliam o fenômeno social da automutilação como um problema de saúde pública, com casos que estão crescendo na sociedade. No entanto, ele aponta que não há intenção de causar a própria morte. Embora seja uma perspectiva psicológica, o impacto do meio social na automutilação é evidente.

Os fatores sociais podem desempenhar um papel significativo no desenvolvimento e na perpetuação da automutilação entre os estudantes. Por exemplo, questões como pressões acadêmicas, problemas familiares, *bullying*, isolamento social, falta de suporte emocional e exposição a conteúdos negativos na internet podem contribuir para o surgimento e a continuidade da automutilação.

Em Ribeiro (2021), "Autolesão em estudantes adolescentes de uma escola pública", o estudo tem caráter estatístico ao levantar a quantidade de jovens que se automutilam. No artigo intitulado “Automutilação em adolescentes: revisão integrativa da literatura”, Moreira, Mendonça, Caixeta e Teixeira (2020) fazem uma comparação integrativa de países e regiões com altos índices de praticantes de autolesão, e fazem isso apoiados por uma revisão bibliográfica que os auxilia em suas análises, apontando que os jovens são os que mais praticam a autolesão. O artigo ainda levanta as questões médicas ligadas ao ato de lesionar o corpo. A revisão integrativa feita pelos autores avalia como as pesquisas foram realizadas, apontando as fragilidades do processo, esses fatores estão relacionados aos elementos analisados. Quando se trata de autolesão, não há apenas um fator, mas sim vários, incluindo a saúde mental, a estrutura familiar, questões sociais e a forma como o indivíduo se vê em relação a si mesmo e à sociedade.

O estudo “Comportamento suicida e estratégias de prevenção sob a ótica de professores”, de 2020, aponta para as estratégias que são criadas pelos docentes para lidarem com o desafio com os quais se deparam na escola, delimitando o comportamento suicida de alguns estudantes, no intuito de buscar prevenção e orientação. Os autores afirmam que:

O conhecimento dos professores acerca do comportamento suicida envolve a identificação dos sinais de alerta, observados por meio da tristeza, isolamento do aluno e problemas familiares, tendo a automutilação como atitude suicida mais recorrente no contexto escolar (Brito *et al.*, 2020, p.3).

O artigo “Caneta é a lâmina, minha pele o papel: fatores de risco da automutilação em adolescentes”, publicado em setembro de 2020, traz o resultado de um estudo realizado com sete jovens que são assistidos em um centro de atendimento psicossomático infantojuvenil, como estes avaliam a prática da automutilação, apontando os agentes desencadeadores do processo, como: *bullying*, uso de drogas, problemas pessoais, estando estes entre os fatores apontados pelos jovens para a prática da automutilação, indicadores esses que são apontados na maioria dos textos sobre automutilação que avaliam não só as questões ligadas à psicologia, mas os fatores sociais que colaboram para o ato de se automutilar.

A prática da automutilação não suicida é realmente complexa e variada, como indicam os estudos realizados em diferentes regiões e contextos sociais. Essa diversidade de experiências sugere que não existe uma causa única para essa prática, e os indivíduos que a praticam não seguem um padrão uniforme de comportamento. Essa complexidade pode ser influenciada por uma combinação de fatores individuais, familiares, sociais e culturais. Por exemplo, para alguns indivíduos, a automutilação pode servir como uma forma de lidar com emoções intensas ou traumas emocionais, enquanto para outros pode ser uma maneira de sentir controle sobre suas vidas ou expressar dor interna de forma visível.

Após a prática da automutilação, indivíduos frequentemente experimentam sentimentos intensos de culpa, vergonha ou arrependimento. Isso pode agravar o ciclo de automutilação, criando um comportamento autodestrutivo. É importante notar que a percepção individual sobre a automutilação pode variar amplamente. Alguns podem sentir-se completamente isolados e desamparados, enquanto outros podem ver a automutilação como uma forma temporária de lidar com emoções intensas. A compreensão dessas percepções é essencial para oferecer apoio e intervenções eficazes para ajudar indivíduos que praticam a

autolesão encontrarem maneiras mais saudáveis de enfrentar suas dificuldades emocionais e sociais.

As relações sociais estabelecidas pelos jovens que se automutilam são complexas, reclusão geralmente é a opção dos que praticam a autolesão, como forma de proteção e para evitar que haja algum tipo de questionamento ou até que se desvende a prática, que geralmente é mantida em segredo, coberta por muitas roupas que escondem os cortes. O isolamento social é um indício muitas vezes destas práticas, os materiais consultados para a construção desse item apontam que fatores diversos podem ser causas do processo autolesivo.

A prática de *bullying* e a exposição social negativa, podendo ocorrer em espaço físicos ou em espaços digitais, como apontam as pesquisas de Gonçalves, Avanci e Njaine (2023), que atribuem a superexposição na internet uma parcela significativa na potencialização dos processos autolesivos, agregado a fatores psicológicos/emocionais e sociais de maneira geral têm importância muitas vezes determinantes para o desenvolvimento de processos autolesivos. A falta de perspectiva é também um fator que precisa ser avaliado quando tratamos de automutilação, pois como podemos perceber no caso Girassol, onde jovens que estavam inseridos em um meio rural que teoricamente seria um espaço que oferece tranquilidade a seus habitantes, desenvolvem depressão pela insatisfação de não ter perspectivas na vida que levam de oportunidades, desencadeando em muitos deles a prática de automutilação.

Há um entendimento entre os textos consultados que a automutilação é um caso sobretudo de saúde pública e geralmente não é praticada por um motivo único e sim por uma soma de fatores e circunstâncias. Atualmente os casos estão em maior evidência e surgem em qualquer grupo social independente de fatores econômicos, os processos de automutilação estão muito ligados a conflitos internos e a impossibilidade do indivíduo de lidar com esses conflitos.

Os dados sobre automutilação no Brasil ainda são limitados devido à ausência de um sistema de notificação eficaz e amplamente disseminado, que permita registrar e analisar os casos de maneira consistente. Atualmente, o que se tem são indícios baseados em estudos acadêmicos, principalmente nas áreas de saúde e ciências sociais, que apontam a

predominância de ocorrências entre mulheres. Contudo, esses dados derivam de estudos setoriais, não de levantamentos nacionais amplos.

Um exemplo que reforça essa análise é o estudo de Bombonati (2020), que investiga o caso denominado "Girassol" e traça o perfil de jovens no Vale do São Francisco que recorrem à automutilação devido à falta de perspectivas de melhoria de vida. Estudos como esse, focados em casos específicos de violência autoinfligida, oferecem contribuições valiosas, mas não favorecem a geração de dados abrangentes e generalizáveis.

Embora desde 2019 a notificação de casos de automutilação e suicídio seja obrigatória para órgãos públicos e privados, por meio do preenchimento da ficha de notificação para o Sistema Único de Saúde (SUS), os dados gerados têm sido utilizados apenas para assistência imediata, sem uma articulação robusta para análises mais amplas ou ações preventivas baseadas em evidências.

Apesar dos estudos apontarem que a maioria dos casos de automutilação na adolescência se dá em jovens que estão no ensino médio, geralmente não indicam a ocorrência maior ou menor com relação ao gênero, o que temos são estudos de casos pontuais como em Silva (2021), que nos traz um dado relacionado a crianças/adolescentes do sétimo ano, o que compreende uma faixa etária que vai dos 11 aos 13 anos em média, que estão em transição, saindo da infância e entrando na adolescência, fase de muitas mudanças e por si complexa, no caso estudado o número de meninas que praticam autolesão é maior que o de meninos, mas, não podemos dizer de forma alguma que o caso dele corresponde a estatística da realidade de todos os casos.

Alguns indivíduos que experimentaram traumas, especialmente na infância ou adolescência, desencadeiam no decorrer de suas vidas muitos problemas comportamentais ou de convivência, as estratégias tradicionais de enfrentamento podem não ter sido eficazes ou acessíveis para que as pessoas consigam contornar seus traumas e frustrações, assim encontram na automutilação uma maneira de lidar com sentimentos intensos de angústia emocional, funcionando como uma válvula de escape no cotidiano. A automutilação pode ser percebida como uma forma de exercer controle sobre a dor emocional, provocando dores no corpo. Em um contexto, onde o indivíduo pode ter se sentido impotente diante das circunstâncias traumáticas, o ato de se automutilar pode proporcionar uma sensação

temporária de controle sobre seu próprio corpo. Le Breton diz que: “ A existência perdeu todo sabor, é sentida como distante, indiferente, reclama a demissão tranquila, uma maneira de deixar que as coisas aconteçam” (Le Breton, 2018, p.34).

As transformações que ocorrem entre a infância e a adolescência, contribuem para a aceitação ou não do corpo, a tentativa de se ter controle, de pertencer a grupos é uma constante nessa fase de autoafirmação, onde muitas ideias de si são criadas e nem todas contribuem para um entendimento de que somos diferentes e só por isso únicos, não precisando atender a padrões para pertencer a grupos sociais. Esses pontos parecem muito simples de serem entendidos, mas, para o jovem que está em formação não é tão simples assim.

Em Antropologia do corpo (2016), David Le Breton traz que assim como as sociologias nascem das rupturas, turbulências, a inquietação e de tantas coisas que provocam para inquietar, o corpo passa por esse mesmo processo, a maneira como nos vemos no mundo muda conforme o mundo muda, as cobranças e a mudança de pensamento sobre esse corpo em constante mudança social passa a ser na automutilação uma tela, onde é expresso tudo aquilo que preciso comunicar ao outro, ou aos outros.

É uma unanimidade em todos os textos desta seção que os processos de automutilação ocorrem da necessidade de autopunição, onde a violência autoinfligida é a forma de se punir, que tem a ver com questões ligadas à saúde mental, relações sociais e à forma como cada um se percebe no mundo. Dessa maneira podemos concluir que em processos autolesivos não podemos considerar uma única causa como responsável pela prática.

### **2.3 Formação dos Professores**

A formação continuada faz parte do processo de ensino. Para os professores, é primordial estar sempre inserido em formações que possam expandir seus horizontes, tornando-os cada vez mais preparados para lidar com assuntos de relevância para a formação dos estudantes, na construção de pessoas que possam estar mais preparadas para enfrentar desafios que vão além do conteúdo escolar, passando pela formação e orientação sobre um tema pouco abordado nas escolas pelo teor complexo que é a automutilação.

É importante que os professores tenham conhecimento das leis que norteiam os procedimentos para casos identificados de autolesão, como conduzir esse estudante ao atendimento, o que cabe à escola e ao professor em casos identificados de praticantes de violência autoinfligida na escola e de que maneira o docente pode encaminhar, ter ciência da existência de uma ficha de notificação, onde a escola pode comunicar os casos de automutilação aos órgãos competentes ligados à assistência médica e psicológica.

É através do conhecimento que os profissionais em educação terão condições para lidar com um tema necessário e delicado que é a automutilação, já que a maioria das unidades escolares, infelizmente, não dispõe de apoio psicológico. A identificação dos casos e o encaminhamento, porventura feito pela escola, podem contribuir para que o número de casos diminua e, sobretudo, para que o estudante receba acolhimento e orientação.

A política nacional de combate à autolesão e ao suicídio visa reduzir os casos. Para isso, institui que as repartições públicas e privadas devem notificar os casos de autolesão, com o objetivo de diminuir a incidência e oferecer assistência aos envolvidos. É fundamental que os professores sejam orientados em protocolos de prevenção e intervenção em casos de automutilação. Isso pode incluir a identificação de sinais de alerta e o acolhimento quando já se tem um caso que se manifesta na escola, sempre pontuando que não é papel do professor prestar ajuda psicológica ou médica de uma forma geral, mas é uma responsabilidade partilhada saber dos fatos que envolvem a prática de automutilação entre os estudantes e notificar os órgãos competentes por meio da ficha de notificação de prevenção ao suicídio e violência autoprovocada, mediante o que orienta a Lei nº 13.819/2019.

A ficha consiste em um pequeno relato com informações sobre a prática de automutilação e a identificação do praticante da autolesão, a qual precisa ser encaminhada para o sistema de saúde. A finalidade dela é contabilizar os casos para que haja políticas públicas que possam atender de maneira mais ampla as regiões de maior ocorrência, prestando assistência à pessoa. O professor precisa ter conhecimento sobre os fatores que contribuem para a automutilação, como problemas familiares, *bullying*, transtornos emocionais, entre outros. Isso é essencial. Da mesma forma, entender os fatores de proteção que podem ajudar os jovens a lidar com esses desafios de forma mais tranquila, mesmo diante de uma prática por si muito complexa, que envolve múltiplos fatores.

Mesmo havendo uma política pública de prevenção e combate ao suicídio instituída no ano 2019 a Política Nacional de Prevenção à Automutilação e ao Suicídio, percebemos que as iniciativas com relação à assistência não caminharam. Não falamos só de assistência médica; falamos de uma intervenção que prepare todos que irão receber essas pessoas para que elas possam ter acompanhamento direcionado em todos os espaços sociais que ocupam. A Lei nº 13.819, de 26 de abril de 2019, prevê pontos que, infelizmente, estão na lei, mas, na prática, não estão sendo orientados pelos estados e municípios, pois os agentes educacionais não estão recebendo essas formações, inviabilizando assim o atendimento correto.

**Quadro 1** - O que Prevê a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio

I – promover a saúde mental;

II – prevenir a violência autoprovocada;

III – controlar os fatores determinantes e condicionantes da saúde mental;

IV – garantir o acesso à atenção psicossocial das pessoas em sofrimento psíquico agudo ou crônico, especialmente daquelas com histórico de ideação suicida, automutilações e tentativa de suicídio;

V – abordar adequadamente os familiares e as pessoas próximas das vítimas de suicídio e garantir-lhes assistência psicossocial;

VI – informar e sensibilizar a sociedade sobre a importância e a relevância das lesões autoprovocadas como problemas de saúde pública passíveis de prevenção;

VII – promover a articulação intersetorial para a prevenção do suicídio, envolvendo entidades de saúde, educação, comunicação, imprensa, polícia, entre outras;

VIII – promover a notificação de eventos, o desenvolvimento e o aprimoramento de métodos de coleta e análise de dados sobre automutilações, tentativas de suicídio e suicídios consumados, envolvendo a União, os Estados, o Distrito Federal, os Municípios e os estabelecimentos de saúde e de medicina legal, para subsidiar a formulação de políticas e tomadas de decisão;

IX – promover a educação permanente de gestores e de profissionais de saúde em todos os níveis de atenção quanto ao sofrimento psíquico e às lesões autoprovocadas.

Capacitar os professores não se limita apenas ao conhecimento técnico, mas também envolve promover uma cultura escolar de apoio, respeito mútuo e abertura para discutir questões que vão além dos conteúdos programados da base comum. A automutilação precisa dessa discussão para não ser tão destrutiva como vem sendo junto aos nossos jovens. Vale salientar que a Lei 13.819 prevê capacitação contínua para gestores. Contudo, não são esses gestores que estão com o estudante em sala de aula. Assim, seria interessante e necessário que os docentes tivessem essa oportunidade, mesmo sabendo que a política de prevenção existe, mas não é eficiente por uma discussão ainda mais ampla, que é o atendimento à saúde no Brasil, que não cresceu junto com a população, e sendo o sistema único de saúde um aporte altamente deficitário, também não dá conta do atendimento aos casos de automutilação.

A capacitação dos professores é uma ação que não se trata apenas de compartilhar informações, pois essas, diante do cenário que vivemos de tanta informação rápida, poderiam ser obtidas de forma autodidata. Mas a proposta da formação continuada, através de cursos e cursos de duração mais ampla, onde os docentes pudessem, além de ter contato com o que está sendo produzido e pensado para atender à demanda de jovens que praticam a automutilação na escola, ainda viabiliza um espaço para troca de experiências onde se poderia promover uma construção coletiva de que caminho trilhar diante de uma demanda que não se tem aporte para acompanhar ainda.

Diante do exposto, retornamos a uma questão que deveria ser inicial, o conhecimento da política pública de prevenção a automutilação e o suicídio. Isso ajudaria a nortear os encaminhamentos, sobretudo nas unidades escolares, apesar de ter-se uma lei que foi instituída em abril de 2019 muitos não têm conhecimento que existe, e assim continuamos esbarrando em uma questão infelizmente corriqueira quando se trata de leis, elas existem, mas, geralmente não são satisfatoriamente divulgadas e nem cumpridas. Não é diferente com a Lei 13.819, que nem a sociedade em geral, e nem a maioria das unidades escolares, tem conhecimento dessa política que orienta como conduzir casos de automutilação como prevenção ao suicídio.

Com o aumento das preocupações com a saúde mental entre adolescentes, há uma necessidade crescente de que as escolas sejam capazes de responder adequadamente a essas questões. Isso requer educadores bem preparados e sensibilizados para apoiar os estudantes. Incluir aspectos socioemocionais e de saúde mental na formação dos docentes não apenas

responde às necessidades atuais dos estudantes diante das pressões sociais que eles vivem em meio a uma sociedade cada vez mais veloz, mas também fortalece os docentes como um todo. A capacitação dos professores é mais do que necessária diante dos cenários que as unidades escolares vivem com relação à automutilação.

A automutilação entre estudantes é de fato um problema complexo e preocupante, que está diretamente ligado à saúde pública e ao bem-estar dos jovens. Abrir o debate sobre automutilação nas escolas é crucial para aumentar a conscientização, mesmo entendendo que se trata de um tema tabu que precisa ser quebrado para que possamos avançar no cuidado com a prevenção de casos de automutilação. É preciso identificar os sinais de forma precoce para que se possa intervir a tempo, pois, mesmo não noticiados, entendemos que a autolesão leva a outros extremos que podem sim ser irreversíveis.

Os professores desempenham um papel fundamental como observadores atentos do comportamento dos estudantes e como primeiros a observarem situações que envolvem saúde mental e outras dores emocionais de maneira muito simples, pois o dia a dia dá ao docente essa oportunidade de observar o jovem de maneira mais completa. Nessa observação incluímos a automutilação. Treinar o olhar do professor para os sinais de alerta é fundamental diante da complexidade das relações estabelecidas nessa sociedade que impulsiona não só os jovens como as pessoas a terem comportamentos que levam à autolesão, desenvolvendo nas pessoas, processos ligados à ansiedade, à insuficiência do ser, como aponta Le Breton (2018, p. 10) em sua obra “Desaparecer de si”, quando ele diz logo no início que: “Às vezes, nossa existência nos pesa. Mesmo que por algum tempo tenhamos vontade de nos livrar das necessidades ligadas a ela, de tirarmos férias de nós mesmos para tomar fôlego, descansar”. Existir vêm sendo esse tomar fôlego, respirar e tentar seguir.

Professores que recebem formação conseguem identificar sinais precoces de automutilação entre os estudantes. Isso inclui mudanças no comportamento, uso de roupas que escondem partes do corpo, isolamento social repentino, entre outros indicadores. Saber como abordar o tema da automutilação de maneira sensível é fundamental. Isso inclui a criação de um ambiente onde as trocas de conhecimento sejam fluidas e empáticas.

Ao abordar em sala de aula um tema como a automutilação, o professor precisa estar muito seguro do que está informando, sendo cuidadoso com os conceitos para que a

informação mal conduzida não seja um estímulo a prática da autolesão, que pontuem a valorização da vida, indiquem que existe uma rede de apoio que pode ser acionada, ligada à assistência médica da ordem psicológica, onde o SUS (Sistema Único de Saúde) direciona para os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) para que se possa ter assistência médica capaz de contribuir com a resolução do distúrbio.

A escola é um espaço de múltiplas ações, nela muitas relações se firmam. É importante que as políticas educacionais e as instituições de formação de professores reconheçam essa necessidade e implementem mudanças efetivas para que os educadores estejam preparados para lidar com questões além do currículo, contribuindo assim para o desenvolvimento integral dos estudantes.

Para a formação de professores, o desafio consiste em conceber a escola como um ambiente educativo, onde trabalhar e formar não sejam atividades distintas. A formação deve ser encarada como um processo permanente, integrado no dia-a-dia dos professores e das escolas, e não como uma função que intervém à margem dos projectos profissionais e organizacionais (McBride, 1989, p. 20).

Se a própria BNCC traz a importância do estudante conseguir dialogar com o meio social, é imprescindível que o docente esteja pronto para esse diálogo. Uma conexão importante é a abertura do diálogo sobre automutilação com conhecimento prévio, não partindo do senso comum, mas da informação segura de como podemos ajudar o estudante a entender que não se trata de uma ação que deve ser copiada, mas de atos que precisam de acolhimento e acompanhamento. Para isso, é importante que o poder público coloque a Lei 13.819 atuante nos espaços escolares, com profissionais informados sobre do que se trata a automutilação, o que sanciona a lei e podendo colaborar nos diálogos que são indispensáveis para a condução do processo. “A prática pedagógica dos dias atuais exige um professor bem capacitado e preparado para lidar com os alunos e também com as novas problemáticas que estão presentes no cotidiano da sociedade”. (Formação de Professores, 2022, p.12)

No Ensino Médio, a BNCC da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas propõe que os estudantes desenvolvam a capacidade de estabelecer diálogos – entre indivíduos, grupos sociais e cidadãos de diversas nacionalidades, saberes e culturas distintas –, elemento essencial para a aceitação da alteridade e a adoção de uma conduta ética em sociedade. Para tanto, define habilidades relativas ao domínio de conceitos e metodologias próprias dessa área. As operações de identificação, seleção, organização, comparação, análise, interpretação e compreensão de um dado objeto de conhecimento são procedimentos responsáveis pela construção e desconstrução dos significados do que foi selecionado, organizado e conceituado por

um determinado sujeito ou grupo social, inserido em um tempo, um lugar e uma circunstância específicos. (BNCC- Base Nacional Curricular Comum)<sup>6</sup>

Formar continuamente os professores em temas que contribuem para a orientação dos diálogos em sala de aula é fundamental para atender os estudantes de forma mais completa. No entanto, é importante que os docentes estejam dispostos não apenas a realizar a formação continuada, mas também a fazer a diferença em seus espaços laborais, contribuindo para a vida dos jovens que se automutilam, dispostos a compartilhar os conhecimentos e atuar na orientação desses estudantes. Pois entendemos que não adianta participar de cursos e cursos de extensão sem colocar em prática os conhecimentos.

Entendemos ainda que a informação compartilhada tem efeitos satisfatórios e que o docente além de contribuir fazendo o seu papel, também pode colaborar bastante na prevenção de novos casos de automutilação. Esse é um passo fundamental na construção de uma sociedade onde o conhecimento e as habilidades são vistas como catalisadores para o progresso e transformações positivas.

---

<sup>6</sup> BNCC- Base Nacional Curricular Comum - **Base Nacional Comum Curricular** (BNCC) - Ministério da Educação. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 03 abr. 2024.

### **3 AUTOMUTILAÇÃO, ORIENTAÇÃO PARA DOCENTES**

A formação continuada dos professores é essencial para que os docentes consigam abordar não apenas os conteúdos da base curricular comum, mas também temas relevantes para o desenvolvimento integral dos estudantes, incluindo questões sociais complexas como a automutilação. O tema do nosso trabalho já deu indícios do que iríamos abordar, por isso, é importante esclarecer do que se trata a proposta, que nasceu inicialmente do desejo de tentar entender como podemos, enquanto profissionais da educação, contribuir para a diminuição de casos de automutilação, preparando os docentes para essa abordagem no espaço escolar. Dessa maneira, inicialmente pensamos em abordar o tema junto aos estudantes, fazendo um trabalho investigativo com eles. Contudo, diante da fragilidade do sistema educacional e da falta de suporte necessário para que o trabalho junto aos estudantes acontecesse, decidimos que seria mais coerente fazer esse trabalho junto aos professores.

O curso foi concebido como uma proposta para socializar conhecimentos sobre automutilação com professores de diferentes componentes curriculares da educação básica. Seu objetivo principal foi contribuir para uma prática pedagógica mais assertiva e sensível em relação a essa problemática. Durante a elaboração, surgiram questionamentos essenciais: quais temas abordar com os professores? Deveríamos apenas transmitir informações pontuais ou criar um espaço de diálogo em que também pudéssemos ouvir as experiências dos docentes? A partir dessas reflexões, estruturou-se uma proposta de formação que priorizasse a troca de informações e o diálogo, permitindo aos professores desenvolver um olhar mais apurado e sensível para lidar com o tema.

A divulgação do curso foi realizada por meio do site da Fundaj, redes sociais, e também pelo boca a boca, especialmente durante o Seminário sobre Automutilação na Escola, promovido pela instituição. Essa ampla divulgação foi fundamental para a formação da turma. As inscrições ocorreram de forma online, assim como as aulas, garantindo acessibilidade e participação remota.

Sabendo que os professores desempenham um papel fundamental como facilitadores de discussões no ambiente escolar, sendo eles, por muitas vezes, o único apoio emocional de que os estudantes dispõem, por estarem inseridos em famílias ocupadas demais para cuidar, ou desinteressadas demais para cumprir o seu papel, os professores simbolizam a referência, a

pessoa que vai trazer assuntos que talvez não possam ser discutidos em outros espaços. A automutilação precisa ser discutida por esse profissional preparado, empático, sensível e, principalmente, disposto a socializar o que sabe.

Além da formação, é importante que as escolas desenvolvam políticas claras e protocolos de intervenção para situações de saúde mental, incluindo a automutilação. Isso cria um ambiente seguro e acolhedor onde os alunos se sintam à vontade para buscar ajuda e suporte quando necessário, mesmo sabendo que não é tarefa fácil, não se pode mais deixar de lado o que precisa ser discutido. Os casos aumentam nas unidades escolares e tornam a automutilação mais um fator limitante para a permanência do estudante nas unidades escolares, pois o não sentir-se pertencente faz o discente não desejar permanecer na escola.

O ensino online síncrono, que corresponde a esta intervenção, visou aumentar a acessibilidade ao processo, permitindo a participação de um número maior de pessoas. O curso teve uma oferta de trinta vagas, sendo doze delas preenchidas, no formato síncrono e online, ao longo de 8 encontros, começando em abril, sendo concluído em 2 de maio. As sessões foram agendadas para ocorrerem às terças e quintas-feiras, sempre às 19h, com o total de 16h. Cada encontro teve a duração de duas horas, durante as quais eram expostos o tema da aula e deixados previamente textos base para conduzir o debate, visando, antes de mais nada, provocar os docentes para que contribuíssem com suas vivências na construção do conhecimento.

O formato digital em que o curso foi oferecido permite, sobretudo, que pessoas de diferentes localidades possam participar, facilitando o engajamento ao longo dos encontros. A escolha dos dias da semana e do horário noturno foi estratégica para acomodar agendas variadas e maximizar a participação dos interessados. Essa estrutura permitiu que os participantes explorassem o tema, discutissem estratégias de intervenção e compartilhassem experiências, contribuindo para uma maior conscientização e preparação no enfrentamento da questão da automutilação dentro do contexto escolar.

### **3.1 Ambiente Virtual**

O ambiente virtual foi pensado para atender a todos, possibilitando que, independentemente de onde os cursistas estivessem, pudessem participar, superando a barreira da distância e do tempo, buscando contribuir com a formação de todos no tocante à

automutilação. Entendendo que criar um curso em um ambiente virtual seria possível, considerando a demanda diária dos professores, procuramos realizar uma abordagem objetiva que refletisse nossas intenções e como vemos a importância da informação para que eles possam contribuir com a mitigação dos casos de automutilação nas unidades escolares, partindo do pressuposto de que a informação é uma ferramenta importante nessa ação.

A formação dos professores voltada aos processos de escarificação entre os jovens que compõem as unidades escolares é primordial para que haja um entendimento de que tipo de fenômeno se trata, sabendo que se pode lançar mão de algumas competências para que o assunto possa ser tratado na escola de modo a contribuir com a prevenção e orientação.

A tecnologia veio nos auxiliar, possibilitando que o curso ocorresse e que pudesse agregar pessoas de diversos locais. Dispomos de três importantes plataformas de propagação de informação e conhecimento, foram elas: Google Sala de Aula, Google Meet e YouTube. Através delas conseguimos promover vários espaços de diálogo, aulas síncronas, disponibilização de material e participação extra de profissionais que dedicam seus estudos a entender como funcionam os mecanismos que desencadeiam a automutilação e como podem contribuir para que isso não ocorra.

**Imagem 1** - Espaço de Sala de Aula Virtual



Fonte: Elaborado pela autora

Alimentar o ambiente virtual com materiais que auxiliem o profissional foi uma preocupação, incluindo orientações voltadas para encaminhamentos de atendimento médico e a existência de uma lei federal que atribui à escola e aos agentes de atendimento públicos a responsabilidade de notificar os casos de automutilação.

O espaço virtual na plataforma Google Sala de Aula facilitou o andamento do curso, especialmente porque muitos professores já estavam familiarizados com ela devido à gestão das aulas durante a pandemia. Isso certamente foi um facilitador na transição para o curso, já que não houve falta de familiaridade com a plataforma. Os cursistas apresentavam desenvoltura adequada e atendiam ao que era proposto.

Destaca-se que o curso foi ofertado no âmbito da Diretoria de Formação Profissional e Inovação (Difor) da Fundação Joaquim Nabuco, na qual funciona o ProfSocio. O ambiente virtual, além de ser um facilitador na formação dos docentes, permite que muitos profissionais sejam atendidos simultaneamente. A internet nos possibilitou, de maneira rápida, promover um curso para a formação de professores dentro da temática de automutilação, com o intuito de

prepará-los para que, em suas realidades, aplicassem os conhecimentos assimilados junto aos seus estudantes na identificação e condução do problema. Sabendo que a automutilação é um desafio contemporâneo que precisa ser abordado da melhor forma possível. Acreditamos ainda que o olhar sociológico trazido principalmente pelas obras de David Le Breton, que possui uma linguagem muito direta, tenha ajudado os profissionais a perceber as dinâmicas sociais através das marcas que a automutilação imprime na pele de quem as pratica.

Inicialmente, percebemos que os professores estavam reticentes em relação às discussões, que havia muitas dúvidas, mas também um sentimento de que o assunto tinha um peso grande demais e que eles não se sentiam preparados para carregar. O ambiente virtual, entretanto, facilitou a quebra desse clima inicial. É compreensível que alguns docentes possam sentir resistência em discutir e lidar com o tema da automutilação. Essa resistência pode surgir devido a várias razões, incluindo a percepção de falta de competência para abordar questões tão complexas e delicadas. Muitas vezes ouvimos o lamento dos cursistas sobre a falta de atendimento profissional nas unidades escolares, apontando que a presença de psicólogos nas escolas é fundamental. Contudo, sabemos que, infelizmente, essa necessidade está distante de ser sanada, especialmente nas unidades de educação pública, por diversos fatores, sendo o principal a falta de material humano, associada ao descaso do poder público.

Um ambiente escolar onde o diálogo seja encorajado pode ajudar a promover a discussão sobre temas como automutilação. Isso pode incluir a criação de espaços seguros para compartilhar experiências e buscar apoio, fornecer aos professores recursos claros, como guias de referência rápida, protocolos de ação em casos de emergência e materiais educativos atualizados, pode aumentar sua sensação de preparação e competência para lidar com situações de automutilação.

Ainda sobre a utilização da internet como facilitadora da propagação da informação, percebemos quão valiosa foi a oportunidade de interagir com pessoas tão comprometidas com o que fazem. Observamos também que, mesmo reconhecendo que a saúde mental é um agravante nas relações interpessoais na atualidade, é necessário utilizar cada vez mais os recursos modernos para a rápida disseminação de informações.

### 3.2 Descrição dos Encontros

O curso foi organizado em oito encontros, dois deles, no entanto, utilizaram adicionalmente o YouTube para que pessoas não inscritas no curso também pudessem participar como espectadores de um momento de orientação por meio de uma live no canal da Fundação Joaquim Nabuco. Esse evento fez parte do seminário sobre automutilação promovido pela Fundaj. Dividimos os encontros em temas que pudessem contribuir para as rotinas dos professores em suas unidades escolares, não sendo necessariamente imprescindível que eles abordassem todos os pontos de uma vez. A construção foi feita com o intuito de tentar tornar prático o conhecimento e sua abordagem.

No início de cada encontro era realizada uma consulta para saber se todos tiveram acesso ao material previamente disponibilizado e fizeram a leitura do texto a ser trabalhado no dia, e se ficou alguma dúvida sobre o encontro anterior. Após essas indagações iniciais, começamos a aula. Disponibilizamos para os cursistas, além do texto para ser trabalhado, outros materiais complementares ao tema e sempre um pequeno vídeo. Entendemos que, diante da modernidade e da atenção ao visual entre os jovens, o vídeo dá o pontapé inicial para os debates, por apelar para essa atração ao visual, o imagético.

Além de abordar as teorias sobre a automutilação, que indicam distúrbios comportamentais clínicos que precisam de intervenção médica e os causados por pressões sociais, o curso também se concentrou na aplicação prática dentro do ambiente escolar, visando criar um espaço de apoio para os estudantes, acolhendo e informando. No Quadro 2, podemos observar o cronograma das atividades com seus temas, data e horário das aulas do curso.

**Quadro 2** - Cronograma das atividades

Calendário da Atividade Cronograma de encontros		
	Quando?	A que horas?
<b>Aula 1 - Guia Prático como lidar com a automutilação, por Leonora Tavares IFMA</b>	09/04/2024	19h às 21h

<b>(Instituto Federal do Maranhão)</b>		
<b>Aula 2 - Conceituando automutilação</b>	11/04/2024	19h às 21h
<b>Aula 3 - Automutilação na escola, uma demanda a mais para o docente.</b>	16/04/2024	19h às 21h
<b>Aula 4 - Qual a contribuição das ciências sociais nos estudos sobre a automutilação</b>	18/04/2024	19h às 21h
<b>Aula 5 - Rede de acolhimento - Profissional de atenção à saúde mental de jovens no Caps.  Palestra com o psicólogo Henrique Landim, transmissão pelo Youtube</b>	23/04/2024	19h às 21h
<b>Aula 6 - Saúde mental e educação.</b>	25/04/2024	19h às 21h
<b>Aula 7 - A automutilação em uma narrativa escolar.</b>	30/04/2024	19h às 21h
<b>Aula 8 - Síntese</b>	02/05/2024	19h às 21h

Fonte: Elaborado pela autora

Cada encontro abordou diferentes pontos da automutilação, incluindo suas causas, sinais de alerta, impacto emocional e estratégias de intervenção possíveis. Os participantes puderam discutir casos práticos que estão inseridos no cotidiano da escola, compartilhar experiências e aprender técnicas específicas para lidar com situações delicadas relacionadas ao emocional dos estudantes. O objetivo final foi capacitar os professores não apenas a identificar possíveis casos de automutilação entre os jovens, mas também oferecer o suporte necessário. Isso é crucial para criar um ambiente escolar onde os estudantes se sintam compreendidos, apoiados e encorajados a buscar ajuda quando necessário.

Os encontros foram estimulantes, sempre incentivando os cursistas a buscarem suporte para ajudá-los em suas necessidades nas práticas docentes relacionadas à automutilação. Pudemos perceber que a inquietação em torno do tema era enorme e, segundo um dos

curvistas, “As famílias dos estudantes são o maior empecilho para a evolução de qualquer trabalho transversal na escola. Os pais precisam participar, mas eles não querem, e isso nos impede de avançar. Sei que as coisas só dariam certo nas conversas sobre automutilação na escola se as famílias participassem”. A necessidade das famílias assumirem o seu papel é importantíssima, apesar de não ser o que ocorre na grande maioria dos casos. As poucas que entendem sua responsabilidade, necessitam de bastante informação e acolhimento tal qual professores e estudantes.

### **3.3 Sobre a intervenção e o objeto de estudo**

O objetivo da intervenção foi trabalhar com os docentes a automutilação entre os estudantes, com a intenção de disseminar o diálogo em torno de um tema, fortalecer o professor quanto a como proceder quando se depara com a situação ocorrendo no espaço escolar, muitas vezes na própria sala de aula. A quem recorrer? Como agir nessas situações? São questionamentos que a intervenção se preocupou em responder, de modo a contribuir com o fortalecimento da informação que vai chegar nas escolas através dos professores.

Foram duas lives no youtube, a primeira a de abertura do curso, com a pesquisadora Leonora Tavares, responsável pela criação de uma cartilha de caráter informativo sobre a automutilação, e a segunda live foi com o psicólogo Henrique Landim, que abordou com os participantes da live questões importantes sobre a rede de atendimento para jovens que praticam a autolesão e outros, os perfis psicológicos e como se pode cooperar com a assistência em caráter informativo. Os seis encontros que ocorreram no espaço de sala de aula virtual tiveram temas diários que foram elementos de debates, cada um contando com um texto norteador. Abaixo, a título de exemplo, descrevemos os dois primeiros encontros para que, em seguida, todo o conteúdo do curso seja esmiuçado.

No primeiro encontro tivemos a oportunidade de interagir com a pesquisadora Leonora Tavares, através do canal Fundaj no Youtube. Ela nos trouxe os desafios da automutilação, a importância do diálogo assertivo, entendendo que não conseguiremos contribuir se não começarmos a expandir o debate. Como apontamento após esse momento, pedimos que escrevessem no fórum suas impressões do momento com a pesquisadora. Deixamos como facultativa a ação de responder ou não ao fórum. Assim, tivemos duas

respostas à seguinte pergunta: o que chamou mais a atenção do que foi explanado no encontro com Leonora Tavares e o que achou do material?

Resposta 1: Chamou minha atenção em saber que as meninas são a maioria. A automutilação é um assunto sério e delicado, especialmente quando se trata de jovens em ambiente escolar. É importante lembrar que a automutilação pode ser um sinal de sofrimento emocional e que as pessoas que se automutilam precisam de apoio e compreensão. **(Cursista 1)**

Resposta 2: Ótimo. Contextualiza de uma forma agradável. Também abre possibilidades para trabalhar em algum componente eletivo no ensino médio, pois além dos conceitos oferece referências para vídeos e outros materiais para relacionar a atividades no campo de educação socioemocional. **(Cursista 2)**

No segundo encontro, já no ambiente de sala de aula virtual, discutimos um dos livros de David Le Breton, *Condutas de risco* (2009), o texto que fala sobre a "ordália". Nenhum dos participantes conhecia o pesquisador, muito menos sabia o significado de ordália. Indagamos, após leitura e análise do texto, o que eles compreenderam sobre o que seria o elemento central do texto. Nossa pergunta para eles foi: o que achou relevante no texto? Eles falaram que nunca tinham ouvido falar em Le Breton, tampouco da ordália, o interessante é que ao entender o que significava começaram a fazer algumas conexões com o vivido atualmente, pensar no que seria aceitável ou suportável com relação a dor, a dor além da dor.

Resposta: Ele aborda a maneira como diferentes culturas e indivíduos lidam com a dor, tanto física quanto emocional. Também explora como a dor é percebida, expressa e vivida em diferentes contextos culturais, sociais e pessoais. Ele destaca a importância de compreender a dor para além da dimensão puramente biológica, considerando também suas dimensões simbólicas e sociais. **(Cursista 2)**

Nos momentos síncronos podemos ter a certeza de quão valiosos foram os momentos com os cursistas que participaram, o valor da informação e da troca de experiências, que para a formação de professores é incontestavelmente importante, A formação é algo indispensável para que o suporte dado aos estudantes em orientação a automutilação seja adequado e eficiente, contribuindo para um entendimento em automutilação no nosso caso, promovendo esse ambiente escolar melhor e de diálogo.

### **3.4 Perfil dos Professores Que Realizaram o Curso**

O perfil dos professores que participaram do curso de formação foi diversificado, predominando docentes do ensino médio de escolas em tempo integral. A maioria já possui experiência na função e relataram enfrentar situações para as quais não encontram apoio ou

não sabem resolver por conta própria. Isso é especialmente comum ao lidar com temas complexos que não podem ser abordados de forma terapêutica, dada a falta de formação específica dos professores. No entanto, esses temas devem ser tratados como dados relevantes no contexto social atual e debatidos de maneira analítica, com foco em informações e na valorização da vida.

O grupo do curso foi composto por 12 participantes, incluindo dois professores do estado de Alagoas que, coincidentemente, trabalhavam na mesma unidade escolar e atendiam jovens do ensino médio. Embora enfrentassem dificuldades semelhantes em suas rotinas, apresentavam percepções distintas sobre os desafios, evidenciando uma diferença de abordagem: um praticava a escuta ativa com os estudantes, enquanto o outro mantinha-se restrito ao papel de professor da disciplina, evitando abordar questões além do conteúdo curricular. O perfil geral dos cursistas era de profissionais experientes, com ampla trajetória na docência, mas que enxergaram no curso uma oportunidade de ampliar suas perspectivas e buscar estratégias para contribuir de forma mais significativa com a vida e o bem-estar de seus alunos.

Além dos professores inscritos, uma jornalista se inscreveu no curso mesmo não se encaixando no perfil intencional para o trabalho, mas por se interessar pela temática, que é de fundamental relevância no contexto atual. Sua participação foi permitida, pois a intenção seria propagar as informações, abrir o debate e orientar sobre como a abordagem do tema pode ser feita junto aos estudantes, contribuindo assim para a diminuição e prevenção dos casos, que precisam que essa conversa ocorra nas escolas, e para garantir que a assistência chegue, auxiliando o quadro que percebemos ser crítico em todos os espaços escolares e na sociedade como um todo.

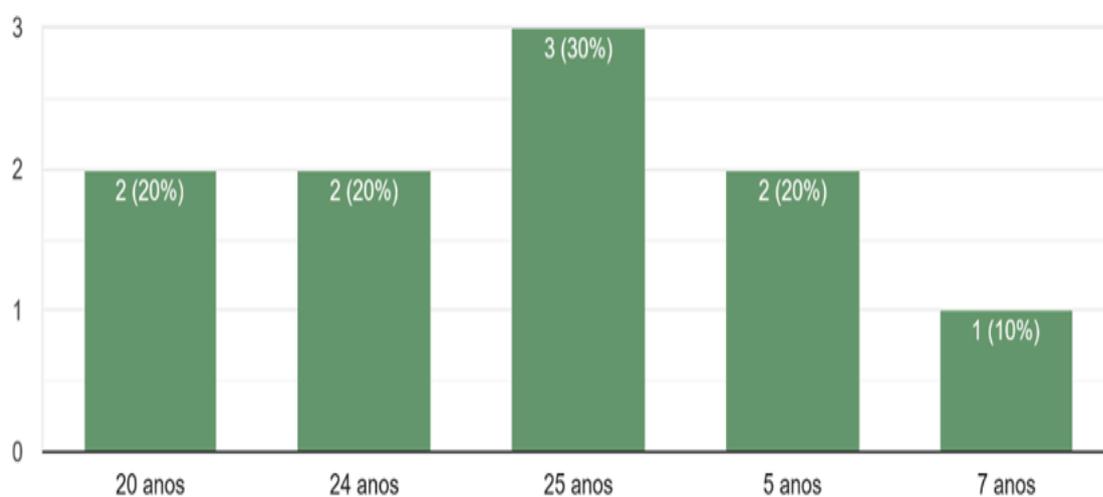
A grande maioria das pessoas que atendemos no curso possui mais de vinte anos de experiência em sala de aula (**Gráfico 1**), com uma vasta bagagem de docência, dispostos a conversar e trocar experiências sobre como estão conduzindo e lidando com os casos relacionados à automutilação que surgem na escola. O grupo foi composto por professores de diversos componentes curriculares, sendo bastante heterogêneo, o que enriqueceu bastante a troca de informações. O grupo era bastante heterogêneo, com participantes inseridos em realidades escolares diversas e atuantes em diferentes componentes curriculares, incluindo áreas de exatas, ciências humanas e da natureza. Todos enxergaram no curso uma

oportunidade para compreender melhor e lidar de forma mais eficaz com a problemática da automutilação, que emerge como um desafio crescente no ambiente escolar. Os cursistas destacaram que a escola vive um novo momento, no qual, além de ensinar os conteúdos curriculares, é necessário lidar com estudantes inseridos em contextos sociais complexos.

**Gráfico 1:** Tempo de docência

leciona a quanto tempo?

10 respostas



Fonte: Elaborado pela autora

#### 4 AULAS DO CURSO

A proposta do curso foi proporcionar aos cursistas a oportunidade de contato com uma discussão que os apoie em suas salas de aula no que diz respeito a processos autolesivos entre os estudantes. Pensamos então na formação continuada, onde os professores podem aperfeiçoar habilidades ou desenvolver novas a partir da informação. Acreditando nisso, propusemos desenvolver um momento de formação para docentes em atividade, que pudesse auxiliá-los na condução de um debate importante sobre o tema, que é cada vez mais frequente entre os jovens, devido a fatores que envolvem transtornos de ordem psíquica e respostas a angústias sociais, emocionais, econômicas e familiares, abrangendo uma diversidade de processos que estão diretamente ligados à forma como o jovem se vê em sociedade nos tempos atuais.

Com a criação da Lei nº 13.819/2019, que instituiu no Brasil a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio, torna-se mais que necessária a discussão sobre a prevenção da prática autolesiva nos espaços escolares. Assim, o curso ofertado foi uma oportunidade para esclarecer fatores conceituais importantes em automutilação, como a rede de apoio relacionada à assistência médica ligada aos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), e a orientação dos estudantes quanto à socialização da informação de maneira clara e assertiva, sem juízo de valor ou cunho terapêutico por parte dos professores. É fundamental entender que, desde a criação da lei, é necessário notificar os órgãos competentes sobre casos de automutilação no ambiente escolar, o que torna o profissional de educação corresponsável nesse levantamento de dados e na proteção da vida.

A automutilação ainda é um tema evitado pelos profissionais de educação, contudo, a proposta do curso foi promover um debate leve com informações diretas, trazendo profissionais que trabalham com a automutilação seja na criação de material de apoio como foi o caso da pesquisadora Leonora Tavares, ou no tocante da assistência terapêutica como é o caso do psicólogo e também pesquisador Henrique Landim.

O cuidado com uma oferta de alternativas para apoiar e orientar os docentes foram preocupação constante na criação do material utilizado no espaço virtual de aprendizagem, uma seleção de vídeos que pudessem ser provocadores no início de debates junto aos estudantes, textos que contribuíssem com a prática pedagógica dos professores, oferecendo

subsídios para que consigam fazer discussões cada vez mais assertivas e a troca de experiências do espaço vivido em sala de aula que ajuda a traçar caminhos tendo como ponto de partida situações vivenciadas, são alguns exemplos utilizados durante as aulas do curso, pois entendemos que essa troca se analisada com olhar sociológico vai contribuir muito para amenizar o problema, apesar de acreditarmos que não haja um antídoto capaz de fazer com que os jovens parem de se automutilar, temos a convicção que fortalecendo o docente ele será capaz de construir caminhos para que o jovem possa ser orientado e acolhido de modo que se sinta ajudado e seguro para que não venha a influenciar esta prática com outros estudantes.

#### **4.1 Aula 1 - Guia Prático Como Lidar Com a Automutilação**

##### **Introdução**

A importância do material de apoio para as ações dos professores junto aos estudantes que praticam a automutilação foi o principal motivo para a realização desse primeiro encontro. Um exemplo relevante é a cartilha produzida pelo IFMA (Instituto Federal do Maranhão) “Como lidar com a automutilação: guia prático para docentes do ensino médio” (Tavares, 2021), que é uma excelente fonte de informação com linguagem bastante simples e clara, que orienta os professores como lidar com casos de automutilação. Para discutir e exemplificar como engajar os docentes na disseminação dessa informação valiosa, convidamos a pesquisadora Leonora Tavares a responsável pela cartilha, que foi seu produto na defesa de seu mestrado para uma live no canal da Fundação Joaquim Nabuco no YouTube<sup>7</sup>.

A palestrante da live a Mestra em Educação Profissional e Tecnologia pelo Instituto Federal do Maranhão, Leonora Tavares, é bacharel em sociologia pela Universidade Estadual do Maranhão, professora da educação básica no estado. Ela foi responsável pela criação do guia, que é um material de apoio ao docente, onde compartilha estratégias e exemplos práticos de como facilitar a compreensão e aplicação desses conhecimentos pelos professores. A live ocorreu no dia 09 de abril às 19 horas pelo canal do Youtube da Fundação Joaquim Nabuco. Na ocasião, vários profissionais de educação puderam participar. Tendo como tema a automutilação, a pesquisadora Leonora Tavares pode dividir com todos de maneira clara e direta as experiências contidas na cartilha e a importância de um diálogo assertivo quando se

---

<sup>7</sup>Seminário sobre o tema: "Automutilação na escola" (youtube.com).

trata de automutilação. Durante a live, explanou pontos importantes da cartilha de sua autoria. O Quadro 3 traz as perguntas e comentários que foram deixadas no chat da live.

**Quadro 3** - Questões e comentários do chat da Live com Leonora Tavares, 09 de Abril de 2024

A automutilação ocorre mais entre as meninas?
Vivenciei nas escolas muitos adolescentes se automutilando.
Os próprios alunos têm esse reconhecimento. Do acúmulo de atividades não só com relação aos alunos, mas a toda equipe escolar.
Muitos profissionais adoecidos também. E as escolas não têm profissionais que possam nos auxiliar. As escolas estão multifunções.
Existe até mesmo aquelas mutilações que não conseguimos verificar
As marcas são evidências que observo nos estudantes do ensino médio, embora já tenha visto no ensino fundamental II.
Dor psíquica não é fácil de expressar para quem está à sua volta.
A justiça restaurativa na escola constrói um elo, a prática da escuta qualificada oportuniza ao aluno a escuta. Sem juízo de valor. E muitos alunos falam, procuram.
A escola em conjunto com a família, são os pilares para esses estudantes se sentirem acolhidos e saber que podem se abrir e receber a ajuda necessária para evitar mutilações ou consequências piores.
A família contemporânea não tem quase nenhuma base para exercer tal ajuda.
Tive 7 meninas se mutilando no 5º ano no ano passado, todas se queixando por abandono familiar.

Fonte: Seminário sobre o tema: "Automutilação na escola" (youtube.com)

## Objetivo

Entre os objetivos deste primeiro encontro, o principal foi promover a imersão dos docentes no tema proposto que é a automutilação, demonstrando a importância do tema e a urgência do debate no espaço escolar, quebrando os tabus que ainda permeiam a automutilação.

Esperamos com objetivos:

<b>Geral</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Abordagem da automutilação em ambiente escolar.</li> </ul>
--------------	---

<b>Específico</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Utilização de material e apoio didático.</li> </ul>
-------------------	--

## Conteúdo

Com o propósito de trazer para os cursistas um material que tem como finalidade apoiar o trabalho dos professores em sala de aula no tocante à violência autoinfligida, a cartilha (**Imagem 2**) elaborada pela pesquisadora Leonora Tavares foi discutida, pontos como: conceito de automutilação, rede de assistência, fatores de risco e principais perguntas sobre o tema. Os conteúdos abordados na cartilha são diretos e no intuito de contribuir com o papel do professor, trabalhando com mitos e verdades sobre a automutilação e como iniciar o debate com os estudantes.

**Imagem 2** - Capa do Guia Prático para Docentes



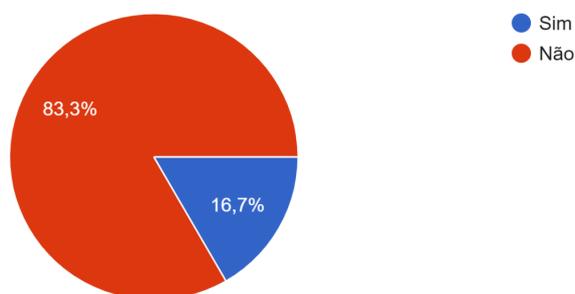
Fonte: Guia Prático para Docentes - Leonora Tavares

No (**Gráfico 2**) temos um dado relacionado a quem conhecia a cartilha, percebemos que quase a totalidade desconhecia o material da pesquisadora. Os cursistas relatam ainda que nunca buscaram material de apoio para as conversas com os estudantes na escola, o que muito nos preocupou, pois entendemos que temas complexos precisam ser abordados de maneira consciente e baseada na ciência e não no empirismo.

**Gráfico 2:** Quem Conhecia o Manual

Você sabia que existia um manual de apoio para docentes como auxílio na condução de estudantes que praticam automutilação?

6 respostas



Fonte: Elaborado pela autora

É essencial destacar que a cartilha da pesquisadora Leonora Tavares é um material rico em informações importantes para apoio em sala de aula. Nele podemos ter acesso a informações sobre conceito de automutilação, mitos e verdades, perguntas frequentes sobre o tema e sua relação com a possibilidade da prática suicida. O guia traz além de seu texto muito didático, orientação sobre filmes, vídeos, séries e livros que podem ajudar na condução do debate sobre automutilação.

### Síntese Didática

Nesta aula, foram trazidas discussões sobre como a prática da automutilação era vista, principais abordagens, rede de ajuda, como identificar as práticas autolesivas, orientação para intervir na prevenção da prática de automutilação e como esse assunto estava sendo conduzido nas unidades escolares. No universo da automutilação que compreende um meio de muita incerteza social, angústias, dores psíquicas, falta de acolhimento e tantas outras situações já conhecidas que permeiam a vida de quem se automutila, são abordadas no material disponibilizado para os docentes da pesquisadora Leonora Tavares<sup>8</sup> orientações importantes para lidar com os casos de estudantes que se automutilam. Existem fatores bem complexos que motivam o indivíduo a prática da automutilação, não se tratando de um único fator e sim uma soma deles.

<sup>8</sup> TAVARES, Leonora L. de Jesus J. Mendes. **Como lidar com a automutilação**: guia prático para docentes do ensino médio. Produto da Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, Instituto Federal

A cartilha de Leonora Tavares é o produto de seu mestrado, sendo publicada em 2021, com o título: “ Como lidar com a automutilação: guia prático para docentes do ensino médio”. No material temos contato com informações importantes como os serviços de emergência ao atendimento dos casos, definição do que é a automutilação, sua diferença com relação ao suicídio, mitos e verdades, quais são os sinais de alerta da violência autoprovocada e pontuando a automutilação deliberada que é a mais comum entre os jovens e não está diretamente relacionada ao desejo de suicídio.

É importante saber que a automutilação encontra-se, muitas vezes, associada a eventos de regulação emocional, a impossibilidade de dar sentido ao próprio mal-estar e ao estresse psicológico ocasionado por situações envolvendo bullying, abusos, negligência, traumas ou perdas de entes queridos. Por esse motivo, uma escuta ativa no lugar de pré-julgamentos é um importante passo para que a pessoa adquira autoconfiança e decida realizar seu tratamento de forma adequada (Tavares, 2021, p.19).

O material desenvolvido pela pesquisadora é uma ferramenta de apoio aos professores e deve ser divulgado para alcançar o maior número de pessoas. Ele responde perguntas que seriam difíceis de abordar, orientando sobre a forma de interagir com os estudantes, incluindo o que perguntar, quando e como fazer essas perguntas. Acolher os alunos que precisam desse suporte é importante, como destacou Leonora Tavares durante a live, sublinhando a necessidade de ouvir os jovens, validar suas dores e direcioná-los de acordo com suas necessidades.

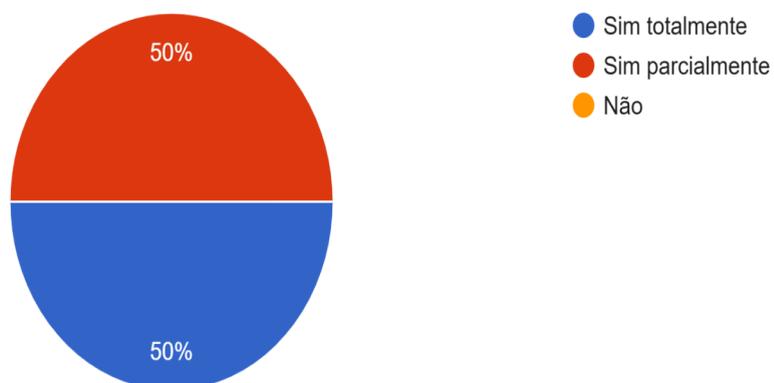
### **Respostas dos Fórum de discussão**

Lançamos no nosso espaço virtual de sala de aula um formulário onde os cursistas poderiam marcar suas impressões sobre o primeiro encontro na live com a pesquisadora Leonora Tavares. O Gráfico 3 mostra a porcentagem de cursistas que acessaram o material antes da live: 50% leram totalmente, e 50% leram parcialmente. O Gráfico 4 indica que 100% dos cursistas consideraram o material importante.

**Gráfico 3:** Quem conseguiu ter contato com o texto

Você conseguiu ler o manual?

6 respostas

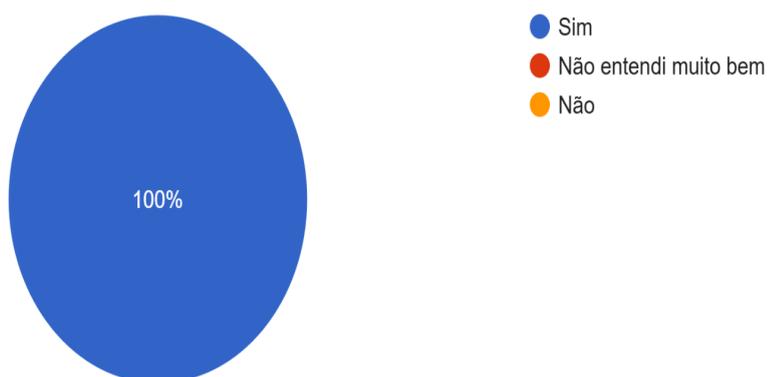


Fonte: Elaborado pela autora

**Gráfico 4:** Análise sobre a relevância da informação

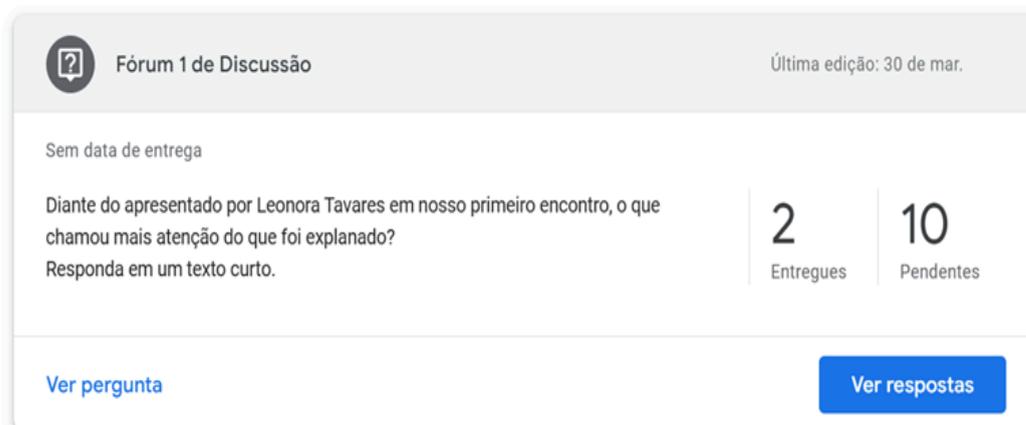
O que achou das informações? elas serão úteis?

6 respostas



Fonte: Elaborado pela autora

### Imagem 3 - Fórum 1



Fonte: mini curso automutilação, cutting orientação para docentes

Chamou minha atenção em saber que as meninas são a maioria. A automutilação é um assunto sério e delicado, especialmente quando se trata de jovens em ambiente escolar. É importante lembrar que a automutilação pode ser um sinal de sofrimento emocional e que as pessoas que se automutilam precisam de apoio e compreensão. **(Cursista 1)**

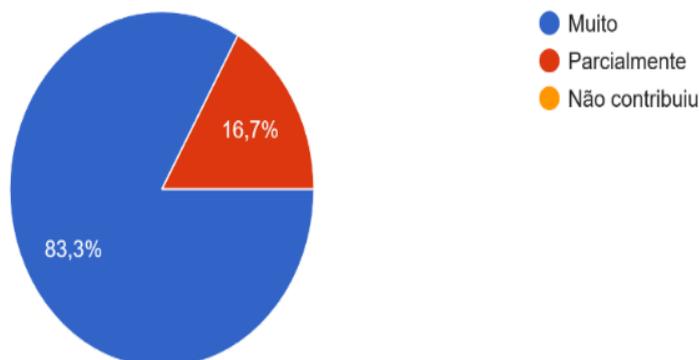
Nosso encontro foi muito proveitoso e abriu novas perspectiva (*sic*) sobre o tema, entretanto ao ler encontrei no texto de Leonora Tavares, algumas tabelas sínteses muito proveitosa (*sic*) para os estudos sobre os casos de automutilação e suas origens e suas consequências e danos para e na sociedade. **(Cursista 2)**

O fórum foi a única atividade desse primeiro encontro do curso, e por se tratar de uma live onde outras pessoas puderam participar não se pode aferir as impressões de todos. No entanto, com base nas perguntas feitas durante o evento, foi possível perceber que os participantes tinham curiosidades específicas sobre o tema, o que possivelmente os motivou a participar da transmissão ao vivo. Esse momento também fez parte de um seminário mais amplo sobre o fenômeno de automutilação em contexto escolar realizado pela Fundaj sob a coordenação do professor Dr. Alexandre Zarias. O evento teve 139 visualizações até 29 de agosto de 2024, assim atingindo um público muito maior do que o inscrito no curso.

**Gráfico 5:** A contribuição do Material

Qual nível da contribuição do material para sua rotina na escola?

6 respostas



Fonte: Elaborado pela autora

As avaliações dos cursistas sobre o conteúdo da cartilha indicaram que iniciar o curso com a apresentação de uma pesquisadora especialista no tema foi relevante para facilitar as discussões nos encontros subsequentes. O Gráfico 5 mostra a avaliação dos cursistas sobre a importância do conteúdo do primeiro encontro para suas práticas em sala de aula. Na Imagem 4, os cursistas avaliaram o manual, com dois deles destacando-o como "muito esclarecedor." Esses resultados confirmam que o momento inicial foi relevante para orientar a rotina escolar no contexto da automutilação.

**Imagem 4 - O que achou do manual**

O que achou do manual? Descreva brevemente.

6 respostas

- Muito esclarecedor.
- Muito útil
- Satisfatório
- Ótimo. Contextualiza de uma forma agradável. Também abre possibilidades para trabalhar em algum componente eletivo no ensino médio, pois além dos conceitos oferece referências para vídeos e outros materiais para relacionar a atividades no campo de educação socioemocional.
- Uma forma de inteirar ao docentes as possibilidades de possíveis ocorrências no cotidiano escolar e como lhe dar com a situação e onde buscar apoio.

Fonte: Elaborado pela autora

### Imagem 5 - Nota do Instituto Federal do Maranhão

"Sinto-me duplamente honrada. Primeiramente, pelo convite por poder participar de um evento abrangente onde poderei compartilhar os resultados da pesquisa realizada durante o **Mestrado ProfEPT**, com o reconhecimento de sua relevância social bem como a satisfação de saber que o produto educacional tem alcançado o público a que foi destinado, ou seja, os docentes do Ensino Médio", ressaltou a professora e pesquisadora Leonora Tavares.

Além disso, completa Leonora, a grata satisfação por, de certa forma, "traçar uma ponte" ou "realizar um diálogo" entre dois programas de mestrado profissional (o ProfEPT e o ProfSocio) e "poder me sentir acolhida em uma roda de discussão pertinente à minha área de conhecimento, as Ciências Sociais com ênfase em Sociologia", disse.

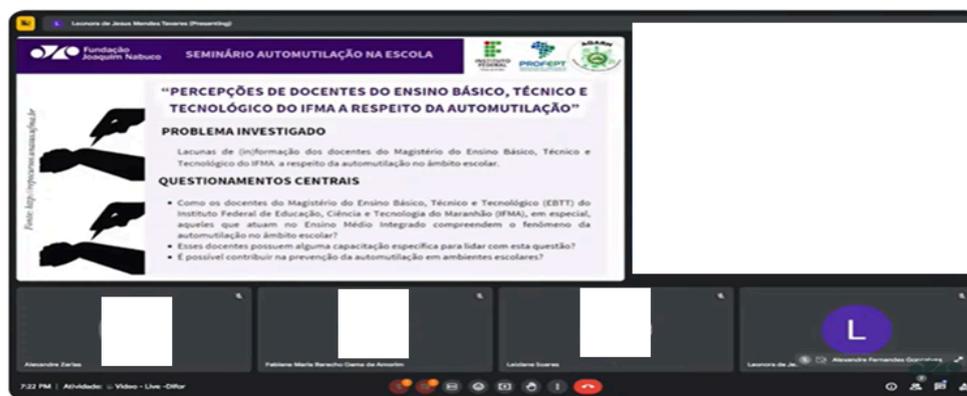
A seminarista Leonora de Jesus Mendes Tavares é Mestre em Educação Profissional e Tecnológica e autora do livro "Como lidar com a automutilação: guia prático para docentes do ensino médio". Ela

conduzirá o debate com o público sobre a temática apresentada.

Fonte: <https://portal.ifma.edu.br/>

A Imagem 5 mostra que o evento foi divulgado pelo Instituto Federal do Maranhão, destacando a importância de dar visibilidade às discussões sobre automutilação. A pesquisadora Leonora Tavares contribuiu com diversos elementos explicativos sobre o tema durante o encontro. A Imagem 6 ilustra que as inferências apresentadas foram consideradas extremamente proveitosas pelos participantes.

### Imagem 6 - Apresentação da live



The screenshot shows a presentation slide for a seminar. The slide content is as follows:

**Fundação Joaquim Nabuco** SEMINÁRIO AUTOMUTILAÇÃO NA ESCOLA

**"PERCEPÇÕES DE DOCENTES DO ENSINO BÁSICO, TÉCNICO E TECNOLÓGICO DO IFMA A RESPEITO DA AUTOMUTILAÇÃO"**

**PROBLEMA INVESTIGADO**

Lacunas de (in)formação dos docentes do Magistério do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do IFMA a respeito da automutilação no âmbito escolar.

**QUESTIONAMENTOS CENTRAIS**

- Como os docentes do Magistério do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA), em especial, aqueles que atuam no Ensino Médio Integrado compreendem o fenômeno da automutilação no âmbito escolar?
- Esses docentes possuem alguma capacitação específica para lidar com esta questão?
- É possível contribuir na prevenção da automutilação em ambientes escolares?

Below the slide, the video player interface shows the title "Seminário sobre o tema: 'Automutilação na escola'" and the Fundação Joaquim Nabuco logo with "11,1 mil inscritos". There is an "Inscrever-se" button, a like button with "17", and a "Compartilhar" button.

Fonte: Seminário sobre o tema: "Automutilação na escola"

## Síntese da Live

O evento destacou questões pertinentes e relevantes para o entendimento da automutilação, especificamente focando nos tipos de automutilação que ocorrem, com ênfase na impulsiva, a que acontece no momento que aflora a emoção, sendo ela a que os professores lidam com mais frequência na escola. Leonora traz ainda a importância de se investir na formação continuada, enfatiza que a orientação é um passo ousado, tanto para a escola quanto para a sociedade.

A pesquisadora destacou que as condições sociais são determinantes para a compreensão da automutilação e defendeu a necessidade de abordar o tema no ensino médio, dado o seu impacto no ambiente escolar. A pesquisadora também explicou os fatores que a motivaram a desenvolver a pesquisa e elaborar o manual, que se apresenta como uma ferramenta essencial para apoiar os professores na abordagem desse tema delicado e complexo em suas práticas pedagógicas. A contribuição do manual, segundo a pesquisadora, é facilitar o manejo da questão em sala de aula, fornecendo orientações práticas e teóricas que auxiliam na identificação e intervenção adequadas, promovendo um ambiente seguro e acolhedor para os estudantes.

## Referências

### Textos-Base:

TAVARES, Leonora L. de Jesus J. Mendes. **Como lidar com a automutilação:** guia prático para docentes do ensino médio. 2024. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica) – Instituto Federal, [Cidade], 2024.

BRASIL. **Lei nº 13.819, de 17 de fevereiro de 2019.** Dispõe sobre o programa de apoio à prevenção da automutilação e do suicídio entre adolescentes. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/legislacao/1800995434/lei-13819-19>. Acesso em: 29 abr. 2024.

**Automutilação na escola.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-2mEBnQxO5E&t=4s>. Acesso em: 29 abr. 2024.

## 4.2 Aula 2 - Conceituando Automutilação

### Introdução

Neste encontro, trabalhamos o conceito de ordália que, conforme descrito por David Le Breton, em seu livro "Condutas de Risco" (2009), refere-se a um ritual ou prática antiga

onde uma pessoa é submetida a uma prova física extrema, como um meio de determinar a culpa ou inocência. Esse conceito pode ser analogicamente aplicado à compreensão da automutilação.

Ao relacionar a ordália com os processos atuais de automutilação, observamos diversas semelhanças, como o jogo com a morte e o teste dos limites do corpo. No entanto, apesar dessas semelhanças, os significados são distintos: nem todos que se automutilam têm a intenção de flertar com a morte, como ocorre na ordália. Assim como na ordália tradicional, onde a dor física era considerada um meio de purificação ou prova, a automutilação pode ser vista como uma tentativa de lidar com emoções intensas, sejam elas provocadas por fatores sociais ou por instabilidade emocional, com o objetivo de aliviar sentimentos negativos.

A ordália era um ato carregado de significado simbólico. A automutilação também pode ser entendida como uma expressão simbólica de angústia emocional profunda. É uma forma de comunicação não verbal que tenta transmitir uma dor interna que não pode ser facilmente expressa de outra maneira, que é velada e subjugada. Na ordália havia um componente de julgamento externo, já na automutilação, muitas vezes, há um forte elemento de auto julgamento por parte de quem pratica, este se sente inferior, a autoimagem está comprometida e assim o sentido das coisas relativizados. A pessoa que se automutila pode sentir que merece sofrer ou que merece punição.

Ainda que o imprevisível e o perigo o arrastem, o indivíduo espera sair-se bem, pois está convencido de ter estofo para isso, um sentimento de onipotência anima-o, a convicção de não se deixar tomar pela mesma vulnerabilidade que os outros (Le Breton, 2009,p.137).

Tanto a ordália, quanto a automutilação, representam uma ruptura com as normas sociais e os padrões de comportamento aceitos. A automutilação não é socialmente aceita, e seus praticantes são classificados como psicologicamente incapazes ou como pessoas que querem chamar a atenção. Ambas desafiam as convenções e são frequentemente vistas como transgressões que exigem uma compreensão mais profunda além do comportamento observado.

## **Objetivo**

Traçar um panorama que relacione a ordália com a automutilação, explorar aspectos profundos e complexos do comportamento humano em diferentes contextos culturais e

históricos, visando uma compreensão clara da relação entre a ordália e o fenômeno psicossocial que é a automutilação.

Esperamos como objetivos:

<b>Geral</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Entender a relação entre a ordália e a automutilação.</li> </ul>
--------------	---

<b>Específicos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Compreender o significado simbólico da ordália trazido pelo texto de Le Breton (2009);</li> <li>● Entender a relação cultural entre a ordália e a automutilação.</li> </ul>
--------------------	--

### **Conteúdo**

Quando relacionamos automutilação com a ordália estamos fazendo uma tentativa de demonstrar ao cursista que existem condutas na construção da sociedade que se aproximam ao que conhecemos por automutilação, contudo, tinham outros significados e a intenção não era idêntica. Assim a ordália pode ser entendida como um processo onde a pessoa submetida à prova física ou emocional busca não apenas a validação externa de sua condição ou inocência, mas também uma afirmação interna de sua força, coragem e dignidade pessoal. Esse conceito pode ser relacionado à automutilação ao considerar que indivíduos que se automutilam muitas vezes buscam alívio.

Baseado no texto contido no livro de David Le Breton, “Condutas de Risco dos Jogos de Morte ao Jogo de Viver” (2009), podemos trazer relações pertinentes à prática da automutilação na atualidade. O autor traz que o ordálio seria um jogo deliberado com a morte, o que se aproxima demais do que é a automutilação, que é esse jogo próximo entre o fim, onde o praticante chega por vezes tão perto da morte que para quem observa parece um ensaio de morte.

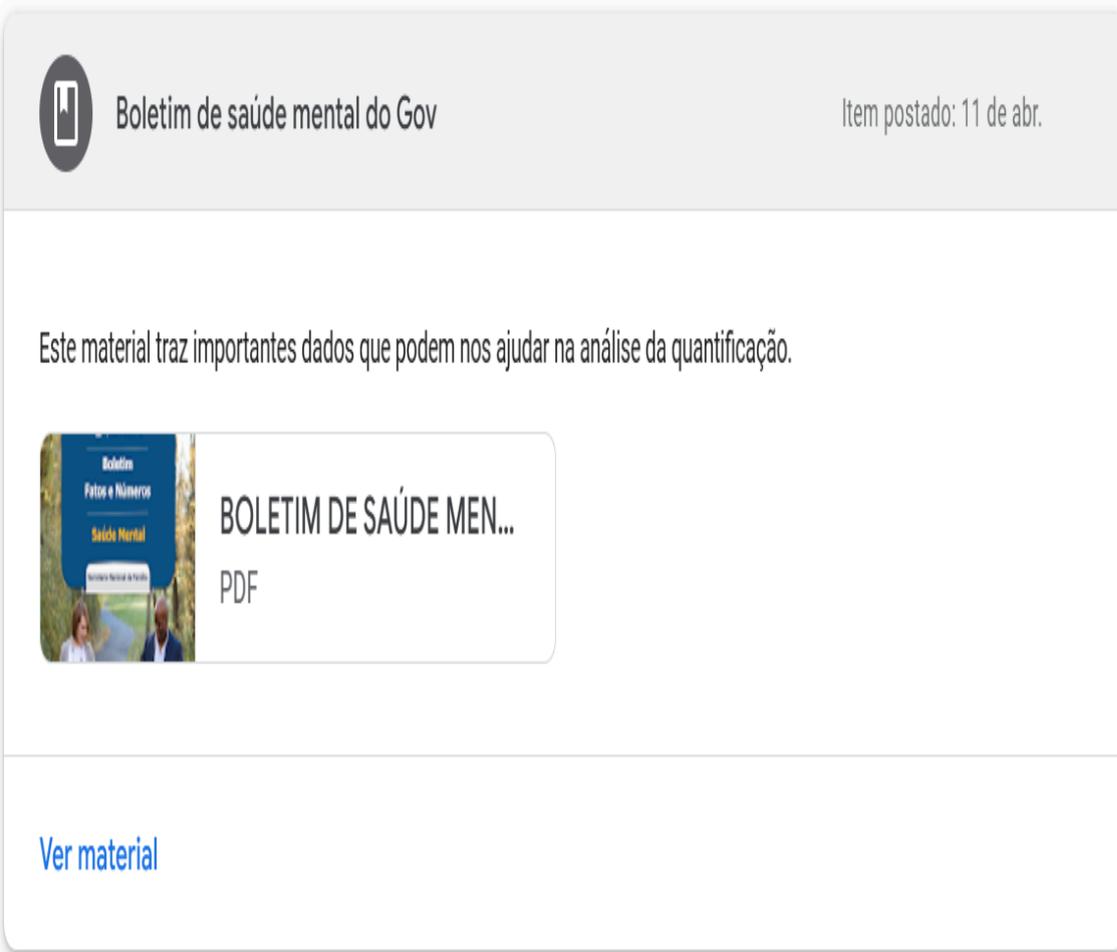
Ao entender os processos pretéritos ocorridos na ordália em relação ao que vivemos na contemporaneidade, especialmente em nossas salas de aula com nossos estudantes, podemos considerar a busca por validação e reconhecimento, assim como na ordália antiga, onde a pessoa passava por uma prova para obter validação social ou espiritual, muitos estudantes podem buscar validação e reconhecimento.

Refletir sobre a importância da ordália na autoafirmação e sua relação com a automutilação é essencial. É importante considerar como esses conceitos históricos podem ajudar a compreender e apoiar melhor os estudantes em sala de aula, reconhecendo que, embora vivamos em outro tempo, conceitos como a ordália podem ser utilizados para entender a automutilação, especialmente como uma dinâmica social em constante mudança devido a fatores já mencionados em diversos momentos.

### **Síntese Didática**

Nesta aula procuramos introduzir o debate sobre a ordália com base no texto de David Le Breton, "A tentação da ordália" (2009). Além de utilizar o texto para problematizar o tema, trouxemos para os cursistas materiais complementares, pois o intuito principal do curso além da troca de informações é a disponibilização de um material que possa auxiliar o professor na condução de suas demandas com relação a informação sobre automutilação. Assim o boletim de saúde mental (Imagem 7) traz informações sobre a saúde relacionada não só a autolesão, mas a depressão, tentativa de suicídio utilizando para tal gráficos que apontam qual a incidência de tentativa e suicídio, apontando como passo inicial para esse, a automutilação. O boletim de saúde mental em sua primeira edição em 2022 foi uma iniciativa da gestão governamental daquele ano sobre a responsabilidade da Secretaria Nacional da Família.

Imagem 7 - Boletim de saúde mental



The image shows a screenshot of a social media post. At the top, there is a header with a profile picture icon (a smartphone) and the text 'Boletim de saúde mental do Gov'. To the right of the header, it says 'Item postado: 11 de abr.'. Below the header, there is a paragraph of text: 'Este material traz importantes dados que podem nos ajudar na análise da quantificação.'. Underneath the text is a rectangular card with a blue header that reads 'Boletim Fatores e Números Saúde Mental' and a small image of two people. To the right of the card, the text 'BOLETIM DE SAÚDE MEN...' and 'PDF' is displayed. At the bottom of the post, there is a blue link that says 'Ver material'.

Fonte: Sala de aula virtual do mini curso de automutilação, cutting orientação para docente

### Atividade do Fórum

Na atividade proposta no fórum, solicitamos que relacionassem em um texto breve o que achou relevante no material de apoio que disponibilizamos, que foi o texto sobre a ordália de Le Breton. Dois cursistas entregaram a atividade. Observamos em aula que o conceito de ordália não era familiar aos cursistas, que não sabiam do que se tratava antes de ler o texto.

**Imagem 8** - Segundo Fórum do espaço virtual de sala de aula

Fórum 2 Item postado: 30 de mar.

Sem data de entrega

Com base no que foi discutido no nosso encontro, descreva o que achou relevante no texto de Le Breton?

2	10
Entregues	Pendentes

[Ver pergunta](#) Ver respostas

Fonte: Sala de aula virtual do mini curso de automutilação, cutting orientação para docente

A desconstrução daquilo que chamamos de normal e até mesmo de bobagem em algo sério e merecedor de nossa atenção e cuidados. **(Cursista 1)**

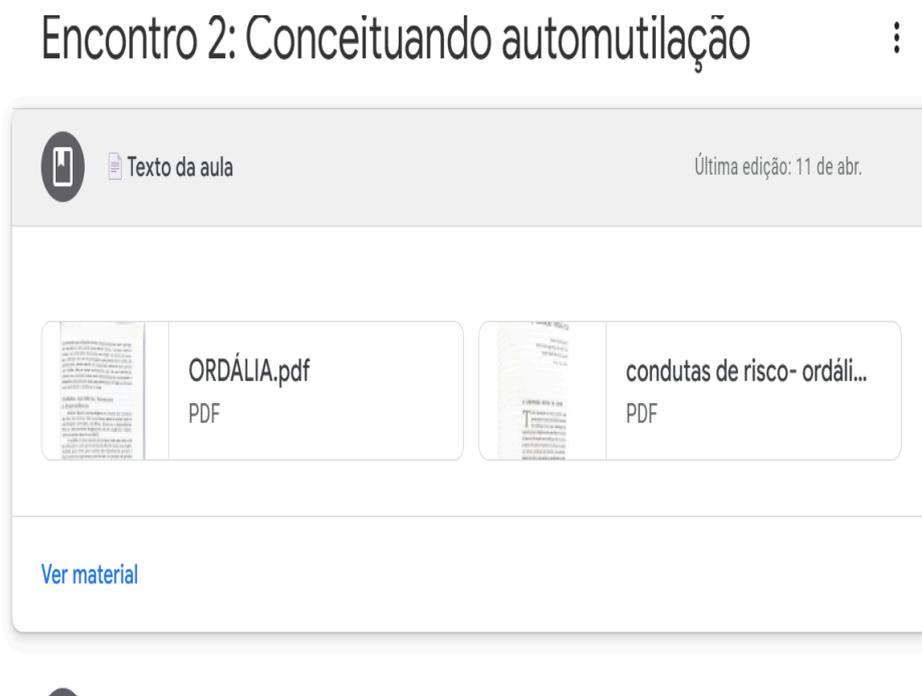
Ele aborda a maneira como diferentes culturas e indivíduos lidam com a dor, tanto física quanto emocional. Também explora como a dor é percebida, expressa e vivida em diferentes contextos culturais, sociais e pessoais. Ele destaca a importância de compreender a dor para além da dimensão puramente biológica, considerando também suas dimensões simbólicas e sociais. **(Cursista 2)**

É importante perceber no relato dos cursistas a forma como eles conseguiram entender a relação da automutilação com a ordália, como diz o Cursista 2, para além da dimensão biológica.

### **Dinâmica da Aula**

A aula contou com a participação dos cursistas conceituando o que entendiam por ordália e suas semelhanças com a automutilação.

Imagem 9 - Conceituando automutilação



Fonte: Atividades de Automutilação, Cutting Orientação para Docentes

Respostas dos cursista para a atividade da aula 2:

**Cursista 1 (41 anos, leciona Física)** - Como já foi debatido em nossos encontros síncronos. A ordália é um termo que se refere a um método antigo de julgamento em que a culpa ou inocência de alguém é determinada com base no resultado de um teste físico, como segurar uma pedra quente ou ser submerso na água. A automutilação, por outro lado, é um comportamento em que uma pessoa causa dano a si mesma como uma forma de lidar com a angústia emocional. Acredito em um impacto psicológico da ordália em indivíduos que foram submetidos a esse tipo de teste e como isso pode afetar sua saúde mental e levar a comportamentos autodestrutivos, como a automutilação.

**Cursista 2 (58 anos, leciona geografia)** - Percebe-se o processo de transição do menino(a) para o ser descobridor de outras facetas da vida que é dura, cruel e injusta, e que se faz necessário crescer com ela, todavia crescer dói, mas na atualidade o desenvolvimento de filhos e famílias estão em aberto e delegados a segundos e não se sabe como foi a formação desse "tutor" e o que ele passou de sua formação psíquica aos filhos de quem eles são responsáveis, tem-se a televisão como babá, as redes sociais onde crianças de três conseguem acessar quase tudo na internet, ou seja, delegamos uma responsabilidade nossa a quem pouco se conhece, e mesmo assim se quer resultados no mínimo parecidos com o nosso viver e psíquico e moral, onde não se teve influência ou manifestação daquilo que se deseja para aqueles que hoje se automutilam.

**Cursista 3 (47 anos, leciona sociologia)** - Segundo Le Breton, a ordália objetiva um desafio que envolve um risco quando o jovem se prova entre outras maneiras através da automutilação. Pois o desafio está em um confronto com a morte, não pelo alcance da mesma, mas sim pela proposta de confrontá-la. Daí o caracteriza um desafio real, cujo significado propõe ser ator de sua existência. Então o sentido da prática da ordália com a automutilação está na visualização tangível de uma prova

que sirva como uma marca de registro do desafio a qual uma lógica que o autoriza a viver.

**Cursista 4 (58 anos, leciona Língua Portuguesa)-** Para Le Breton as variadas pesquisas implicam nas resoluções futuras da automutilação, o que vai justamente nos levar ao pouco de inatividade diante do exposto com Ordália. Essa e outras ordálias que existem não estarão em um primeiro momento disposta (*sic*) e se exporem (*sic*) ao senso comum suas dores, pois falar de dor, dói.

O cursista 5 respondeu a atividade com uma pesquisa feita no site *históriaazine* que traz o conceito de ordália a partir de um apanhado histórico, inicia sua fala apontando o surgimento no império carolíngio, e a notoriedade da ordália na idade média, o cursista leu sua pesquisa e não fez nenhuma inferência relacionada ao que solicitamos que era o entendimento da ordália a partir do texto disponibilizado “ A tentação da ordália” (Le Breton, 2009). Entendemos que a pesquisa é muito válida, mas diante do que gostaríamos de analisar que era o entendimento do cursista, não foi possível, mas validamos sua iniciativa de buscar o conceito, mesmo que para a nossa intenção a melhor situação seria saber o que ficou da atividade realizada em sala.

Avaliando as respostas dos cursistas percebemos que houve um entendimento da relação da ordália com a automutilação, que mesmo eles tendo externado em momento de aula síncrona que até então nunca haviam escutado nada sobre a ordália, tampouco tiveram contato até aquele momento com textos de Le Breton, as discussões e o texto foram capazes de dar a eles ferramentas para traçar o paralelo.

**Imagem 10 - Vídeos da aula 2**

The screenshot shows a video player interface with the following elements:

- Header:** A document icon, the word "Vídeo", and a chat icon with the number "2". On the right, it says "Data de entrega: 9 de abr., 23:..." and a menu icon.
- Main Text:** "Nesse segundo encontro iremos conceituar automutilação e sua importância no estudo sociológico. tomaremos como base o texto do livro de David Le Breton, Condutas de risco, que fala sobre a Ordália. Respondam a seguinte questão: Relacione Ordália com automutilação."
- Progress/Status:** A large "0" labeled "Entregue" and a large "12" labeled "Pendentes".
- Video Recommendations:**
  - Thumbnail 1: "Automutilação e suicidi..." with a duration of "2 minutos".
  - Thumbnail 2: "O que é automutilação •..." with a duration of "4 minutos".
- Footer:** "2 comentários da turma".

Fonte: Atividades de Automutilação, Cutting Orientação para Docentes

Utilizamos nesse encontro ainda dois vídeos (Imagem 10), com intenção de problematizar as discussões sobre automutilação. Dois cursistas comentaram sobre os conteúdos, sendo que, enquanto o Cursista 1 expressou sua opinião direta sobre os vídeos, o Cursista 2 preferiu, ao invés de dar sua opinião, apresentar uma pesquisa que apontava outros profissionais que também discutiam o tema.

#### Vídeos esclarecedores. (Cursista 1)

Segundo Julia Marque, junto aos especialistas da USP e UFF que fizeram pesquisa de campo mostrando a quantidade cada vez maior o problema da automutilação, concorda-se com a mesma quando afirma que os professores não têm formação adequada para tratar as crises de automutilação, o cuidado pode ser instituído através da conversa, acolhimento de práticas (*sic*) de recreação e de estímulos lúdicos que possa envolver o adolescente em um ambiente acolhedor ou de como acha esse acolhimento que surte efeito sobre o momento de crise. A mobilização escolar é feita a partir da observação dos casos e encaminhados aos respectivos setores educacionais, embora nem sempre se pode (*sic*) receber o acolhimento necessário do aluno assim como de sua família. Todavia ao tratar da saúde física a repórter (*sic*) deixa de fora uma máxima bem contemporânea “Mens sana in corpore sano” ou seja, se deve levar ambas a cabo tanto na educação como na família e sociedade, cabe-se ainda dizer que a identificação é clara e gritante, mas o tratamento e apoio dos que gritam por socorro estão longe de serem ouvidas. Segundo a psicóloga Benevenuto, a automutilação ocorre com mais frequência entre os adolescentes por ser uma das fases da vida mais difícil, o que se observa é uma falta de frustração como aprendizado dos mesmos, ou aprendesse a se frustrar desde a infância ou ocorrerá o que tem-se como consequência os fatos atuais a falta de limites ou falta de amor para consigo mesmo, tem-se uma geração que não pode ser contrariada, onde predomina o direito dos mesmos sem em contrapartida ter-se uma educação que envolva as partes que se complementam. (Cursista 2)

#### Referências

##### Texto-base:

LE BRETON, David. **Condutas de risco: dos jogos de morte ao jogo de viver**. São Paulo: Autores Associados, 2009.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Boletim Epidemiológico**, v. 52, n. 33. Disponível em: [www.gov.br](http://www.gov.br). Acesso em: 29 ago. 2024.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Suicídio: saber agir e prevenir**. Disponível em: [https://www.saude.gov.br/suicidio\\_saber\\_agir\\_prevenir.pdf](https://www.saude.gov.br/suicidio_saber_agir_prevenir.pdf). Acesso em: 29 ago. 2024.

##### Video:

**AUTOMUTILAÇÃO E SUICÍDIO ENTRE ADOLESCENTES**. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\[ID\\_DO\\_VÍDEO\]](https://www.youtube.com/watch?v=[ID_DO_VÍDEO]). Acesso em: 29 ago. 2024.

**O QUE É AUTOMUTILAÇÃO • PSICOLOGIA • CASULE SAÚDE E BEM-ESTAR**. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\[ID\\_DO\\_VÍDEO\]](https://www.youtube.com/watch?v=[ID_DO_VÍDEO]). Acesso em: 29 ago. 2024.

### 4.3 Aula 3 - Automutilação na Escola Uma Demanda a Mais para o Docente.

#### Introdução

Nesta aula, discutimos a dificuldade de abordar o tema da automutilação nas escolas. Trouxemos dois artigos como textos principais. Um trata sobre as questões psicológicas do fenômeno, tendo como objeto de estudo a automutilação e a relação com a pele: “Automutilações: uma problemática dos limites” (Cidade e Zornig, 2022). E um texto sobre automutilação em adolescentes: “Automutilação na adolescência e vivência escolar: uma revisão integrativa da literatura” (Lara, Saraiva e Cossul, 2023). Que traz uma revisão bibliográfica das produções acadêmicas que abordam o tema com o eixo escolar. Ainda de forma complementar, utilizamos dois vídeos para problematizar a discussão, e duas reportagens: uma trata sobre a estimulação da autolesão atrelada à prática de *bullying* e a internet, e o outro traz um alerta sobre a automutilação entre jovens, analisando o espaço escolar que oferece estimulações através do *bullying*, redes sociais e alerta para o efeito de repetição da automutilação.

A automutilação não é um tema que os professores desejam discutir, segundo os cursistas, que alegam que a escola não oferece suporte, que eles não estão preparados e que não veem a possibilidade de ocorrência diante de suas realidades. Abordar o tema seria mais uma atribuição para os professores, conforme afirmaram alguns cursistas em momento síncrono. Discutir um assunto complexo não é simples, mas, nesta aula, pudemos abordar, a partir das provocações feitas pelos materiais disponibilizados, a necessidade dessa discussão na escola.

#### Objetivo

Problematizar os fatores que desencadeiam processos autolesivos, que são cruciais para que se possa entender e abordar um fenômeno complexo como é a automutilação.

Esperamos como objetivos:

<b>Geral</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● O papel da escola na prática de prevenção a automutilação.</li> </ul>
--------------	--

<p><b>Específicos</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Compreender a importância da família do estudante na prevenção;</li> <li>● A responsabilidade social perante os casos de automutilação.</li> </ul>
---------------------------	---

## **Conteúdo**

Em uma perspectiva formativa, essa aula foi construída para trazer conteúdos que contribuam com a reflexão dos cursistas, compreender como se pode, em sala de aula, mediar o debate de maneira apropriada, trazendo para a realidade dos estudantes as informações adquiridas.

Cidade e Zornig, em seu artigo “Automutilações: uma problemática dos limites” (2022), realizam uma análise sobre o papel da pele no processo de autolesão, avaliando a condição do sujeito que se automutila, sua percepção de si e o sofrimento envolvido. Conforme citado a seguir, o corpo está no centro da cena, das emoções e de suas expressões: “Tanto nas automutilações quanto na adolescência, o corpo toma a frente da cena, abrindo espaço para descargas da excitação via ato” (Cidade e Zornig, 2022, p. 645).

No texto de Lara, Saraiva e Cossul (2023), eles avaliam a automutilação nas escolas como resultado de várias ausências. Primeiro, há o sujeito que, por enfrentar dores de diferentes naturezas, como mencionado (social, emocional e relacional), não percebe sua própria importância. A família, muitas vezes, não encaminha para acolhimento, acreditando que é apenas uma tentativa de chamar atenção. A escola, por sua vez, carece de suporte para contribuir com a prevenção da automutilação. O texto também menciona que, sendo um artigo de revisão de literatura, considera a produção acadêmica sobre o tema até 2023 insuficiente, indicando que as soluções para reduzir os casos ainda estão distantes, como evidenciado pelo número de trabalhos avaliados sobre o assunto.

A família, a escola e a sociedade são pontos de referência para a maturidade e aceitação do seu eu, para assim não mais existir apenas a pulsão da morte e sim ser gerador da pulsão da vida (Lara, Saraiva e Cossul, 2023, p.8).

Imagem 11 - Texto da aula

**Textos da aula**

Fabiane Maria Baracho Gama de Amorim • 10 de mar. (editado: 31 de mar.)

100 pontos Data de entrega: 23 de abr., 23:59

A escola não está preparada para essa conversa, por se tratar de um assunto muito delicado é comum que não seja debatido na escola, que os casos sejam encaminhados conforme aparecem e não é aberto o diálogo para tentar orientar o jovem e ser uma escuta ativa para a demanda que se apresenta.

Como o docente pode se preparar para lidar com esse fato social?  
 A escola precisa de que aparatos para contribuir com o diálogo sobre a automutilação?  
 Os docentes estão a vontade para iniciar o debate?

automutilação problemática... PDF

automutilação na adolescen... PDF

**Comentários da turma**

Fonte: Sala de aula virtual do mini curso de automutilação, *cutting* orientação para docente

Compreender o eu-pele como um envelope é fundamental, na medida em que nos informa que, através dele, o sujeito passa a possuir uma noção de integração que é amparada pela própria pele. O mundo deixa de ser experienciado apenas bidimensionalmente, com toda a adesividade característica do “pele a pele”, e começa-se a delinear a noção de tridimensionalidade, possibilitando diferentes formas de relação com os objetos, a partir de diferentes camadas de experiência (Cidade e Zornig, 2022, p.652).

A pele é colocada como expositora de dores relacionadas às questões e situações plurais geradas no espaço social, sejam essas de ordem psíquica ou relacionadas ao convívio social. As autoras vêem a pele como esse limiar entre o interno e o exposto.

**Imagem 12** - Automutilação na escola

## Encontro 3: Automutilação na escola uma de... ⋮


Textos da aula

Data de entrega: 23 de abr., 23...


Vídeo

Última edição: 30 de mar.



**Lei criminaliza incentivo ...**  
Vídeo do YouTube • 2 minutos



**Psicólogo faz alerta sobr...**  
Vídeo do YouTube • 3 minutos

[Ver material](#)

Fonte: Sala de aula virtual do mini curso de automutilação, cutting orientação para docente

Os vídeos (Imagem 12) são duas reportagens uma do Jornal da Band exibida em 27 de abril de 2019, que trata sobre a lei que criminaliza os incentivadores a prática de automutilação ou suicídio, e uma reportagem da Tv Brasil exibida em 3 e abril de 2018 que traz um alerta do psicólogo Carlos Henrique de Aragão Neto, que sinaliza a prática da automutilação infantil. Os vídeos entraram como proposta de expandir o tema, trazer algo didático para debater com os cursistas, mas é importante entender que ter material para trabalhar com os estudantes só tem sentido se isso for organizado de forma a atender as peculiaridades de cada grupo. Na aula foram disponibilizados e assistidos os dois vídeos o que criminaliza o incentivo à automutilação e ao suicídio e o sobre o alerta da automutilação infantil, o que tornou a relação com os textos mais didática. Os cursistas relacionaram na aula os textos com os vídeos que foram exibidos, o que tornou o momento bem dinâmico. Ficou muito mais simples fazer a relação, pois os pontos levantados nos vídeos ilustravam o que trazia os textos, esses pontos foram: Os conflitos pessoais que cada jovem tem, as estruturas dos espaços sociais que estão inseridos, a convivência escolar, a aceitação de si, a tentativa de aliviar a dor emocional através da prática da automutilação, o *bullying*, a invisibilidade muitas vezes do praticante da automutilação e a constatação que se trata de um problema de saúde pública pelo se alto grau de influenciabilidade .

## Atividade

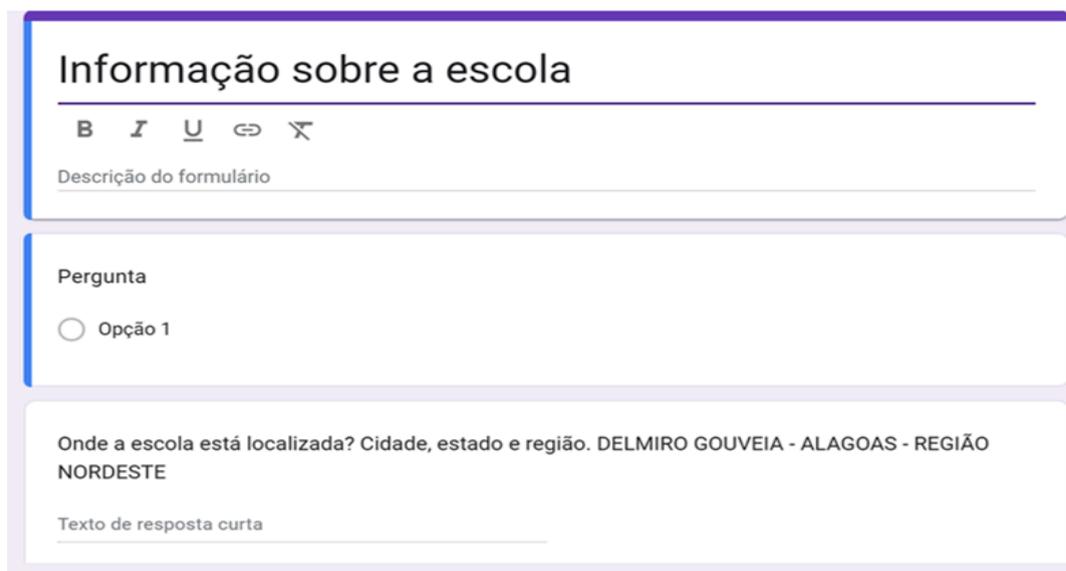
Na aula de número três, não foram colocadas atividades no mural, no espaço virtual de sala de aula, mas realizamos junto aos cursistas, em momento síncrono, uma dinâmica onde quem desejasse poderia relatar alguma situação semelhante às que discutimos para socializar, com os questionamentos seguintes em caso de automutilação no ambiente escolar:

1. Quem acolheu o estudante?
2. Como a escola se posicionou diante do fato?
3. A família foi acionada?
4. Quais os encaminhamentos dados de uma forma geral?

E indiretamente as perguntas foram sendo respondidas, uma das cursistas que leciona em um outro município, Delmiro Gouveia no estado de Alagoas, trouxe uma situação vivenciada por ela. A cursista relata que uma das estudantes atendidas por ela praticou no banheiro da escola a autolesão, chegou para a professora após o feito e disse que não tinha coragem de se matar, que passava por problemas familiares e isso estava tirando o desejo de continuar viva. A professora acionou a gestão da escola que, por sua vez, contactou a família que menosprezou o ato, dizendo que a jovem estava querendo atrapalhar a vida de todos com as “coisas dela”. A cursista relatou ainda que a resolução e o acompanhamento não aconteceu, pois a família achou que não se tratava de um problema e sim de uma tentativa de aparecer, o que reforça a ideia trazida pelo artigo de Lara, Saraiva e Cossul (2023) “Automutilação na adolescência e vivência escolar: uma revisão integrativa da literatura”. Acreditamos que relatos como o do cursista acontecem a todo momento: ou o estudante é dado como louco ou classificado como quem quer chamar a atenção, e assim não solucionamos nem mitigamos o problema da automutilação nas unidades escolares.

Lançamos no ambiente virtual da sala de aula, um questionário (Imagem 13), e obtivemos duas respostas. Nele, pedimos quatro informações apenas: localização da escola, as séries que a unidade atende, faixa etária dos estudantes, e se existem casos de automutilação. Os que responderam afirmativamente que existem casos de automutilação. As escolas são da Região Nordeste: uma no interior de Alagoas e outra na região metropolitana do Recife. Ambas atendem o ensino médio e seus estudantes têm entre 14 e 18 anos.

Imagem 13 - Informação sobre a escola



The image shows a Google Form titled "Informação sobre a escola". The form has a white background with a blue border. At the top, there is a title "Informação sobre a escola" followed by a horizontal line. Below the title, there are icons for bold (B), italic (I), underline (U), link (G), and unlink (X). Underneath these icons is the text "Descrição do formulário" followed by a horizontal line. The next section is titled "Pergunta" and contains a radio button followed by the text "Opção 1". The final section is titled "Onde a escola está localizada? Cidade, estado e região. DELMIRO GOUVEIA - ALAGOAS - REGIÃO NORDESTE" and contains the text "Texto de resposta curta" followed by a horizontal line.

Fonte: Sala de aula virtual do mini curso de automutilação, cutting orientação para docente

### Dinâmica da Aula

Nesta aula, buscamos interagir com os cursistas com a problematização de situações onde todos precisam fazer a sua parte, a escola, o professor, a família e a assistência psicossocial, pois nem todos os casos de automutilação são transitórios ou não fazem parte de um processo de doença psíquica. Os cursistas foram convidados a interagir com o tema dessa seção, que é sobre o papel da escola e do docente nessa intervenção de prevenção e combate à automutilação, como os agentes que precisam estar envolvidos no processo se comportam diante dos fatos, e principalmente quais os encaminhamentos dados ao praticante de automutilação.

A aula iniciou com a relação entre os textos da seção, um de Cidade & Zorning “Automutilações: uma problemática dos limites” (2022) que retrata a pele como sendo esse limiar de limite, elemento sensorial e que é constantemente atacada no processo de automutilação, e “Automutilação na adolescência e vivência escolar: uma revisão integrativa da literatura” (Lara *et al.*, 2023), que faz um revisão de treze artigos que tratam da automutilação no ambiente escolar, posteriormente assistimos dois vídeos curtos que trouxeram na prática a discussão dos textos, como já dito anteriormente um aborda a lei que criminaliza o incentivo à prática de automutilação e suicídio, e o outro traz a automutilação infantil como foco, pontuando a escola como epicentro para a prática. Os vídeos foram

utilizados para que houvesse a visualização de uma situação concretizada, e posteriormente foram acontecendo as inferências dos cursistas que se manifestaram a todo momento, avaliando não só o que levamos para nortear o debate da aula, mas trazendo para a conversa situações e fatos vivenciados por eles em sala de aula. Eles alegam que o que leram e o que viram nos vídeos é algo que ocorre a todo instante em suas vidas profissionais, enquanto professores. Foram relatos que diziam que os jovens veem na escola uma porta onde de alguma forma eles serão vistos, acolhidos, e assim buscam quase sempre um professor de sua confiança para confidenciar o que ocorre com eles. Para nós, as colocações dos cursistas sobre perceber a ausência da família nas relações com os estudantes, como este se percebe na sociedade, a autoimagem que todos disseram ser comprometida com relação aos casos de automutilação nos espaços escolares que eles trabalham, só nos confirma o que pontuamos a todo momento, a automutilação não pode ser negligenciada com a falta de informação.

Fizemos um registro de uma fala de um dos cursistas sobre como o professor se sente diante da demanda da automutilação e essa responsabilidade que se tem de prestar assistência ao jovem. O interessante na fala do cursista é que ele sabe que precisa se comprometer com a orientação dos estudantes, ele tem a informação, pois ele, em especial, tem uma formação em psicologia, que é à licenciatura, e diante de seu conhecimento relata que mesmo participando de formações e sendo também psicólogo, acredita que o acolhimento não é simples de ser feito e, nas escolas, nem os docentes conseguiriam dar conta da complexidade da demanda. Perguntamos para o cursista se a saída seria não fazer nada. Ele respondeu que levar a informação de forma genérica, chamar a responsabilidade da família é possível, mas o acompanhamento não se consegue fazer. Ele coloca ainda que existem infelizmente muitos professores que atuam como “terapeutas” sem nunca ter tido formação para isso e ao invés de ajudar, criam mais um problema que é o envolvimento emocional com a situação. A opinião do cursista foi registrada para que pudéssemos compartilhar seu ponto de vista, entendendo que as análises são pertinentes e impulsionam a reflexão.

## **Referências**

### Texto-Base:

CIDADE, Natália N. de Oliveira O. de Paula P.; ZORNIG, Silvia S. Maria M.a Abu-Jamra. Automutilações: uma problemática dos limites. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 25, n. 3, p. 643-665, set. 2022.

LARA, G. de; SARAIVA, E. S.; COSSUL, D. Automutilação na adolescência e vivência escolar: uma revisão integrativa da literatura. **Educação e Pesquisa**, [s.l.], 2023.

#### Vídeos:

**Lei criminaliza o incentivo à automutilação e o suicídio.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9yRvzobOXw0&t=1s>. Acesso em: 29 abr. 2024.

**Psicólogo faz alerta sobre automutilação.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dNi4RLR47sU&t=2s>. Acesso em: 29 abr. 2024.

### 4.4 Aula 4 - Qual a Contribuição das Ciências Sociais nos Estudos Sobre a Automutilação

#### **Introdução**

Nesta aula tivemos a oportunidade de discutir dois textos de Le Breton. Como material principal, utilizamos o artigo “Escarificação na Adolescência: uma abordagem antropológica”. O texto foi publicado pela Horizontes Antropológicos em 2010. Trazendo uma abordagem simbólica sobre a pele e sua utilização para além de ser invólucro do corpo, o autor registra: “É uma tela onde projetamos uma identidade sonhada, como no caso da tatuagem, do piercing ou das inúmeras maneiras de encenar a aparência que regem as nossas sociedades” (Le Breton, 2010, p. 26).

Nesta seção, exploramos a pele como um invólucro que está constantemente sob impacto, seja pela escarificação autolesiva ou pelos adornos que aplicamos, como piercings e tatuagens, conforme discutido por Le Breton. Também abordamos a gestão da dor e o conflito sobre o que dói mais ou menos. Paradoxalmente, a autolesão é usada para alívio, com o intuito de não sentir dor. A autolesão é percebida como menos dolorosa do que as angústias, conflitos, pressões e outras causas internas que são vistas como desencadeadoras da automutilação.

Como texto secundário para a seção, utilizamos ainda a introdução do livro “A sociologia do corpo”, de David Le Breton, para que se problematize o cunho social do corpo. “Antes de qualquer coisa, a existência é corporal”, afirma o autor (Le Breton, 2012, p. 7). O texto serviu como base para discutirmos o corpo e seu sentido social e como se manifesta perante as interações sociais e emocionais.

## Objetivo

Na aula, cujo tema é a Contribuição das Ciências Sociais nos Estudos Sobre a Automutilação, temos o objetivo de:

<b>Geral</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Entender qual a contribuição das ciências sociais para o entendimento de processos autolesivos.</li> </ul>
--------------	---

<b>Específicos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Entender a conexão entre aspectos sociais e a automutilação;</li> <li>● compreender a relação do corpo com a automutilação.</li> </ul>
--------------------	---

## Conteúdo

A pele tem sido um meio de expressão das dores sociais há algum tempo, e esse fenômeno é explorado por vários pesquisadores ligados às ciências sociais e à saúde. Em nossa análise, destacamos o trabalho de David Le Breton, cuja abordagem oferece uma perspectiva relevante para nossa investigação, focada na sociologia do corpo e no contexto social. Le Breton nos fornece uma base para refletir sobre como o ambiente social influencia as ações individuais, ajudando a entender melhor a relação entre as experiências corporais e os contextos sociais, entendendo que para o docente essa relação vai contribuir para o seu trabalho junto aos estudantes.

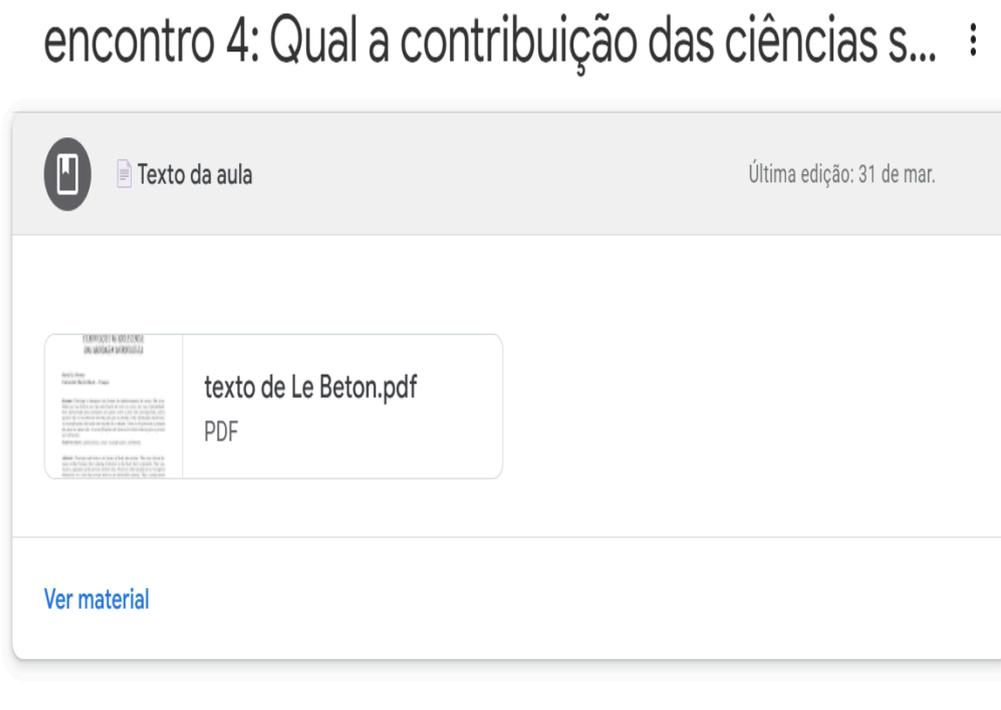
Le Breton (2010) afirma que a automutilação é provocar uma dor para ter menos dor, se referindo assim às dores causadas pela complexidade da vida e da convivência individual e em sociedade, pois as dores sociais e emocionais para quem se automutila são aliviadas pelos cortes na pele.

Quando o sofrimento submerge, entram em colapso as fronteiras entre o eu e o eu mesmo, entre o exterior e interior, entre o sentimento da presença e as emoções que surgem. A redenção é enfrentar o mundo, em busca de um contentor (Le Breton, 2010, p.30).

A percepção do cursista sobre a relação entre a automutilação e as questões sociais é importante para a condução dos diálogos que serão estabelecidos posteriormente por eles em sala de aula. Traçar esse paralelo foi importante para que essa organização de informação

acontecesse, assim contribuindo para uma formação mais qualificada, utilizando para isso o texto de Le Breton (Imagem 14).

**Imagem 14-** Contribuição das ciências sociais



Fonte: Sala de aula virtual do mini curso de automutilação, cutting orientação para docente

### **Síntese Didática**

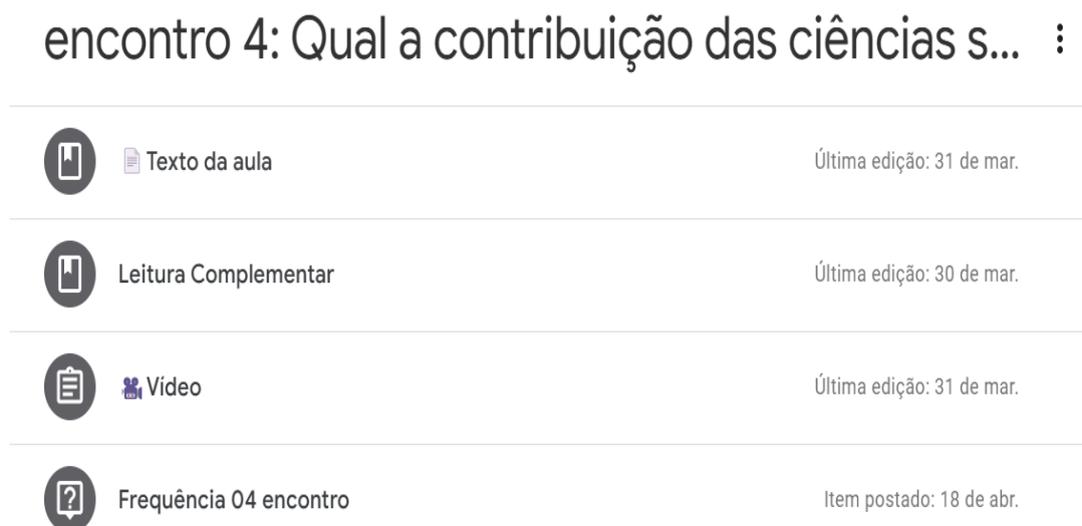
Nesta seção, discutimos conceitos relacionados à “A Sociologia do Corpo” (2010) e ao artigo “Escarificação na adolescência: uma abordagem antropológica” (2010), ambos de David Le Breton. Na oportunidade, os cursistas puderam dar suas opiniões e interagir com os conceitos trazidos pelos textos.

Por se tratar de um grupo composto por professores cursistas foi importante criar estratégias para que esses tivessem suporte em suas rotinas laborais com o tratar do tema com os estudantes, assim, começamos problematizando com um texto de David Le Breton “Escarificação na adolescência: uma abordagem antropológica” (2010), que aborda a pele como elemento principal. Levantando para os cursistas os pontos de atenção como a análise do corpo, o conceito de pele e a influência das relações sociais no processo de autolesão.

## Atividade

A atividade proposta para essa aula foi a tempestade de ideias, onde todos puderam colocar suas impressões sobre os textos e realizar conexões de como esses poderiam auxiliar na condução dos trabalhos posteriores junto aos estudantes.

**Imagem 15** - Espaço virtual de sala de aula



Fonte: Sala de aula virtual do mini curso de automutilação, cutting orientação para docente

Na atividade proposta em sala, solicitamos que eles relacionassem o texto com o cotidiano e nos foi colocado por um dos cursistas que: “ A dor é uma forma de vivenciar o momento de angústia” (**Cursista 5**). O que nos confirma que eles entendem que a automutilação é uma expressão ou resposta ao que aflige, tentativa de diminuir a dor emocional e social.

Os cursistas também relacionaram a dor a prática da automutilação, como os jovens que se automutilam se percebem na sociedade, a autoimagem como bem descreve Le Breton em seu texto “ Escarificações na adolescência: uma abordagem antropológica” (2010) essa autoimagem que pode ser positiva ou de estranhamento por não se reconhecer no corpo que habita. Assim, muitas coisas interessantes foram socializadas pelo cursista, que contribuíram com o entendimento de todos, e tornou o tema ainda mais didático, contribuindo com a

consolidação de conceitos trazidos pelo texto principal e também pelo texto complementar, “A sociologia do corpo” (2010) de Le Breton.

“ A dor é uma forma de querer viver aquele momento.” (**Cursista 1**)

“ A psicanálise vai reviver essa dor.” (**Cursista 2**)

“ Os meninos na escola que se automutilam quando são perguntados dizem que o corte causa alívio, aí entendo que a dor serve para ele sentir menos dor.” (**Cursista 3**)

### **Dinâmica da Aula**

Iniciamos a aula síncrona revisando os conceitos discutidos nos encontros anteriores, que foram fundamentais para o tema da aula: "O olhar sociológico sobre a automutilação". O conteúdo foi embasado nos textos "A Sociologia do Corpo" de Le Breton (2010) e no artigo "Escarificação na adolescência: uma abordagem antropológica" (2010). Também exibimos parte de um vídeo com uma entrevista com David Le Breton, necessário para que os cursistas ouvissem do autor suas inferências sobre o pensamento sociológico e as relações com o corpo. Mesmo o texto discutido no vídeo sendo "Desaparecer de si: uma tentação contemporânea" (2018), a entrevista permitiu que os cursistas não só entendessem o pensamento do autor, mas também conhecessem o pesquisador e a profundidade com que ele aborda questões relacionadas ao corpo e à automutilação.

Imagem 16 - Texto de Le Breton


Vídeo

Última edição: 31 de mar.

Sem data de entrega

Com as contribuições de Le Breton podemos entender a relação do ato da automutilação com o contexto social, com as relações do sujeito e o que o rodeia. A forma como nos enxergamos na sociedade vem definir o tratamento que damos ao nosso corpo, sendo esse o mais profundo comunicador social, onde expressaremos como nos sentimos perante os estímulos sociais que recebemos.

0  
Entregue

12  
Pendentes



**David Le Breton: 'Desapa...**

Vídeo do YouTube • 1 hora 10 m

[Conferir instruções](#)

Fonte: Sala de aula virtual do mini curso de automutilação, cutting orientação para docente

## Referências

### Texto-Base:

LE BRETON, David. Escarificações na adolescência: uma abordagem antropológica. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 16, n. 33, p. 25-40, jan./jun. 2010.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

### Video:

**Entrevista com David Le Breton.** Disponível em:  
[https://www.youtube.com/watch?v=kk\\_g8BfiwFg&t=6s](https://www.youtube.com/watch?v=kk_g8BfiwFg&t=6s). Acesso em: 29 abr. 2024.

## 4.5 Aula 5 - Centro de Acolhimento Psicossocial (CAPS)

### Introdução

Para compartilhar informações importantes sobre a rede de assistência e acolhimento para doenças psicossomáticas, sobretudo no tocante à automutilação, convidamos o psicólogo e pesquisador Henrique Landim para a realização de uma live.

Landim é profissional de psicologia e atuou nos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) da Prefeitura do Recife e se dedica a pesquisas voltadas aos casos que envolvem automutilação, com graduação em Psicologia, atuou como apoio técnico na vigilância epidemiológica na Secretaria de Saúde do Recife, com experiência na área de Saúde Coletiva.

O quinto encontro do curso, que ocorreu no canal do YouTube da Fundação Joaquim Nabuco, em 23 de abril de 2024 (Imagem 17), fez parte também do ciclo de atividades do seminário sobre automutilação com 120 visualizações em 01 de setembro de 2024.

Imagem 17 - Canal do youtube Fundaj



Fonte: Violências autoprovocadas na adolescência: Conceitos e Rede de Assistência (youtube.com)

Na ocasião, esclarecemos pontos importantes sobre a rede de acolhimento, a função dos docentes na disseminação de informações e desmistificamos aspectos relacionados à responsabilidade dos serviços de saúde, que devem ser buscados e recomendados por todos os

agentes da sociedade. Isso evita transferir a responsabilidade exclusivamente para a escola, que não tem competência para fornecer atendimento terapêutico.

Henrique Landim destacou: “A escola não vai ser o único lugar de cuidado, até mesmo porque isso não é função da escola”. Nesse contexto é importante separar a assistência à saúde como sendo uma responsabilidade da escola. Somos corresponsáveis, como pontuou o pesquisador na live, cada um fazendo o seu papel em uma tentativa de ajuda mútua.

### **Objetivo**

A aula teve como objetivos:

<b>Geral</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Orientar os docentes sobre a corresponsabilidade do processo de atendimento em casos de autolesão.</li> </ul>
--------------	--

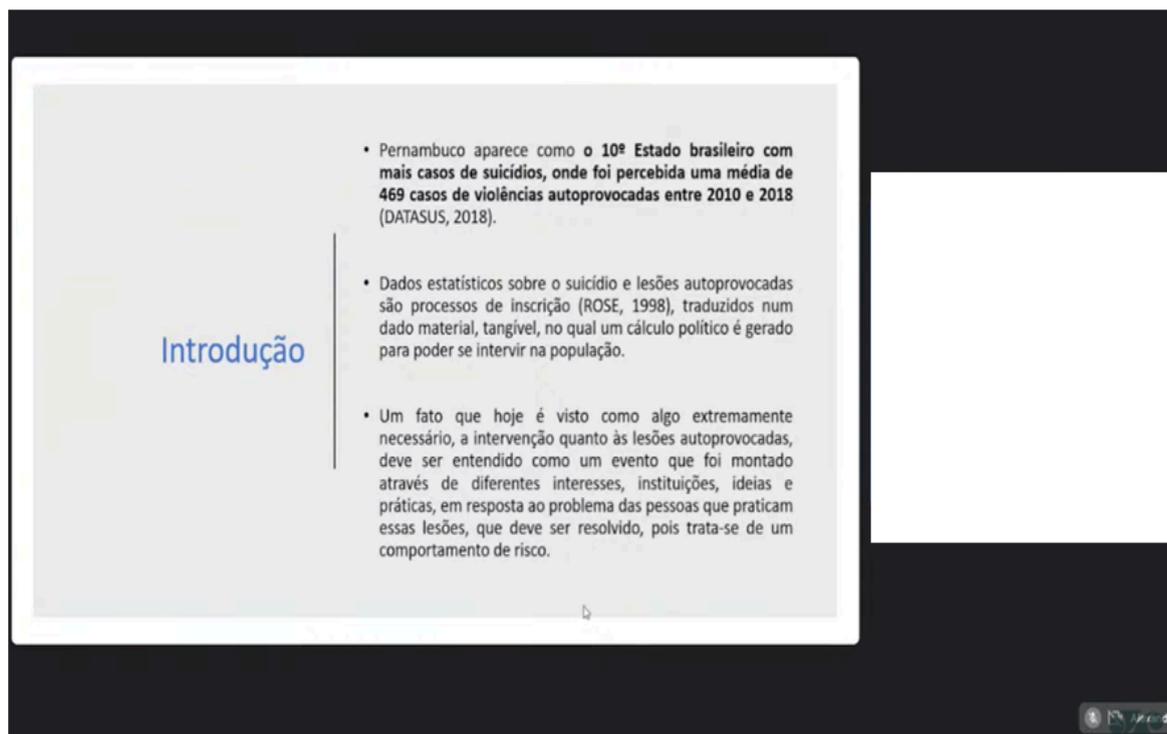
<b>Específicos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Entender como funciona o apoio a quem se automutila;</li> <li>● Como lidar com os casos na escola.</li> </ul>
--------------------	--

### **Conteúdo**

Os conteúdos trabalhados nessa aula versaram sobre o atendimento à saúde e as causas psicossociais que levam o indivíduo a se automutilar. Vivenciando dados importantes sobre rede de atendimento clínico, fatores causais da automutilação e como proceder em casos na escola, lembrando que automutilação é uma problemática de saúde que é vivenciada em todos os espaços e que precisa da devida atenção.

Os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) em Pernambuco estão estruturados para oferecer suporte especializado a indivíduos que se automutilam, focando em questões terapêuticas. Estes centros são fundamentais no atendimento e na gestão de casos de automutilação. Contudo, devido à alta demanda, nem todos conseguem receber o suporte necessário, como destacou o pesquisador e psicólogo Henrique Landim.

**Imagem 18** - Palestra de Henrique Landim Canal do YouTube Fundaj



Fonte: Violências autoprovocadas na adolescência: Conceitos e Rede de Assistência (youtube.com)

### **Síntese Didática**

Nesta aula, observamos como o atendimento clínico para os casos de automutilação está organizado, como as unidades de atenção primária atendem os que precisam no município de Recife, a importância dos CAPS<sup>9</sup>, o papel da escola e do poder público com relação aos casos de automutilação.

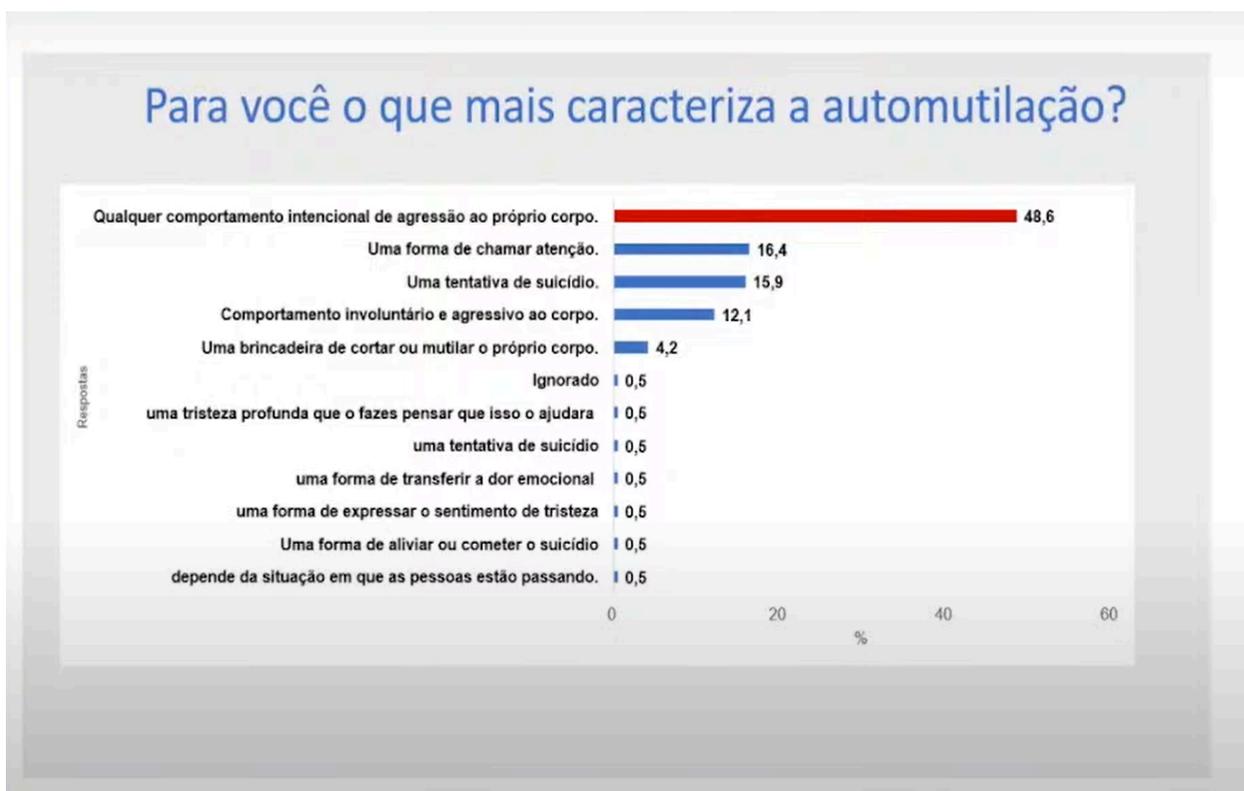
Apontamos alguns pontos principais para o entendimento da atenção à saúde mental:

- 1- Como funcionam os centros de atendimento?
- 2- Que tipo de público é atendido no CAPS?
- 3- Dados sobre casos de automutilação no estado de Pernambuco;
- 4- Caracterização da automutilação.

---

<sup>9</sup> Centro de atenção psicossocial que faz parte da rede de atenção do SUS (Sistema Único de Saúde)

**Imagem 19** - Canal do youtube Fundaj



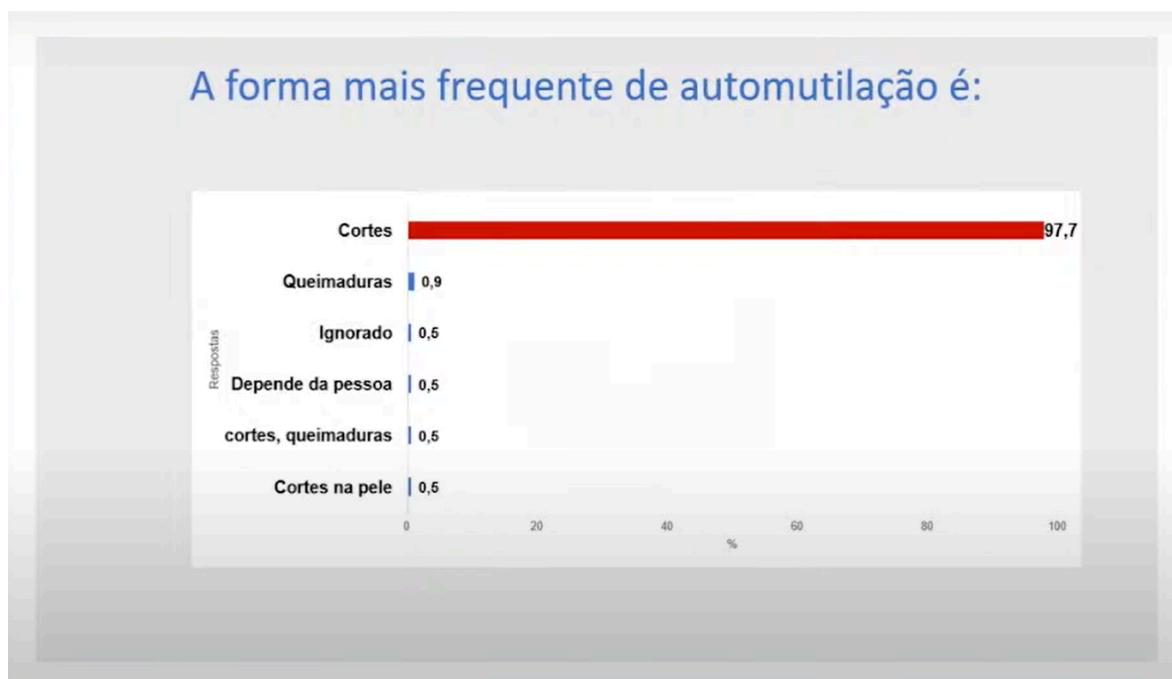
Fonte: Violências autoprovocadas na adolescência: Conceitos e Rede de Assistência (youtube.com)

### Síntese da Live

A live começou às 19 horas e contou com a presença do Professor Doutor Alexandre Zarias, da cursista do ProfSocio Fabiane Maria Baracho, e do convidado Henrique Landim<sup>10</sup>, psicólogo e pesquisador com vasta experiência na rede de atenção a doenças psicossociais. Henrique Landim apresentou dados importantes sobre a automutilação em Pernambuco, discutiu a rede de atenção à saúde e compartilhou os resultados de sua pesquisa com jovens de escolas públicas do estado. Sua pesquisa trouxe à tona questionamentos sobre o nível de conhecimento dos jovens em relação à automutilação e como esses se percebem diante do processo.

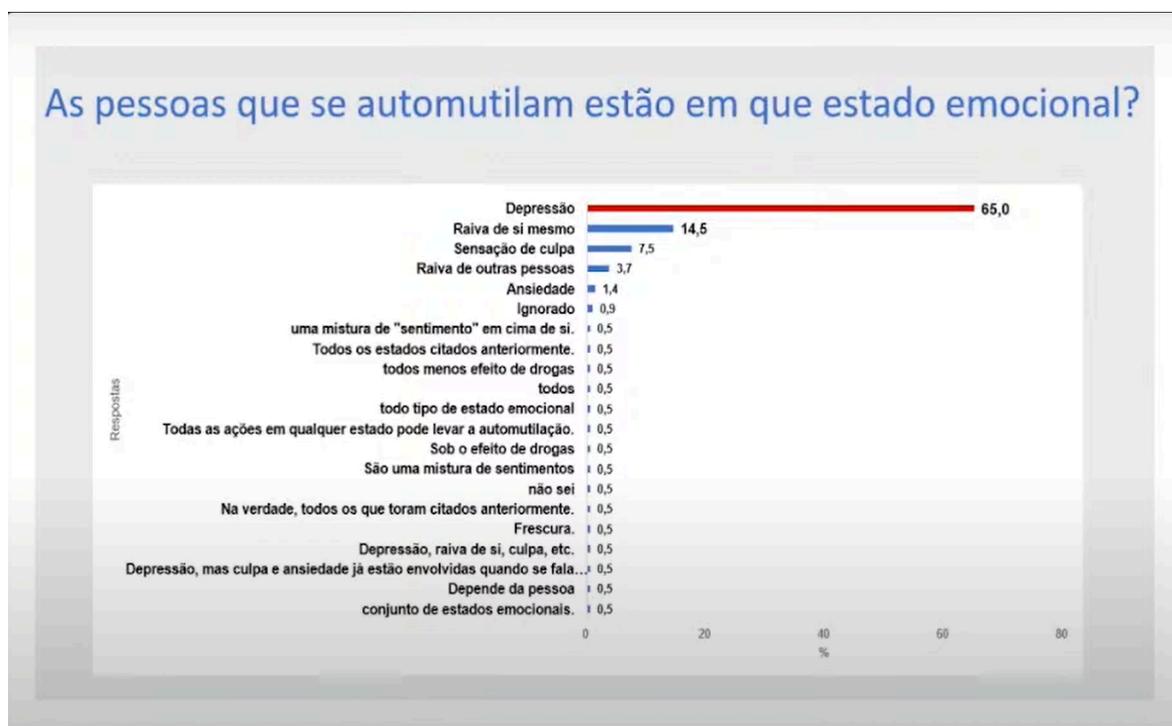
<sup>10</sup> Henrique Landim, psicólogo e pesquisador em processos autolesivos.

Imagem 20 - Canal do youtube Fundaj



Fonte: Violências autoprovocadas na adolescência: Conceitos e Rede de Assistência (youtube.com)

Imagem 21 - Estado emocional de quem se automutila



Fonte: Violências autoprovocadas na adolescência: Conceitos e Rede de Assistência (youtube.com)

## Atividade

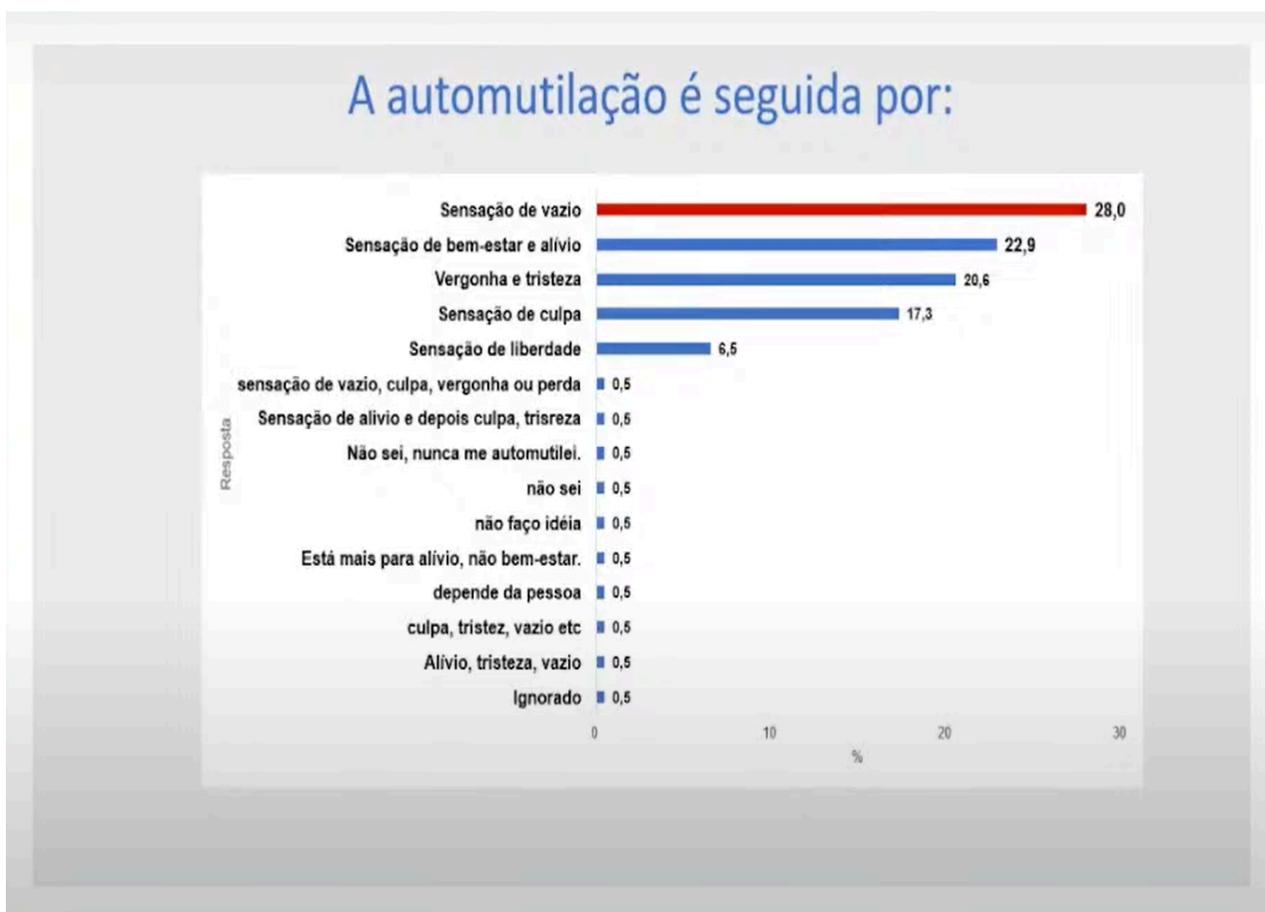
Durante a transmissão ao vivo pelo canal do YouTube da Fundação Joaquim Nabuco, foi solicitado que os participantes enviassem suas dúvidas e questionamentos sobre o explanado pelo pesquisador Henrique Landim utilizando o chat. Várias manifestações foram registradas. Vale destacar que o seminário sobre automutilação estava aberto não apenas para os cursistas, mas para o público em geral, permitindo uma ampla participação e interação durante o evento. As inferências sobre a automutilação e o jovem foram as seguintes:

- 1- “Tema necessário. Parabéns pela pesquisa, visto que como professora sinto muita insegurança em trabalhar com meus alunos, pois não tenho conhecimento psicológico suficiente para realizar tal abordagem”. **(espectador 1 da Live)**
- 2- “Comuniquem-se abertamente: Incentive o adolescente a expressar seus sentimentos e preocupações. Mostre que você está disposto a ouvir sem julgamento”. **(espectador 2 da Live)**
- 3- “Culpa também por pressão externa, como atender expectativas e frustração com fracassos”. **(espectador 3 da Live)**

É importante destacar que a live foi aberta ao público e não exigiu inscrição prévia, o que impossibilitou a coleta de informações detalhadas sobre o perfil profissional dos participantes. Não houve espaço para apresentação individual dos presentes, de modo que os comentários registrados foram feitos por pessoas que acompanharam o evento em tempo real, sem dados suficientes para identificar suas áreas de atuação ou os trabalhos que desempenham na sociedade.

A imagem 22 traz elementos apresentados pelo palestrante, onde é verificado o sentimento que ocorre após a automutilação, que é de vazio e insuficiência. Já foi apontado que os praticantes de automutilação pretendem, com esse ato, preencher vazios e curar dores, pois a autolesão é uma tentativa de fuga do que se está vivendo, ou mecanismo de autopunição.

Imagem 22 - Canal do YouTube Fundaj



Fonte: Violências autoprovocadas na adolescência: Conceitos e Rede de Assistência (youtube.com)

A imagem 23 levanta os motivos dos transtornos relacionados ao uso de álcool e entorpecentes, as patologias ligadas a processos mentais causadores de sofrimento nas pessoas. É difícil para os professores identificarem de qual processo se trata, pois eles se assemelham; contudo, o mais importante são os encaminhamentos, a escuta ativa e, principalmente, deixar sempre aberto o espaço para o diálogo.

Imagem 23 - Canal do youtube Fundaj

**Centros de Atenção Psicossocial (CAPS)**

Considerando a portaria Nº 336, DE 19 DE FEVEREIRO DE 2002, os CAPS são serviços de saúde de caráter aberto e comunitário voltados aos atendimentos de pessoas com:

- **Sofrimento psíquico ou transtorno mental,**
- **Necessidades decorrentes do uso de álcool, crack e outras substâncias**
- **Situações de crise ou em processos de reabilitação psicossocial**



Fonte: Violências autoprovocadas na adolescência: Conceitos e Rede de Assistência (youtube.com)

Imagem 24 - Apresentação de Henrique Landim -Caps

**CAPS II:** atende pessoas maiores de 18 anos, em intenso sofrimento psíquico decorrente de transtornos mentais graves e persistentes.

**CAPS III:** atende pessoas maiores de 18 anos, em intenso sofrimento psíquico decorrente de transtornos mentais graves e persistentes. Proporciona serviços de atenção contínua, com funcionamento 24h, incluindo feriados e finais de semana, e acolhimento noturno.

**CAPS I:** atende crianças e adolescentes que apresentam intenso sofrimento psíquico decorrente de transtornos mentais graves e persistentes, incluindo aqueles relacionados ao uso de substâncias psicoativas, até 17 anos.

**CAPS AD:** atende pessoas maiores de 18 anos, que apresentam intenso sofrimento psíquico decorrente do uso nocivo e dependência de álcool e outras drogas.

**CAPS AD III Álcool e Drogas:** atende pessoas maiores de 18 anos, que apresentam intenso sofrimento psíquico decorrente do uso nocivo e dependência de álcool e outras drogas. Proporciona serviços de atenção contínua, com funcionamento vinte e quatro horas, incluindo feriados e finais de semana, e acolhimento noturno.

Fonte: Violências autoprovocadas na adolescência: Conceitos e Rede de Assistência (youtube.com)

### Dinâmica da Aula

Por se tratar de uma live, a dinâmica foi a exposição do tema por Henrique Landim, que falou de seus trabalhos sobre automutilação, trouxe informações úteis no campo da assistência e suas vivências enquanto psicólogo na rede de atendimento da prefeitura da cidade do Recife.

No espaço de sala de aula virtual colocamos apenas alguns materiais adicionais, como endereços de centros de atendimento na cidade do Recife, que é disponibilizado pelo site da prefeitura, um texto base que define o que significa CAPS retirado do site o ministério da saúde, que classifica os CAPS por modalidade de atendimento e sua rede de atuação, a disposição da lei 13.819/2019 publicada em diário oficial em 29/04/2019 e um vídeo que ajuda no entendimento da automutilação como um caso de saúde pública, produzido pelo hospital Sírio-Libanês, o vídeo é um da série “ Descomplica Saúde” e traz a automutilação como um problema de saúde relacionado às questões mentais, e dois especialistas médicos em saúde mental abordam o tema de forma muito didática o que contribui para formação do docente.

**Imagem 25** - Rede de acolhimento

## Encontro 5: Rede de acolhimento - Profissiona... :



Texto CAPS

Última edição: 31 de mar.



Legislação e Informações úteis

Última edição: 10 de abr.



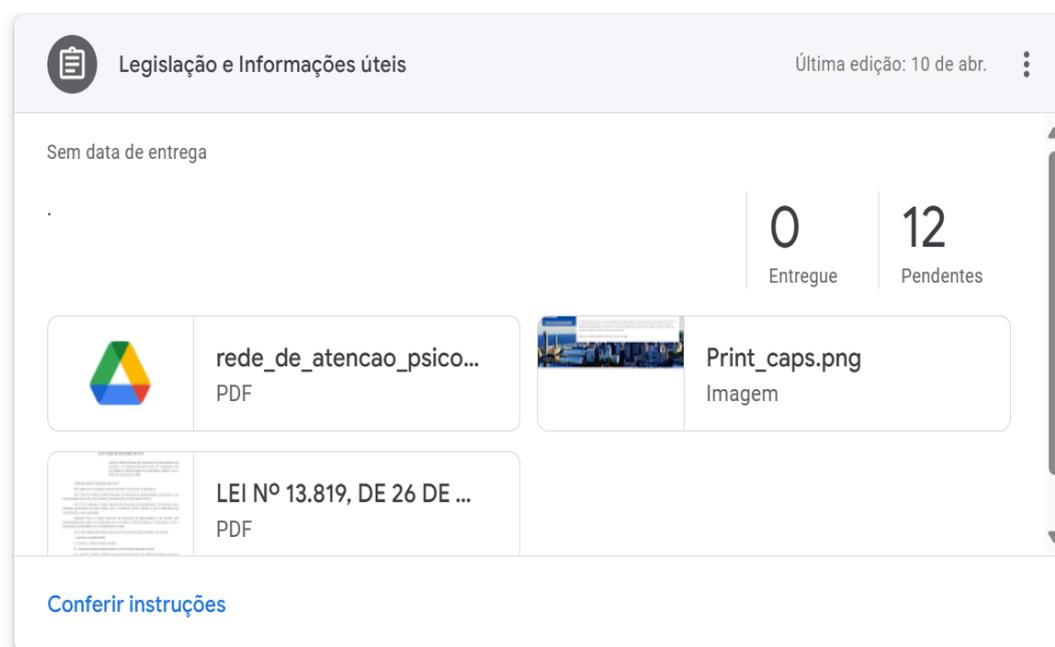
Vídeo

Última edição: 30 de mar.

Fonte: Sala de aula virtual do mini curso de automutilação, cutting orientação para docente

O espaço virtual de sala de aula (Imagem 26) foi organizado para que a aula cinco desse suporte ao cursista posteriormente e que também fosse fonte de discussão, no auxílio do trabalho com os estudantes na escola.

**Imagem 26** - Espaço virtual de sala de aula



Fonte: Sala de aula virtual do mini curso de automutilação, cutting orientação para docente

## Referência

### Texto- Base:

BRASIL. Ministério da Saúde. **Centros de Atenção Psicossocial - CAPS**. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/centros-de-atencao-psicossocial-caps>. Acesso em: 29 ago. 2024.

### Conteúdo Complementar:

DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO. **LEI nº 13.819, de 26 de abril de 2019**. Publicado em: 29 abr. 2019. Edição: 81, Seção: 1, p. 1. Órgão: Atos do Poder Legislativo.

### Video:

**Como ajudar alguém que está se automutilando?**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=utTOPV4IbZk>. Acesso em: 29 abr. 2024.

### Live Youtube fundaj:

**Violências autoprovocadas na adolescência: Conceitos e Rede de Assistência**, Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4NRVOch7P-k>. Acesso em: 29 abr. 2024.

Site: Centros de Atenção Psicossocial - CAPS — Ministério da Saúde ([www.gov.br](http://www.gov.br)). Acesso em: 10 de abr. 2024

## 4.6 Aula 6 - Saúde Mental e Educação

### Introdução

Iniciamos a aula revisitando o conteúdo apresentado na live de Henrique Landim, com o objetivo de refletir sobre como podemos apoiar e orientar os estudantes que praticam a automutilação. Discutimos a importância de identificar esses praticantes para fornecer o encaminhamento adequado em cada caso, entendendo que os docentes desempenham um papel importante na identificação. É fundamental que estejam preparados para lidar com essas situações no cotidiano. Para auxiliar nesse processo, exploramos um material elaborado pelo Conselho de Psicologia do Distrito Federal (2020), que visa apoiar profissionais da psicologia, oferecendo ferramentas para a identificação dos casos não só de automutilação, mas também de suicídio, o material intitulado de: “Orientações para a atuação profissional frente a situações de suicídio e automutilação” (Imagem 27), elaborado pelo conselho de psicologia do Distrito Federal.

Imagem 27 - Saúde mental e educação

The screenshot shows a virtual classroom interface. At the top, the title 'Encontro 6: Saúde mental e educação' is displayed. Below the title, there is a header bar with a document icon, the text 'Texto da aula', and the delivery date 'Data de entrega: 25 de abr., 23...'. The main content area contains a post from March 10 (edited March 31) with the text: 'São muitos os fatores que nos levam a refletir sobre como está a saúde na escola, sobretudo, quando se fala de cutting. Como está a saúde mental? como os estudantes estão sendo assistidos pelas unidades escolares com relação a processos auto lesivos? A ausência da família colabora com os casos crescentes de cutting?'. To the right of the text, there are two columns: '1 Entregue' and '11 Pendentes'. Below the text, there is a PDF document titled 'orientação sobre autom...' with a thumbnail image. At the bottom, there are two buttons: 'Conferir instruções' and 'Revisar trabalho'.

Fonte: Sala de aula virtual do mini curso de automutilação, cutting orientação para docente

## Objetivos

A aula teve como objetivos:

<b>Geral</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Entender como podemos identificar casos de automutilação.</li> </ul>
--------------	---

<b>Específicos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Desenvolver um olhar sensível para com os estudantes;</li> <li>• Entender que a automutilação precisa e exige assistência que vai além da informação socializada.</li> </ul>
--------------------	---

## Conteúdo

Nesta aula, além de darmos enfoque à rede de assistência no combate a automutilação, trouxemos informações sobre redes de atenção à saúde, dados gerais sobre os casos, e como traz o material da aula, ferramentas de identificação dos casos na escola, para que assim possam ser notificados e terem o encaminhamento necessário.

A psicologia trata a autolesão como uma tentativa de não cometer o suicídio, ou seja uma vontade de não morrer, apenas aliviar a dor. A autolesão mesmo sendo cometida por pessoas que não necessariamente desejam cometer suicídio é um alerta de descontrole psicológico, mesmo que momentâneo. Quem pratica a automutilação deseja se esconder, protege seus cortes, os mantendo longe do olhar do julgamento ou das perguntas.

Em geral, classifica-se o comportamento autolesivo em dois grandes grupos: no primeiro, o ato de se lesionar é a intenção do comportamento (diretamente “injuriosos” ou lesivos), ao passo que no segundo, a autolesão é produto ou resultado de uma ação deliberada que não objetivava tal dano (Nock, 2010, p.45).

**Imagem 28** - Espaço virtual de sala de aula



Fonte: Sala de aula virtual do mini curso de automutilação, cutting orientação para docente

Dentre os conteúdos abordados, analisamos o comportamento suicida e autolesivo que varia conforme faixa etária, gênero e orientação sexual. É importante perceber como cada um desses fatores influenciam os índices de tentativas de suicídio e automutilação. Esta compreensão ajuda a identificar padrões específicos, o que é importante, pois ajuda na elaboração de estratégias que possam ser mais eficazes na condução e orientação sobre a prática dos processos de automutilação.

Utilizamos ainda na aula um vídeo (Imagem 28), que aborda conceitos biológicos que explicam a ação da automutilação, pudemos perceber que dentro do processo biológico a autolesão alivia essas emoções ativadas.

## Referências

### Texto- base:

Conselho Regional de Psicologia do Distrito Federal. **Orientações para a atuação profissional frente a situações de suicídio e automutilação** / Organizado pela Comissão Especial de Psicologia na Saúde do CRP 01/DF --. Brasília: CRP, 2020.48p.: il.

textos- complementares

NOCK, M. K., & Mendes, W. B. (2008). Excitação psicológica, tolerância ao sofrimento e déficits de resolução de problemas sociais entre adolescentes automutiladores. **Jornal de Consultoria e Psicologia Clínica**, 76, 28-38. DOI: 10.1037/0022-006X.76.1.28.

Vídeo:

**Autolesão, Automutilação ou Autoflagelo.** Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=iutRmhu86R0&rco=1>. Acesso em: 29 abr. 2024.

#### 4.7 Aula 7: A Automutilação em Uma Narrativa Escolar

##### Introdução

Neste encontro, focamos os conflitos na escola, os processos de autoaceitação e como as condutas dos estudantes dão indícios de suas angústias sociais e de seu complexo estado de conflito pessoal. Utilizamos, para a problematização, um texto de David Le Breton retirado do livro “Condutas de Risco”. O texto escolhido foi “Dos Jogos Simbólicos com a Morte ao Jogo de Viver” (2009). Procuramos relacionar os contextos trazidos pelo autor com os vivenciados na escola, sobretudo nas salas de aula, levando em consideração tudo que discutimos até o momento da aula de número sete.

##### Objetivo

Esta aula, cujo tema é a automutilação em uma narrativa escolar, tem por objetivos:

<b>Geral</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Discutir as relações entre o processo de automutilação e a forma como o estudante se percebe na sociedade.</li> </ul>
--------------	--

<b>Específicos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conseguir relacionar esse jogo de morte em vida, que são os processos de automutilação;</li> </ul>
--------------------	---

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Compreender como os tempos modernos atuam nas práticas da automutilação.</li> </ul>
--	--

### Conteúdo

As discussões sobre a automutilação abordam pontos como a forma que a pessoa se enxerga no mundo, o valor da vida e das relações sociais para o indivíduo, e a necessidade de pertencer a um grupo e ser aceito. Algumas pesquisas, como o artigo “Automutilação em adolescentes: revisão integrativa da literatura” (Moreira, 2020), indicam que na Irlanda mais de 60% dos jovens se automutilam nos braços, com meninos e meninas apresentando propósitos diferentes para essa prática. Meninos tendem a querer assustar alguém, enquanto meninas expressam um desejo de morte. Esse cenário contrasta com o que é percebido em escolas públicas, especialmente no Nordeste do Brasil, onde os jovens relatados pelos cursistas vivem em condições de vulnerabilidade, com históricos de abandono afetivo e violência doméstica e social, necessitando de acompanhamento e residindo em áreas vulneráveis, o que potencializa os processos autolesivos.

A construção da identidade pessoal dos estudantes perpassa principalmente por suas relações familiares, e isso chega à escola quando essa relação é bem construída:

O processo de subjetivação do adolescente, ao realizar esse desprendimento dos pais, concretiza-se como uma forma de colocar-se como sujeito singular, capaz de viver ao seu modo, utilizando recursos que lhes são satisfatórios, para então conquistar a sua maneira de atuar no mundo atravessado por condutas e valores que lhe condiz (Lopes e Teixeira, 2019, p. 292).

Essa construção que o jovem vem promovendo reflete tudo o que ele vive e identifica como parte de sua formação pessoal. Nesse processo, todos os estímulos negativos são somatizados e passam a integrar a construção do sujeito. Acreditamos ser importante, nos conteúdos da aula, estabelecer conexões sobre como o jovem se percebe atualmente, relacionando isso com os textos fornecidos. O principal texto é "Dos jogos simbólicos com a morte ao jogo de viver" (2009) de David Le Breton, e o texto complementar é "Automutilações na adolescência e suas narrativas em contexto escolar" (2019) de Lopes e Teixeira, para traçar um paralelo entre o que se vive nas escolas hoje e essa construção que leva as pessoas a se automutilarem.

## **Síntese Didática**

Iniciamos a aula com o texto de Le Breton “Dos Jogos Simbólicos com a Morte ao Jogo de Viver” (2009). Um autor agora já familiar aos cursistas, pois esse foi referenciado durante todo o percurso, por se tratar de um pesquisador que contribui com o debate da sociologia do corpo, analisando fatores importantes que conduzem a vida do sujeito de maneira antropológica e sociológica. Além do texto, utilizamos também como complemento de leitura de Teixeira e Lopes, “Automutilações na adolescência e suas narrativas em contexto escolar” (2019), que aborda automutilação com uma perspectiva escolar e psicanalítica.

Para problematizar o que discutimos no sétimo encontro de nosso curso, utilizamos um vídeo retirado do canal do Youtube do professor e pesquisador da Universidade de São Paulo, o psicanalista Christian Dunker, onde ele aborda as implicações da automutilação fazendo uma análise psicanalítica. O vídeo nos serviu como provocador de discussão traçando paralelos entre os textos. No vídeo, ele aborda fatores como angústia, experiências com o corpo e pertencimento do corpo, identidade e a automutilação, pontuando o impasse da satisfação e insatisfação com o corpo.

## **Atividade**

A atividade realizada nesse encontro abordou a escuta das situações vivenciadas pelos cursistas em sala de aula, evidenciando as relações de auto aceitação dos jovens e a forma como as famílias viam a prática da automutilação. A maioria dos relatos mencionava o abandono por parte das famílias e como estas se comportam diante da automutilação. Essa aula não teve atividade assíncrona, pois a velocidade do curso não permitia sobrecarregar os cursistas com tarefas adicionais. Os dados foram coletados, em sua maioria, por meio das interações dos cursistas com o tema no formato síncrono.

Como essa seção compreendeu o fechamento das atividades do curso relacionadas ao conteúdo, abrimos a fala para que todos se colocassem sobre pontos debatidos e os desafios que eles percebem em suas vivências na escola.

Respostas:

A falta de apoio psicológico nas unidades escolares.(**Cursista 1**)

A dificuldade de diálogo com as famílias, que frequentemente se tornam um obstáculo na tentativa de resolver o problema. **(Cursista 2)**

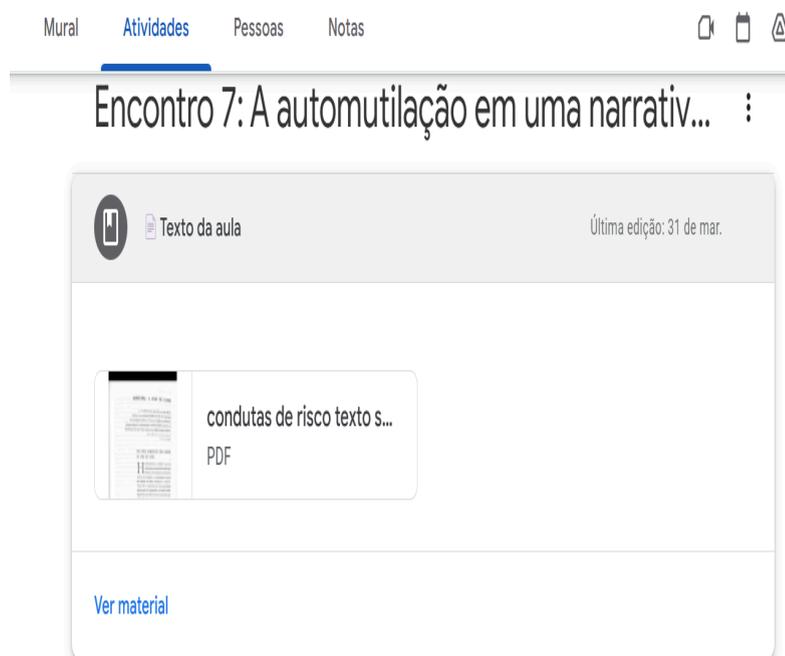
O fanatismo religioso, já que em algumas escolas os estudantes reagem de maneira irracional aos colegas que se automutilam, dizendo coisas como "esse menino tem o capeta", e a própria família muitas vezes não aceita a situação, atribuindo a possessão. **(Cursista 3)**

Crianças e adolescentes que são órfãos de pais vivos, cujos pais não se importam com os filhos nem querem levá-los ao psicólogo, acreditando que o motivo para a automutilação é a falta de correção violenta (surra). **(Cursista 4)**

### Dinâmica da Aula

O texto de Le Breton (2009) permitiu fundamentar ideias sobre pertencimento, auto reconhecimento e valorização do eu, abordando questões importantes sobre estar em grupo, sentimentos de morte e vida, o desejo de desaparecer de si mesmo, a ideia do corpo e a automutilação. Os cursistas foram colaborando ao relacionar o texto com suas vivências cotidianas.

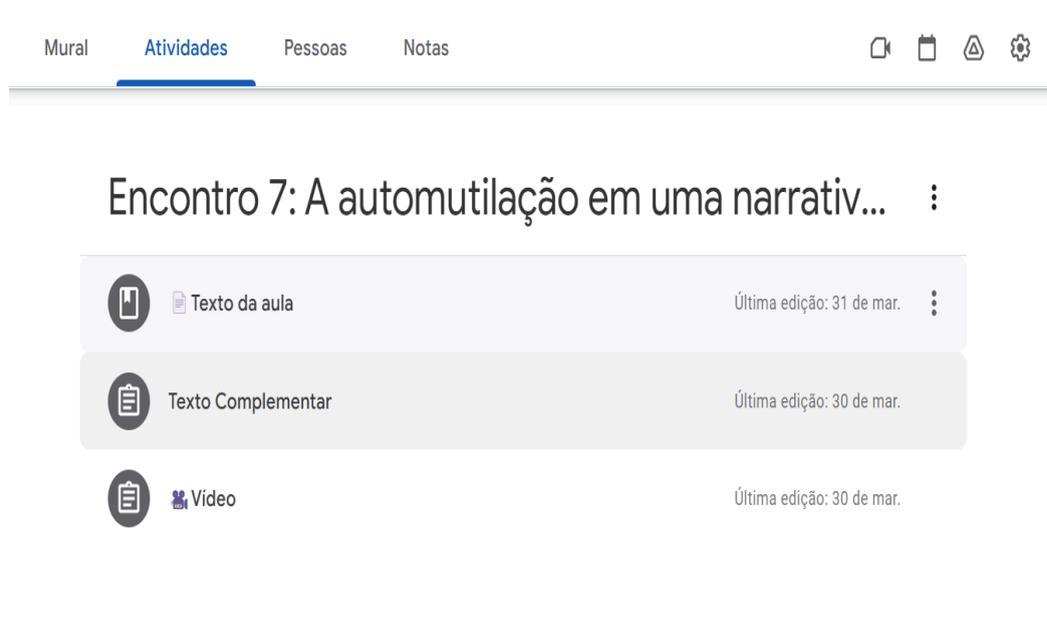
**Imagem 29** - Aula 7 texto principal, Espaço virtual de sala de aula



Fonte: Atividades de Automutilação, Cutting Orientação para Docentes (google.com)

Ainda contamos com a análise do texto de Lopes e Teixeira (2019), um artigo que aborda os processos de automutilação na escola sob a perspectiva da psicanálise. Isso contribuiu significativamente para que pudéssemos fazer conexões entre o fenômeno da automutilação e os processos que a desencadeiam, relacionados à saúde mental e à autoaceitação.

**Imagem 30** - Aula 7, Espaço virtual de sala de aula



Fonte: Atividades de Automutilação, Cutting Orientação para Docentes (google.com)

Na escola, os sintomas da adolescência aparecem disfarçados pelo nome de ansiedade, transtorno borderline, dislexia, depressão; mas, na verdade, o que encontramos com mais frequência são sujeitos que expressam seu mal-estar através do corpo, por isso os casos tão comuns de automutilação, sobretudo em meninas. Os professores, na maioria das vezes, são convocados a responder essas demandas ditas psicológicas e, de alguma forma, lidar com esses sintomas, no entanto, eles se veem paralisados e sem saber como agir (Lopes e Teixeira, 2019, p. 296).

É importante relacionar os conteúdos sociológicos com os psicanalíticos. As mesmas questões atribuídas à psicanálise em relação à automutilação também são avaliadas pela sociologia, porém a partir de perspectivas diferentes. O desconforto de ser alvo de *bullying*, a falta de acolhimento pela família e a ausência de atendimento adequado são aspectos que ambas as áreas analisam. É necessário referenciar os docentes como pessoas que estão no meio do problema da automutilação, que podem não ter todas as competências para suprir as necessidades do jovem em termos de assistência, mas que não podem se furtar de agir.

Ainda utilizamos um vídeo do YouTube para problematizar a relação entre a automutilação e a psicanálise, visando contribuir para o debate e para futuras ações com os estudantes em sala de aula. No vídeo, Christian Dunker, professor da Universidade de São Paulo e psicanalista, discute a angústia de não caber mais em si mesmo e perceber o corpo como insuficiente para os anseios da pessoa, traçando um paralelo com os processos de automutilação.

## **Referências**

### Texto-Base

LE BRETON, David. **Condutas de Risco**: dos jogos de morte ao jogo de viver. São Paulo, Autores associados, 2009.

### Vídeos

**Automutilação na Adolescência.** Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?time\\_continue=6&v=ngi\\_oZVXBWo&embeds\\_referring\\_euri=https%3A%2F%2Fclassroom.google.com%2F&source\\_ve\\_path=Mjg2NjY](https://www.youtube.com/watch?time_continue=6&v=ngi_oZVXBWo&embeds_referring_euri=https%3A%2F%2Fclassroom.google.com%2F&source_ve_path=Mjg2NjY). Acesso em: 29 abr. 2024.

### Leitura Complementar

LOPES, Lorena da Silva; TEIXEIRA, Leônia Cavalcante. Automutilações na adolescência e suas narrativas em contexto escolar. **Estilo Clínica**, v. 24, n. 3, p. 410-430, 2019.

## **4.8 Aula 8 - Avaliando o Curso**

### **Introdução**

No último encontro, focamos em avaliar o curso sob a perspectiva dos cursistas, discutindo a validade do processo e como os conhecimentos compartilhados poderiam contribuir com as práticas escolares relacionadas à automutilação entre os jovens. Os pontos positivos e negativos foram levantados com o objetivo de enriquecer não só a avaliação de nossa experiência ao longo das oito sessões que dedicamos à análise desse fenômeno complexo, mas também para identificar aspectos que ainda precisam ser mais esclarecidos.

**Imagem 31** - Aula 8, Espaço virtual de sala de aula

## Encontro 8: Avaliando o Curso ⋮



Videos 1

Última edição: 31 de mar.



Frequência

Última edição: 31 de mar.

Fonte: Atividades de Automutilação, Cutting Orientação para Docentes (google.com)

### Objetivo

Na aula onde o cursista avalia o curso temos como objetivo:

<b>Geral</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Avaliar o curso apontando acertos e erros.</li> </ul>
--------------	--

<b>Específicos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Analisar a contribuição do tema para sua prática docente;</li> <li>• Compreender a importância da formação continuada.</li> </ul>
--------------------	--

### Síntese Didática

O encontro foi avaliativo. Revisamos como foram todos os encontros anteriores, os pontos principais, como contribuímos para a formação dos cursistas. Mesmo sendo nosso último encontro síncrono, trouxemos um pequeno vídeo (Imagem 32) sobre automutilação, com o intuito de fornecer material que possa ser utilizado pelos cursistas em suas aulas se assim acharem conveniente.

No vídeo do canal do YouTube "Terapia Cognitiva", intitulado “Como trabalhar automutilação na terapia cognitiva?”, apresenta-se um material formativo para estudantes de psicologia. Este foi selecionado por abordar questionamentos importantes sobre autoestima, um ponto crucial e frequentemente deficitário nos jovens que se automutilam. É um elemento essencial para quem lida com esses estudantes.

**Imagem 32** - Aula 8, Vídeo suporte- Espaço virtual de sala de aula

Encontro 8: 🏛️ Avaliando o Curso

Videos 1 Última edição: 31 de mar.

Sem data de entrega

0	12
Entregue	Pendentes

Como trabalhar automuti...  
Vídeo do YouTube • 7 minutos

1 comentário para a turma

[Conferir instruções](#)

Fonte: Atividades de Automutilação, Cutting Orientação para Docentes (google.com)

### **Avaliação dos cursistas**

O caminho percorrido até aqui foi desafiador. Avaliar um curso sobre um tema tão complexo do ponto de vista emocional é difícil, mas os cursistas reconheceram que, apesar da dificuldade do tema, as discussões geradas a partir dos materiais disponibilizados, das lives com convidados e das trocas de experiências contribuíram significativamente para o entendimento da automutilação entre os jovens, especialmente aqueles nas unidades escolares onde os cursistas atuam.

Durante a avaliação realizada na aula síncrona, tive a oportunidade de ouvir as impressões dos cursistas, algumas das quais registrei em meu diário de bordo pessoal. A Cursista 1, conhecida por sua contribuição ativa nos debates, relatou que o curso superou suas expectativas. Ela se sentiu acolhida e teve a chance de debater e interagir com pessoas que

enfrentam problemas semelhantes em suas escolas, problemas que pensava serem mais exclusivos de sua própria realidade.

Os cursistas avaliaram o curso como valioso para sua atuação em sala de aula, mencionando que se sentiram confortáveis para participar. A principal crítica foi em relação ao horário, pois as aulas começavam às 19h e terminavam às 21h, duas vezes por semana. Sugeriram aumentar a frequência das aulas durante a semana com uma duração reduzida para cada sessão, preferindo sessões de uma hora e trinta minutos em vez de duas horas.

Por fim, registrei o comentário de outro cursista, que expressou: “Sentirei saudades de estar aqui nesse espaço com todos vocês. Essas discussões me fizeram enxergar o que eu não queria, talvez por comodismo. Agradeço a todos vocês por terem sido tão generosos” (Cursista 2).

## **Referências**

### Video

**Como trabalhar automutilação na Terapia Cognitiva?**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hbi7uHh6qH8 & t=4s>. Acesso em: 29 abr. 2024.

## 5 RESULTADOS

Os resultados alcançados dizem respeito à orientação ao cursista, à troca de experiências e à socialização do conhecimento sobre automutilação. Percebemos que as construções feitas durante os oito encontros serão de grande valia na execução dos trabalhos que os professores realizarão com suas turmas, podendo criar estratégias dinâmicas para abordar o tema. Entendemos que essa socialização de informações e a forma de conduzir o debate sobre automutilação são importantes na construção do conhecimento, colaborando com a diminuição dos casos e na quebra de tabus sobre o tema.

Em sala de aula síncrona, os resultados foram perceptíveis em relação às construções realizadas aula a aula. Os docentes demonstraram compreensão sobre o tema, participaram dos debates promovidos a partir dos textos lidos e mostraram proatividade nas atividades síncronas. No entanto, nas atividades assíncronas não atingiram o nível de participação esperado. Alguns nos relataram que não se sentiam à vontade para responder às questões propostas no momento assíncrono no Google Sala de Aula. Assim, respeitamos as decisões individuais e estivemos atentos ao estimular aqueles que sempre produziam durante o momento assíncrono, com o intuito de aferir o conhecimento pela participação e clareza nas colocações.

Embora seja difícil quantificar diretamente os impactos do curso em termos numéricos no que se refere ao entendimento sobre automutilação, a conscientização, a formação de competências e o desenvolvimento de um ambiente escolar mais solidário são passos importantes, vemos na atenção com o outro um caminho, entendemos que essa caminhada pela mitigação de casos nas unidades escolares está bem distante de acontecer, pois vivemos em um mundo de muitas possibilidades e não temos tempo para todas e isso desestabiliza.

Acreditamos que o principal resultado foi o compartilhamento de informações e a demonstração aos cursistas que existem maneiras de serem apoiados em questões que envolvem a automutilação. Muitas pessoas estão produzindo materiais de apoio para que os professores possam utilizar como base em suas abordagens em sala de aula. Além disso, acreditamos que os resultados não podem ser representados em gráficos, tabelas ou qualquer outro mecanismo quantitativo, pois o conhecimento não pode ser quantificado. O melhor resultado, que superou nossas expectativas, foi ver os docentes que participaram verbalizarem

que nunca haviam pensado na automutilação de uma forma sociológica, pois até então associavam o tema apenas a questões de psicologia e psiquiatria.

Os resultados se refletem no engajamento, na disponibilidade de contribuir com o debate e na vontade de, através de suas práticas pedagógicas em sala de aula, serem capazes de conduzir um tema delicado como a automutilação, dando a essas discussões um teor sociológico. É importante abordar o tema com expertise, e acreditamos que, diante das discussões, esse objetivo foi alcançado.

### **5.1 Avaliação Geral do curso Sobre a Ótica do Autor e do Cursista**

Diante de todos os percalços, das organizações e dos ajustes que precisaram ser feitos ao longo do curso, avaliamos que atingimos nosso objetivo principal: despertar nos cursistas a consciência de que a automutilação não pode ser ignorada. Trata-se de um fenômeno que vem crescendo de maneira alarmante, afetando a todos, mas especialmente os jovens, devido à configuração social em que vivemos, onde somos pressionados a fazer e ser tantas coisas que, muitas vezes, não conseguimos lidar. No caso dos jovens, tudo é potencializado pela própria vivência.

Os cursistas foram extremamente participativos nos encontros síncronos, que se tornaram momentos de intensa troca de conhecimento, superando nossas expectativas e proporcionando dinamismo aos encontros. Acreditamos, portanto, que cumprimos o que era esperado, oferecendo aos cursistas contato com uma ampla gama de perspectivas sobre a automutilação, incluindo pesquisadores das ciências sociais e da psicologia. Foi possível perceber que ambos os campos entendem a automutilação como um fenômeno psicossocial, que envolve aspectos tanto sociais quanto psicológicos.

Em linhas gerais, por se tratar de um curso, acreditamos que nosso papel nesse contexto foi cumprido. Os cursistas expressaram a importância de terem participado do curso e destacaram como a troca de informações e a apresentação de pesquisadores que estudam a automutilação entre jovens nas escolas foram essenciais para que eles compreendessem que não se pode mais protelar o diálogo sobre o tema. Ficou claro para todos que a função do professor nesse processo de abrir o debate sobre a violência autoinfligida não tem finalidade terapêutica, até mesmo porque os docentes não estão preparados para isso. Assim, empoderar

os cursistas no tocante à automutilação foi importante para que, a partir daí, possam buscar mais elementos e contribuir para a abertura do diálogo sobre automutilação nas escolas.

Avaliamos ainda que o fator tempo foi limitador, pois havia ainda muitos pontos a serem discutidos. O tema da automutilação amplia um debate que perpassa muitos aspectos determinantes para entender uma sociedade que ignora os casos de automutilação, sobretudo nas unidades escolares. Isso fica evidente diante das indagações dos cursistas, que mencionavam constantemente que, embora o tema não fosse explicitamente proibido, não havia debate nas escolas. Nesse contexto, um depoimento feito por um cursista durante a aula, sobre como ele se sentia diante da problemática, chama a atenção.

Na minha escola, existem meninos que se mutilam, mas, quando isso acontece, a escola chama a mãe. Acontece toda semana, e a única coisa que se faz é chamar a mãe do menino. Não sabemos que tipo de orientação é feita, mas vejo que não está surtindo efeito. **(Cursista 1)**

Participar para a família o que acontece com o estudante é fundamental, mas a fala do cursista demonstra o que já temos entendimento que acontece, apesar de tomar conhecimento, a família não assume seu papel de principal responsável pelo estudante. A nossa avaliação, no entanto, termina com a certeza de ter contribuído de alguma forma com os doze cursistas que se dispuseram, durante todo mês de abril e início de maio de 2024, a estarem conosco em um espaço virtual de sala de aula trocando experiências e tendo contato com o que está sendo produzido e pensado sobre automutilação.

## 6 CONCLUSÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) teve como objetivo promover uma formação para docentes em regência da educação básica, abordando o tema da automutilação. O trabalho de intervenção pedagógica foi um curso com duração de 16 horas, ministrado em 8 aulas de duas horas realizadas em dois dias da semana (terças e quintas). Contou com a participação de doze profissionais, sendo onze professores e uma jornalista, que se interessou pela temática e desejou participar do curso. A presença da jornalista foi muito positiva, pois suas contribuições foram extremamente importantes para nossos debates, trazendo um olhar diferente sobre a automutilação, deu caráter investigativo curioso, o que contribuiu muito nas aulas síncronas.

Nessa conclusão, não podemos deixar de pontuar a importância da interação, que constrói ideias e transforma pensamentos. Os momentos que tivemos foram produtivos para todos. Falar sobre automutilação ainda é desafiador, pois é um tema difícil de ser abordado e recheado de muitos tabus que envergonham e constroem até quem não pratica, tanto é que, durante o curso com 12 cursistas inscritos e todos com participação ativa nas discussões das aulas, apenas 5 chegaram a responder as perguntas relacionadas aos encontros, dando a entender o receio dos demais em deixar suas opiniões registradas de alguma forma.

Ainda falando sobre a importância da interação especialmente no contexto da educação básica, temos diversos estudantes que praticam automutilação, alguns de forma temporária, motivados por repetição ou por uma condição momentânea, e outros que são automutiladores frequentes, com complicações ligadas à saúde mental. E nesse contexto está a escola, com professores que lidam diretamente com os estudantes e que precisam de formações que dêem conta de ajudá-los no enfrentamento ao problema.

A automutilação tem ganhado espaço na vida dos jovens que se encontram em situações de depressão ou abandonados afetivamente. Esses jovens são pressionados por uma sociedade que impõe padrões e modelos de pessoa ideal, fazendo com que se sintam insuficientes e acreditando que só terão espaço na sociedade se se encaixarem nesses moldes preestabelecidos. Diante de tantas demandas e imposições, surgem jovens que não conseguem lidar com essas pressões e ausências. Os professores, que convivem com eles de maneira efetiva e afetiva, também enfrentam o desafio de abrir o debate sobre o tema, realizar escuta

ativa e desempenhar vários papéis, muitas vezes sendo as únicas referências de afeto e acolhimento. Para os professores, é um peso enorme ter que administrar todas essas demandas, e ainda ter que acolher suas próprias inseguranças de como abordar o assunto.

O tema da automutilação me interessa há muito tempo como profissional de educação. O fascínio por compreender e contribuir para que outros também possam entender esse assunto me impulsionou até aqui. Continuo com a impressão de que ainda estamos distantes de reconhecer a importância de discutir automutilação nas escolas, de preparar os professores para esse diálogo e, principalmente, de acolher os estudantes.

Os processos autolesivos ainda são um tema evitado, pois muitas pessoas se esquivam dessa conversa. Entendemos que a natureza do assunto é a principal causadora dessa evasão, mas também sabemos que não podemos prolongar esse silêncio. A escola, como espaço de transformação e diálogo, precisa ser incluída na conversa e os professores devem ser capacitados para mediar esse diálogo. Durante o texto, mencionamos que as unidades escolares e seus professores não atuam de forma terapêutica, mas podem encaminhar esses jovens. Nossa proposta foi justamente construir pontes entre a informação, o conhecimento, a escola, os professores e os estudantes.

Os professores precisam de encorajamento, e a formação continuada oferece isso, empoderando os docentes e fornecendo os elementos necessários para a condução de seus trabalhos com os estudantes. Através do curso que oferecemos, pudemos ver essas mudanças acontecerem. Os cursistas entenderam sua responsabilidade no trato da automutilação e como encaminhar casos, fazendo conexões entre a influência do ambiente na vida dos estudantes que se automutilam e compreendendo a saúde emocional e as ausências sociais. Acreditamos que isso fará diferença nas escolas onde nossos cursistas atuam.

A formação continuada é essencial para ampliar o conhecimento dos profissionais da educação, que enfrentam questões delicadas, como as lesões autoinfligidas. Ela oferece um espaço para discutir e aprofundar temas que ajudam no combate à automutilação. Além disso, visa contribuir didaticamente com a prática docente, fornecendo subsídios e materiais de apoio apresentados nos encontros, que servem como ferramentas para abordar o tema em sala de aula.

Concluimos nosso trabalho com o desejo genuíno de ver a automutilação sendo discutida e abordada nas escolas, com mais pesquisadores interessados na temática. Esperamos que esses estudos saiam dos gabinetes e alcancem as escolas, ajudando no combate à automutilação. Isso viabiliza para a comunidade, escola, famílias, professores, estudantes e a sociedade como um todo o entendimento de que não contribuimos quando não assumimos a responsabilidade, que fazer juntos é fazer mais e melhor. Embora falar de automutilação seja doloroso, precisamos superar essa barreira para contribuir com uma sociedade que ainda tem muito a caminhar para entender que empatia não é uma palavra a ser usada apenas quando conveniente. Se os jovens precisam desse apoio, devemos oferecê-lo. Ter mediado um curso que abordou esse assunto complexo com pessoas dispostas e disponíveis para participar das discussões foi fantástico.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, M. R.; MATOS, P. M.; COSTA, M. E. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. **Psicologia & Sociedade**, v. 23, n. 1, p. 24–34, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822011000100004>. Acesso em: 14 abr. 2023.

**Base Nacional Comum Curricular - Educação é a Base**. Disponível em: <https://www.mec.gov.br>. Acesso em: 03 ago. 2024.

BOMBONATI, Ana A.; CASTRO, Carla C. **Automutilação entre adolescentes**: uma análise sociológica no ambiente escolar e o caso Girassol. Universidade Federal Vale do São Francisco / ProfSocio, 2020.

BRITO, Mara M. *et al.* Comportamento suicida e estratégias de prevenção sob a ótica de professores. **Escola Anna Nery**, v. 24, n. 4, 2020.

CAVALCANTE, João J.; BRAGA, Paulo P. **Autolesão na era da informação**: abordagem sociológica acerca de uma subcultura juvenil contemporânea. 2015. 224 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Fortaleza (CE), 2015.

CIDADE, Natália N. de O.; PAULA, Oliveira O. de; ZORNIG, Silvia S.; ABU-JAMRA, Maria M. Automutilações: uma problemática dos limites. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 25, n. 3, p. 643-665, set. 2022.

DETTMER, Sabrina S.; SILVA, Estefânia E. **Cutting**: uma caracterização do fenômeno em escolas de Dourados (MS). 2018. 131 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2018.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. **Automutilação**. iDicio. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/automutilacao/>. Acesso em: 14 abr. 2023.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martins, 2007.

**Entra em vigor Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio — Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome**. Disponível em: <https://www.gov.br>. Acesso em: 03 ago. 2024.

GONÇALVES, Aline A. F.; AVANCI, Joviana J. Q.; NJAINE, Kathie. “As giletes sempre falam mais alto”: o tema da automutilação em comunidades online. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 39, n. 4, 2023.

LARA, G. de; SARAIVA, E. S.; COSSUL, D. **Automutilação na adolescência e vivência escolar**: uma revisão integrativa da literatura. Educação e Pesquisa, 2023.

LE BRETON, David. **Adeus ao Corpo**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

- LE BRETON, David. **Antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: Vozes, 2019.
- LE BRETON, David. **Antropologia do corpo**. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2016.
- LE BRETON, David. **Condutas de risco: dos jogos de morte ao jogo de viver**. São Paulo: Autores Associados, 2009.
- LE BRETON, David. **Desaparecer de si: uma tentação contemporânea**. Rio de Janeiro: Vozes, 2018.
- LE BRETON, David. Escarificações na adolescência: uma abordagem antropológica. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 16, n. 33, p. 25-40, jan./jun. 2010.
- LEI Nº 13.819, DE 26 DE ABRIL DE 2019**. Disponível em: <https://jusbrasil.com.br>. Acesso em: 07 fev. 2024.
- LOPES, Lorena da S.; TEIXEIRA, Leônia C. Automutilações na adolescência e suas narrativas em contexto escolar. **Estilo Clínica**, v. 24, n. 3, p. 410-430, 2019.
- MOREIRA, Érika É. S.; VALE, Raquel R. M.; CAIXETA, Camila C. C.; TEIXEIRA, Ricardo R. A.; GONÇALVES, Vilma V. D. Automutilação em adolescentes: revisão integrativa da literatura. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, n. 10, p. 3945-3954, out. 2020.
- MOUSINHO, Ana A. C.; ANJOS, Degmar. **Guia de educação em saúde mental**. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, 2021.
- NOCK, M. K.; MENDES, W. B. Excitação psicológica, tolerância ao sofrimento e déficits de resolução de problemas sociais entre adolescentes automutiladores. **Journal of Consulting and Clinical Psychology**, v. 76, p. 28-38, 2008. DOI: 10.1037/0022-006X.76.1.28.
- VALE, Raquel R. M. “Caneta é a lâmina, minha pele o papel”: fatores de risco da automutilação em adolescentes. **Revista Brasileira de Enfermagem**, 2020.
- RIBEIRO, Ana C. D. O.; LEITE, Rafael F. D.; COUTO, Vilma V. D. Autolesão em estudantes adolescentes de uma escola pública. **Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social**, v. 10, n. 1, 2021.
- ROSS, S.; HEATH, N. A study of the frequency of self-mutilation in a community sample of adolescents. **Journal of Youth and Adolescence**, v. 31, n. 1, p. 67-77, fev. 2002.
- SANTOS, Marcos P. S.; LEAL, Ideilton A. F. **Formação de professores e profissão docente no Brasil: aspectos históricos, tendências e inovações**. Campina Grande: Editora Amplla, 2022.
- SILVA, Ana A. C. de A.; BEZERRA, Arielly R. L. M.; QUEIROZ, Kalyana C. F. de. Autolesão (cutting): uma problemática (não tão) oculta nas escolas públicas de Mossoró/RN. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, 2021.
- SILVA, Ana B. B. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. 2. ed. São Paulo: Globo, 2015.

TAVARES, Leonora L. de J. **Como lidar com a automutilação**: guia prático para docentes do ensino médio. 2021. 124 f. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão, São Luís/Monte Castelo, 2021.

VIEIRA, Francielly C. Automutilação e saúde pública: desafios da contemporaneidade. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, v. 4, ed. 12, v. 2, p. 81-101, dez. 2019. ISSN: 2448-0959.

## APÊNDICE

### APÊNDICE A - EMENTA DO CURSO AUTOMUTILAÇÃO, CUTTING ORIENTAÇÃO PARA DOCENTES

Turma: 2024

Ministrante: Fabiane Maria Baracho Gama de Amorim

Curso: 16h

Modelo de oferta: a distância - <https://ead.fundaj.gov.br>

Dedicação semanal: total de 4 horas , em encontros síncronos, às terças e quintas-feiras, das 19h às 21h.

#### EMENTA

O objetivo deste curso é apoiar os docentes que se deparam com casos de automutilação entre jovens estudantes. No decorrer dos encontros, serão abordados os principais temas e conceitos relacionados aos processos autolesivos de jovens na escola e como tentar contribuir com a ampliação da informação no intuito de ajudar na diminuição dos casos.

#### OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

- Compreender o que é automutilação.
- Contextualizar a pesquisa social em volta do tema automutilação.
- Desafios na escola
- Socialização do tema com os docentes
- Redes de apoio
- Fortalecimento da escola e dos docentes para as demandas da automutilação

#### PROGRAMA

O homem e o corpo são indissociáveis e, nas representações coletivas, os componentes da carne são misturados ao cosmo, à natureza, aos outros. (Le Breton)

Através das discussões geradas e do material que teremos contato sobre o tema, esperamos contribuir no fortalecimento dos docentes na condução dos processos automutilantes que estão sendo vivenciados, visando contribuir com um ambiente escolar reflexivo, onde os praticantes de processos autolesivos sejam orientados e acolhidos de alguma forma pela escola e seu corpo docente.

Entendemos que é uma demanda complexa, contudo, podendo ser abordada pelos docentes em caráter informativo e espaço de escuta para que cada vez mais possamos contribuir com uma visão crítica, permitindo com que o debate sobre a automutilação aconteça em sala de aula.

## **TÓPICOS**

- 1 – Guia Prático como lidar com a automutilação, por Leonora Tavares IFMA (Instituto Federal do Maranhão)
- 2– Conceituando automutilação
- 3 – Rede de acolhimento profissional de atenção à saúde mental de jovens no Caps
- 4 – Qual a contribuição das ciências sociais nos estudos sobre a automutilação?
- 5 – Automutilação na escola, uma demanda a mais para o docente.
- 6 – Saúde mental e educação
- 7 – A automutilação em uma narrativa escolar
- 8 – Síntese

## **METODOLOGIA**

O Curso será ofertado no modo online para otimizar nossos encontros e possibilitar a participação de todos. Tendo início no dia 09/04/2024, sendo finalizada no dia 02/05/2024, somando um total de 8 encontros equivalentes a 16h. Essa carga horária será dividida entre encontros síncronos e realização de atividades remotas da seguinte maneira. A cada semana, teremos dois encontros semanais de 2h, nas terças e quintas-feiras das 19h às 20h. Teremos todas as quintas uma pequena atividade que será entregue para que possamos aferir a contribuição que o curso está dando aos profissionais.

Utilizaremos o Ambiente Virtual de Aprendizagem da Fundação Joaquim Nabuco para realização de atividades e acompanhamento da disciplina. Para acessá-lo, basta usar o

endereço: <https://ead.fundaj.gov.br>. Nos encontros síncronos, utilizaremos o aplicativo Google Meet, com endereço a ser apresentado oportunamente a cada encontro virtual.

## **AVALIAÇÃO**

A avaliação da disciplina contempla duas dimensões: formativa e somativa. A primeira diz respeito à participação dos encontros síncronos e a segunda refere-se à realização das atividades semanais.

Será um somatório de participação nos encontros virtuais e a entrega das atividades semanais, que serão responsáveis pela conferência da participação no curso que deverá ser superior a 80%.

## **CRONOGRAMA DE ATIVIDADES**

### **Encontro 1 – 09.04**

Tópico: Guia Prático como lidar com a automutilação, por Leonora Tavares IFMA ( Instituto Federal do Maranhão)

Atividades:

Portal eduCapes: Como lidar com a automutilação: guia prático para docentes do ensino médio

### **Encontro 2 - 11.04**

Tópico: Boas vindas

Atividades:

- Apresentação do curso
- Contrato pedagógico
- Fórum de apresentação
- Participação em fórum de discussão e realização de atividades propostas pelo docente.
- Material:

Artigo - Da construção do corpo aos significados da dor: antropologia do “risco”, do silêncio e da palavra: uma entrevista com David Le Breton

Vista do Uma entrevista com David Le Breton: Da construção do corpo aos significados da dor: antropologia do “risco”, do silêncio e da palavra (revistacafecomsociologia.com)

### **Encontro 3 – 16.04**

Tópico: Rede de acolhimento- Profissional de atenção à saúde mental de jovens no Caps

Discussão: A importância do atendimento, argumentação de um profissional de saúde mental.

#### **Encontro 4 – 18.04**

Tópico: Qual a contribuição das ciências sociais nos estudos sobre a automutilação

Atividade: Participação em fórum de discussão e realização de atividades propostas.

Discussão:

[\(99+\) A sociologia do corpo - David Le Breton | Isaac giordano - Academia.edu](#)

#### **Encontro 5 – 23.04**

Tópico: Automutilação na escola uma demanda a mais para o docente.

Atividades: Participação em fórum de discussão e realização de atividades propostas.

[SciELO - Brasil - Automutilações: uma problemática dos limites Automutilações: uma problemática dos limites](#)

#### **Encontro 6 – 25.04**

Tópico: Saúde mental e educação

Atividades:

[CRPDF-Orientacoes\\_atuacao\\_profissional.pdf \(saude.gov.br\)](#)

#### **Encontro 7 – 30.04**

Tópico: A automutilação em uma narrativa escolar.

Atividades:

Participação em fórum de discussão e realização de atividades propostas.

[Automutilações na adolescência e suas narrativas em contexto escolar \(bvsalud.org\)](#)

#### **Encontro 8 – 02.05**

Tópico: Síntese Avaliação do curso

Atividades:

[Das\\_condutas\\_de\\_risco\\_ao\\_silencio\\_entrevista\\_com\\_D.pdf](#)

## APÊNDICE B - FICHA DE INSCRIÇÃO DO CURSO

Para finalizar a inscrição bastava ser docente em exercício da função e comprovar seu vínculo como docente..

Perguntas   Respostas 20   Configurações   Refazer

# Fundação Joaquim Nabuco



---

### Formulário de Inscrição -

B   I   U   ↔   ✖

FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO - MESTRADO PROFISSIONAL DE SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL (PROFSOCIO)

O curso "Automutilação: Orientação para Docentes", é uma iniciativa do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (ProfSocio) da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj). Ele será ofertado a distância, em sala de aula do Google Classroom, com duas aulas síncronas semanais, pelo Meet, e com carga horária total de dezesseis (16) horas.

+  
↔  
Tt  
🖼  
▶  
☰

---

São disponibilizadas 30 vagas. O curso é destinado a professoras e professores da educação básica que tenham interesse no tema.

**Sobre o Curso**

O curso, com duração de 16 horas, vai do dia 09 de abril até 02 de maio de 2024. As aulas síncronas online acontecem às terças e quintas-feiras, das 19h às 21h, através do aplicativo Google Meet. O objetivo é fornecer aos educadores ferramentas eficazes e estratégias práticas para abordar a questão da automutilação, promovendo um ambiente escolar mais seguro e inclusivo.

O curso abordará os principais conceitos e temas relacionados aos processos autolesivos entre jovens na escola, visando a ampliação do conhecimento dos docentes sobre esses casos. Os participantes aprenderão a compreender a automutilação, contextualizar pesquisas sociais sobre o tema, identificar desafios nas escolas, socializar o tema com colegas, e fortalecer as redes de apoio para alunos e professores.

**Inscrições e Mais Informações**

Para mais detalhes sobre o curso e informações sobre inscrições, utilize o e-mail [cursos.difor@fundaj.gov.br](mailto: cursos.difor@fundaj.gov.br) ou ligue para os telefones: (81) 3073 6775 ou (81) 30736786

Responsáveis: Alexandre Zarias e Fabiane Maria Baracho Gama de Amorim  
As inscrições serão validadas por ordem de preenchimento deste formulário e pelo comprovante de vínculo (contracheque, declaração ou certidão) que deverá ser aqui anexado.

+  
↔  
Tt  
🖼  
▶  
☰

Responsáveis: Alexandre Zarias e Fabiane Maria Baracho Gama de Amorim  
As inscrições serão validadas por ordem de preenchimento deste formulário e pelo comprovante de vínculo (contracheque, declaração ou certidão) que deverá ser aqui anexado.

**E-mail \***

E-mail válido

Este formulário está coletando e-mails. [Alterar configurações](#)

**Nome Completo \***

Texto de resposta curta

**CPF \***

Texto de resposta curta



**Data de Nascimento \***

Mês, dia, ano 

**Gênero \***

Feminino

Masculino

Prefiro não dizer

**Graduação \***

Texto de resposta curta



Instituição de Ensino (onde obteve o diploma) \*

Texto de resposta curta

Tipo de vínculo profissional \*

Concurso público

Contrato temporário

Contrato temporário + concurso público

CLT

Componentes que leciona \*

Artes

Eletiva de Humanidades

Empreendedorismo

Filosofia

Geografia

História

Projeto de Vida

Sociologia

Física

Faça upload do comprovante de vínculo de docente da educação básica (somente PDF) \*

[Ver pasta](#)

Termo de Autorização de Uso da Imagem e do Som \*

AUTORIZO o uso de minha imagem e voz pela Fundação Joaquim Nabuco para exibição e divulgação da...

Termo de Responsabilidade \*

ASSUMO INTEIRA RESPONSABILIDADE, para a Fundação Joaquim Nabuco, pelas informações aqui pres...

+

📄

Tt

🖼️

▶

☰

### APÊNDICE C - CRONOGRAMA DAS ATIVIDADES

<i>Calendário da Atividade</i>		
<i>Cronograma de encontros</i>		
	<i>Quando?</i>	<i>Que horas?</i>
<i>Aula 1- Guia Prático como lidar com a automutilação, por Leonora Tavares IFMA (Instituto Federal do Maranhão)</i>	<i>09/04/2024</i>	<i>19h às 21h</i>
<i>Aula 2-Conceituando automutilação</i>	<i>11/04/2024</i>	<i>19h às 21h</i>
<i>Aula 3- Rede de acolhimento - Profissional de atenção à saúde mental de jovens no Caps. <b>Palestra com o psicólogo Henrique Landim, transmissão pelo Youtube</b></i>	<i>16/04/2024</i>	<i>19h às 21h</i>
<i>Aula 4-Qual a contribuição das ciências sociais nos estudos sobre a automutilação</i>	<i>18/04/2024</i>	<i>19h às 21h</i>
<i>Aula 5- Automutilação na escola uma demanda a mais para o docente.</i>	<i>23/04/2024</i>	<i>19h às 21h</i>
<i>Aula 6- Saúde mental e educação.</i>	<i>25/04/2024</i>	<i>19h às 21h</i>
<i>Aula 7-A automutilação em uma narrativa escolar</i>	<i>30/04/2024</i>	<i>19h às 21h</i>
<i>Aula 8- Síntese</i>	<i>02/05/2024</i>	<i>19h às 21h</i>

## APÊNDICE D - AMBIENTE VIRTUAL DE SALA DE AULA

### Página Inicial

O ambiente virtual de sala de aula, boas vindas, acesso ao link para entrar no espaço de sala de aula virtual.

The screenshot displays the Google Classroom interface. At the top, there are navigation tabs: 'Mural' (selected), 'Atividades', 'Pessoas', and 'Notas'. To the right of these tabs are icons for video, calendar, a warning triangle, and a settings gear. Below the navigation is a light blue banner with the text: 'Aniversário de 10 anos do Google Sala de Aula! Confira o que aprendemos até agora e nossos planos para o futuro.' To the right of the banner are the links 'Dispensar' and 'Saiba mais'. Below the banner is a large video player with the title 'Automutilação, Cutting Orientação para Doc...' and an information icon. Below the video player are two panels. The left panel contains the 'Meet' logo, a 'Participar' button, and the text 'Visível para os estudantes'. The right panel contains a post from 'Fabiane Maria Baracho Gama de Amorim' dated '2 de mai.' with the text: 'Cumprimentando a todos, lembrando que hoje é nosso último encontro e estou muito grata por tudo, até logo mais.' There is also a 'Código da turma:' field with a dropdown menu icon.

### Espaço das atividades virtuais

Nessa tela temos o cronograma das atividades, espaço do aluno, atividades, avisos, biblioteca virtual e encontros síncronos classificados por dias de ocorrência e temas.

Mural **Atividades** Pessoas Notas    

**+ Criar**

Todos os temas ▾

 frequência 16/04/2024  1 Item postado: 16 de abr.

 **Cronograma** ⋮

 Cronograma das Atividades Última edição: 13 de abr.

 **Espaço do Aluno** ⋮ 

Mural **Atividades** Pessoas Notas    

 **Atividades** ⋮

 Atividade 1 ( encontro 2) -Ordália  5 Última edição: 29 de mar.

 atividade 2 (encontro 5)- Automutilaç...  1 Última edição: 29 de mar.

 Atividade 3 ( encontro 7)- Automutilação ... Última edição: 30 de mar.

 **Aviso** ⋮

Os estudantes verão este tema assim que um trabalho for adicionado a ele 

Mural **Atividades** Pessoas Notas    

---

## Biblioteca Virtual

-  Legislação Item postado: 30 de mar.
-  Vídeo sobre a legislação Item postado: 30 de mar.
-  Desaparecer de si Item postado: 30 de mar.
-  Matéria do Estadão Item postado: 30 de mar.
-  Material de apoio em psicologia Item postado: 29 de mar.
-  Material Extra Psicanálise Item postado: 18 de mar.



Mural **Atividades** Pessoas Notas    

---

## Encontro 1: Guia Prático como lidar com a aut...

-   Texto da Aula Última edição: 31 de mar.
-  Leitura Complementar Última edição: 30 de mar.
-   Avalie o encontro 1 Última edição: 31 de mar.
-   Frequência aula 1 Última edição: 31 de mar.
-  Fórum 1 de Discussão Última edição: 30 de mar.

---

## Encontro 2: Conceituando automutilação



## APÊNDICE E - FREQUÊNCIA

Todos os encontros no final de cada um deles disponibilizamos a frequência, como meio de controle da participação.

Perguntas Respostas **95** Configurações



### 8º Ata de Frequência- automutilação- Encontro 8

**B** *I* U  

Dia 02/05/2024  
Hora: 19h as 21h

E-mail \*  
E-mail válido

leciona a quanto tempo?  
Texto de resposta curta

Contato telefônico  
Texto de resposta curta

Nome completo \*  
Texto de resposta curta

CPF  
Texto de resposta curta

Data de nascimento  
Mês, dia, ano 

## APÊNDICE F- FICHA DE NOTIFICAÇÃO PARA AUTOLESÃO E OUTRAS VIOLÊNCIAS

República Federativa do Brasil Ministério da Saúde		SINAN SISTEMA DE INFORMAÇÃO DE AGRAVOS DE NOTIFICAÇÃO		Nº	
FICHA DE NOTIFICAÇÃO INDIVIDUAL					
<b>Caso suspeito ou confirmado de violência doméstica/intrafamiliar, sexual, autoprovocada, tráfico de pessoas, trabalho escravo, trabalho infantil, tortura, intervenção legal e violências homofóbicas contra mulheres e homens em todas as idades. No caso de violência extrafamiliar/comunitária, somente serão objetos de notificação as violências contra crianças, adolescentes, mulheres, pessoas idosas, pessoa com deficiência, indígenas e população LGBT.</b>					
Dados Gerais	1 Tipo de Notificação		2 - Individual		
	2 Agravado/doença		Código (CID10)	3 Data da notificação	
	VIOLÊNCIA INTERPESSOAL/AUTOPROVOCADA		Y09		
	4 UF	5 Município de notificação		Código (IBGE)	
	6 Unidade Notificadora <input type="checkbox"/> 1- Unidade de Saúde 2- Unidade de Assistência Social 3- Estabelecimento de Ensino 4- Conselho Tutelar 5- Unidade de Saúde Indígena 6- Centro Especializado de Atendimento à Mulher 7- Outros				
	7 Nome da Unidade Notificadora		Código Unidade	9 Data da ocorrência da violência	
8 Unidade de Saúde		Código (CNES)			
Notificação Individual	10 Nome do paciente			11 Data de nascimento	
	12 (ou) Idade	13 Sexo	14 Gestante	15 Raça/Cor	
	<input type="checkbox"/> 1- Hora <input type="checkbox"/> 2- Dia <input type="checkbox"/> 3- Mês <input type="checkbox"/> 4- Anos	<input type="checkbox"/> M - Masculino <input type="checkbox"/> F - Feminino <input type="checkbox"/> I - Ignorado	<input type="checkbox"/> 1-1º Trimestre <input type="checkbox"/> 2-2º Trimestre <input type="checkbox"/> 3-3º Trimestre <input type="checkbox"/> 4- Idade gestacional ignorada <input type="checkbox"/> 5- Não <input type="checkbox"/> 6- Não se aplica <input type="checkbox"/> 9- Ignorado	<input type="checkbox"/> 1- Branca <input type="checkbox"/> 2- Preta <input type="checkbox"/> 3- Amarela <input type="checkbox"/> 4- Parda <input type="checkbox"/> 5- Indígena <input type="checkbox"/> 9- Ignorado	
	16 Escolaridade <input type="checkbox"/> 0- Analfabeto 1- 1ª a 4ª série incompleta do EF (antigo primário ou 1º grau) 2- 4ª série completa do EF (antigo primário ou 1º grau) 3- 5ª a 8ª série incompleta do EF (antigo ginásio ou 1º grau) 4- Ensino fundamental completo (antigo ginásio ou 1º grau) 5- Ensino médio incompleto (antigo colegial ou 2º grau) 6- Ensino médio completo (antigo colegial ou 2º grau) 7- Educação superior incompleta 8- Educação superior completa 9- Ignorado 10- Não se aplica				
	17 Número do Cartão SUS		18 Nome da mãe		
Dados de Residência	19 UF	20 Município de Residência	Código (IBGE)	21 Distrito	
	22 Bairro		23 Logradouro (rua, avenida,...)		
			Código		
	24 Número	25 Complemento (apto., casa, ...)		26 Geo campo 1	
	27 Geo campo 2		28 Ponto de Referência	29 CEP	
	30 (DDD) Telefone		31 Zona	32 País (se residente fora do Brasil)	
		1 - Urbana 2 - Rural 3 - Periurbana 9 - Ignorado			
<b>Dados Complementares</b>					
Dados da Pessoa Atendida	33 Nome Social		34 Ocupação		
	35 Situação conjugal / Estado civil <input type="checkbox"/>				
	1 - Solteiro 2 - Casado/união consensual 3 - Viúvo 4 - Separado 8 - Não se aplica 9 - Ignorado				
	36 Orientação Sexual		37 Identidade de gênero:		
1- Heterossexual 2- Homossexual (gay/lésbica)	3- Bissexual 8- Não se aplica 9- Ignorado	1- Travesti 2- Mulher Transexual	3- Homem Transexual 8- Não se aplica 9- Ignorado		
38 Possui algum tipo de deficiência/ transtorno? <input type="checkbox"/>		39 Se sim, qual tipo de deficiência /transtorno?			
1- Sim 2- Não 9- Ignorado		1- Sim 2- Não 8- Não se aplica 9- Ignorado			
		<input type="checkbox"/> Deficiência Física	<input type="checkbox"/> Deficiência visual	<input type="checkbox"/> Transtorno mental	
		<input type="checkbox"/> Deficiência Intelectual	<input type="checkbox"/> Deficiência auditiva	<input type="checkbox"/> Transtorno de comportamento	
Dados da Ocorrência	40 UF	41 Município de ocorrência	Código (IBGE)	42 Distrito	
	43 Bairro		44 Logradouro (rua, avenida,...)		
			Código		
	45 Número	46 Complemento (apto., casa, ...)		47 Geo campo 3	48 Geo campo 4
	49 Ponto de Referência		50 Zona	51 Hora da ocorrência	
			1 - Urbana 2 - Rural 3 - Periurbana 9 - Ignorado	(00:00 - 23:59 horas)	
52 Local de ocorrência		07 - Comércio/serviços	53 Ocorreu outras vezes?		
01 - Residência	04 - Local de prática esportiva	08 - Indústrias/construção	1 - Sim 2 - Não 9 - Ignorado		
02 - Habitação coletiva	05 - Bar ou similar	09 - Outro			
03 - Escola	06 - Via pública	99 - Ignorado	54 A lesão foi autoprovocada?		
				1 - Sim 2 - Não 9 - Ignorado	

Violência	55 Essa violência foi motivada por: 01-Sexismo 02-Homofobia/Lesbofobia/Bifobia/Transfobia 03-Racismo 04-Intolerância religiosa 05-Xenofobia 06-Conflito geracional 07-Situação de rua 08-Deficiência 09-Outros _____ 88-Não se aplica 99-Ignorado		
	56 Tipo de violência <input type="checkbox"/> Física <input type="checkbox"/> Psicológica/Moral <input type="checkbox"/> Tortura <input type="checkbox"/> Sexual	1-Sim 2-Não 9-Ignorado <input type="checkbox"/> Tráfico de seres humanos <input type="checkbox"/> Financeira/Econômica <input type="checkbox"/> Negligência/Abandono <input type="checkbox"/> Trabalho infantil	57 Meio de agressão <input type="checkbox"/> Força corporal/ espancamento <input type="checkbox"/> Enforcamento <input type="checkbox"/> Obj. contundente
Violência Sexual	58 Se ocorreu violência sexual, qual o tipo? 1-Sim 2-Não 8-Não se aplica 9-Ignorado <input type="checkbox"/> Assédio sexual <input type="checkbox"/> Estupro <input type="checkbox"/> Pornografia infantil <input type="checkbox"/> Exploração sexual <input type="checkbox"/> Outros _____		
	59 Procedimento realizado 1-Sim 2-Não 8-Não se aplica 9-Ignorado <input type="checkbox"/> Profilaxia DST <input type="checkbox"/> Profilaxia Hepatite B <input type="checkbox"/> Coleta de sêmen <input type="checkbox"/> Contracepção de emergência <input type="checkbox"/> Profilaxia HIV <input type="checkbox"/> Coleta de sangue <input type="checkbox"/> Coleta de secreção vaginal <input type="checkbox"/> Aborto previsto em lei		
Dados do provável autor da violência	60 Número de envolvidos 1 - Um <input type="checkbox"/> 2 - Dois ou mais 9 - Ignorado	61 Vínculo/grau de parentesco com a pessoa atendida 1-Sim 2-Não 9-Ignorado <input type="checkbox"/> Pai <input type="checkbox"/> Ex-Cônjuge <input type="checkbox"/> Amigos/conhecidos <input type="checkbox"/> Policial/agente da lei <input type="checkbox"/> Mãe <input type="checkbox"/> Namorado(a) <input type="checkbox"/> Desconhecido(a) <input type="checkbox"/> Padrasto <input type="checkbox"/> Ex-Namorado(a) <input type="checkbox"/> Cuidador(a) <input type="checkbox"/> Própria pessoa <input type="checkbox"/> Madrasta <input type="checkbox"/> Filho(a) <input type="checkbox"/> Patrão/chefe <input type="checkbox"/> Outros _____ <input type="checkbox"/> Cônjuge <input type="checkbox"/> Imão(ã) <input type="checkbox"/> Pessoa com relação institucional	62 Sexo do provável autor da violência 1 - Masculino <input type="checkbox"/> 2 - Feminino 3 - Ambos os sexos 9 - Ignorado
	63 Suspeita de uso de álcool 1-Sim <input type="checkbox"/> 2 - Não 9- Ignorado		
Encaminhamento	64 Ciclo de vida do provável autor da violência: <input type="checkbox"/> 1-Criança (0 a 9 anos) 3-Jovem (20 a 24 anos) 5-Pessoa idosa (60 anos ou mais) 2-Adolescente (10 a 19 anos) 4-Pessoa adulta (25 a 59 anos) 9-Ignorado		
	65 Encaminhamento: 1-Sim 2-Não 9-Ignorado <input type="checkbox"/> Rede da Saúde (Unidade Básica de Saúde, hospital, outras) <input type="checkbox"/> Conselho do Idoso <input type="checkbox"/> Delegacia de Atendimento à Mulher <input type="checkbox"/> Rede da Assistência Social (CRAS, CREAS, outras) <input type="checkbox"/> Delegacia de Atendimento ao Idoso <input type="checkbox"/> Outras delegacias <input type="checkbox"/> Rede da Educação (Creche, escola, outras) <input type="checkbox"/> Centro de Referência dos Direitos Humanos <input type="checkbox"/> Justiça da Infância e da Juventude <input type="checkbox"/> Rede de Atendimento à Mulher (Centro Especializado de Atendimento à Mulher, Casa da Mulher Brasileira, outras) <input type="checkbox"/> Ministério Público <input type="checkbox"/> Defensoria Pública <input type="checkbox"/> Conselho Tutelar <input type="checkbox"/> Delegacia Especializada de Proteção à Criança e Adolescente		
Dados finais	66 Violência Relacionada ao Trabalho 1-Sim 2-Não 9-Ignorado	67 Se sim, foi emitida a Comunicação de Acidente do Trabalho (CAT) 1-Sim 2-Não 8-Não se aplica 9-Ignorado	68 Circunstância da lesão CID 10 - Cap XX
	69 Data de encerramento		
<b>Informações complementares e observações</b>			
Nome do acompanhante		Vínculo/grau de parentesco	(DDD) Telefone
Observações Adicionais:			
<b>Disque Saúde - Ouvidoria Geral do SUS</b> 136		<b>TELEFONES ÚTEIS</b> Central de Atendimento à Mulher 180	<b>Disque Direitos Humanos</b> 100
Notificador	Município/Unidade de Saúde		Cód. da Unid. de Saúde/CNES
	Nome	Função	Assinatura